

**NOSLIN DE PAULA ALMEIDA**

**SEGMENTAÇÃO DO TURISMO NO PANTANAL  
SUL-MATO-GROSSENSE**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE - MS  
2002**

**NOSLIN DE PAULA ALMEIDA**

**SEGMENTAÇÃO DO TURISMO NO PANTANAL**

**SUL-MATO-GROSSENSE**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Local à Banca Examinadora, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adyr Balastrieri Rodrigues.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL**  
**MESTRADO ACADÊMICO**  
**CAMPO GRANDE - MS**  
**2002**

Ficha catalográfica

Almeida, Noslin de Paula  
Segmentação do turismo no pantanal sul-mato-grossense / Noslin de Paula  
Almeida / orientadora Adyr Balastreri Rodrigues. Campo Grande, 2003.  
135 f; il. : 30 cm; anexos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco. Programa de Pós-  
Graduação em Desenvolvimento Local  
Orientadora: Adyr Balastreri Rodrigues  
Bibliografia: f.129 - 135

1. Turismo rural 2. Pantanal sul-mato-grossense – Turismo 3. Turismo e  
Desenvolvimento local 4. Ecoturismo I. Rodrigues, Adyr Balastreri II. Título

CDD – 338.4791

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora - Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adyr Balastrieri Rodrigues

---

Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani

---

Prof. Dr. Paulo Roberto J3ia

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação aos meus pais Nilson Torraca de Almeida e Maria Cândida de Paula Almeida que incansavelmente me apoiaram na busca do conhecimento.

A minha esposa Sirlei Santin pelo carinho, paciência e dedicação dispensados nos momentos difíceis encontrados durante a pesquisa.

Aos meus alunos do Curso de Turismo, principal motivo de minha busca pelo aperfeiçoamento e qualificação.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Adyr Balastreri Rodrigues pela compreensão, paciência e orientação segura que nortearam meu caminho nesta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Milton Augusto Pasquoto Mariani por ter sempre acreditado e incentivado a continuidade e aprofundamento da pesquisa.

À Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, pelo apoio e oportunidade de crescimento científico com o ingresso na pós-graduação.

À Neusa S. Santin pelas palavras incentivadoras e orações de fé recebidas.

A Ligia Magalhães Braga pelas valiosas contribuições metodológicas da pesquisa e pela dedicação demonstrada.

A Jussara Mattos Souza pela demonstração de amizade e apoio em nossas empreitadas no turismo.

Ao LABGEO – Laboratório de Geoprocessamento da UCDB, especialmente o Prof. Ayr Trevisaneli Sales e Fábio Aires pela valiosa ajuda na elaboração dos mapas.

A Suelen Santin Alonso pela pronta contribuição acadêmica no auxílio com a língua inglesa.

*“O conhecimento evolui sempre”.*

(Adyr Balastrieri Rodrigues).

## **RESUMO**

Esta pesquisa que adota o turismo no espaço rural como tema principal, tem como objetivo conhecer e analisar a importância deste fenômeno na região do Pantanal, especificamente no Estado do Mato Grosso do Sul. A atividade turística ocupou um espaço de destaque na economia local com o desenvolvimento de diferentes segmentos como o turismo rural, ecoturismo, agroturismo e turismo ecológico. Em diferentes regiões do interior do Estado as comunidades autóctones foram inseridas em um cenário que vislumbrava o turismo como uma nova e promissora fonte de renda, e ainda com a possibilidade de ter o meio ambiente preservado em favor de uma atividade dita como sustentável. A trajetória do turismo no espaço rural no Mato Grosso do Sul possui características próprias de outras regiões do país onde já se desenvolveu. Porém, a forma de exploração da atividade turística, que coloca o meio ambiente e a população local como atores principais do processo, nem sempre lhes proporciona a melhoria desejada na qualidade de vida, assim como a preservação ambiental necessária. O reconhecimento do Pantanal como um destino eminentemente ecológico, nos leva a uma observação e reflexão críticas necessárias sobre os aspectos culturais do homem pantaneiro, muitas vezes prejudicado na oferta do produto turístico. Por fim, o turismo rural e o ecoturismo vêm como um segmento que busca agregar valor ao produto turístico com a valorização e inserção da cultura do homem pantaneiro, objetivando a busca de um desenvolvimento sustentável com base local.

**PALAVRAS CHAVE:** Turismo rural, ecoturismo, Pantanal e desenvolvimento local.

## **ABSTRACT**

This exploration that adopts the tourism in rural space how principal theme has like objective to know and analyse the importance of this phenomenon at the Pantanal's area, specifically in the state of Mato Grosso do Sul. The activity tourist has been occupied a deep space of conspicuousness at the economics chancery along the build-up of several segments like tourism bucolic, ecotourism, agricultural tourism and tourism ecologic. In several regions of the state's interior the the local communities was fill in a setting that glimmered the tourism like a new and promising font of income, nay along the possibility of bear the half-and -half ambient upheld in carte of a ado faying like tenable. The trajectory of tourism in the space bucolic of Mato Grosso do Sul owns proper characteristics of another regions where the country has already desenvolved. Otherwise the forms of exploring of the ado tourist, that embus the half-and-half ambient and the population chancery like principals actors of the process. Neither always them proportions the upswing wished at the affection of animation as the conservation ambiental necessary. The recognition of Pantanal like a destiny eminently ecologic in it takes them to a comment and reflection criticize necessaries on the actual aspects of the pantaneiro man. Again wronged at the proposition act proceeds tourist. Finally the agricultural tourism and the ecotourism come as a segment that it searches to add value to the tourist product with the valuation insertion of the culture of the pantaneira man, objectifying the search of a sustainable development with local base.

**KEY WORDS:** Agricultural tourism, ecotourism, Pantanal and local development.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Posição geográfica – Bacia do Alto Paraguai.....	20
Figura 2 – Localização do Pantanal nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.	23
Figura 3 – Pantanaís da Bacia do Alto Paraguai.....	34
Figura 4 – Hidrografia da Bacia do alto Paraguai.....	35
Figura 5 - Geomorfologia – Bacia do Alto Paraguai.....	41
Figura 6 – Vegetação – Bacia do Alto Paraguai.....	45
Figura 7 – O sobe e desce das águas .....	47

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Renda familiar mensal.....	105
Gráfico 2 - Modo de viagem .....	106
Gráfico 3 – Serviço de agência de viagens .....	106
Gráfico 4 – Motivo da viagem ao Mato Grosso do Sul .....	107
Gráfico 5 – Escolha do local .....	108
Gráfico 6 – Preferência dos atrativos .....	109
Gráfico 7 - Qualidade da infra-estrutura e serviços.....	111

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Vista aérea do Pantanal .....	24
Foto 2 – Homem pantaneiro.....	28
Foto 3 – Assoreamento do rio Taquari .....	30
Foto 4 – Porto de Corumbá-MS – Séc. XIX .....	36
Foto 5 – Rodovia transpantaneira .....	37
Foto 6 – Baias, vazantes, corixos e cordilheiras .....	43
Foto 7 – Comitiva pantaneira .....	115

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sistema de turismo .....	26
Quadro 2 - Desenvolvimento turístico sustentável no espaço rural .....	56
Quadro 3 – Implantação do turismo na localidade.....	57
Quadro 4 – Turismo de massa e turismo alternativo .....	64
Quadro 5 – Classificação de tipos de turismo .....	67
Quadro 6 – Atividades do agroturismo .....	73
Quadro 7 – Componentes do produto turístico rural.....	86
Quadro 8 – Atividades do turismo rural.....	87
Quadro 9 – Entradas de turistas no Mato Grosso do Sul por período do ano.....	99
Quadro 10 – A publicidade da Fazenda San Francisco.....	103
Quadro 11 – Fotos da Fazenda San Francisco.....	112
Quadro 12 – Fotos do Refúgio Ecológico Caimã .....	116
Quadro 13 – Fotos da Pousada Aguapé .....	121
Quadro 14 – Finalidades dos tipos de turismo .....	125

## **LISTA DE ANEXOS**

Anexo 1 – Questionário de Pesquisa de demanda.....	137
Anexo 2 – Roteiro de entrevistas.....	138
Anexo 3 – Ficha da Fazenda San Francisco – PDTUR.....	139
Anexo 4 - Ficha do Refúgio Ecológico Caimã – PDTUR.....	140
Anexo 5 – Ficha da Pousada Agupé – PDTUR.....	141
Anexo 6 – Imagem de satélite da Fazenda San Francisco .....	142

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	16
<b>CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO</b> .....	18
1. Importância do tema .....	18
2. Problematização.....	25
3. Procedimentos de pesquisa .....	28
4. Objeto de estudo.....	32
4.1. Pantanal da Nhecolândia .....	33
4.2. Corumbá – Portão de entrada do Pantanal.....	36
4.3. Uma breve caracterização climática.....	39
4.4. Características geomorfológicas.....	40
4.5. A paisagem da Bacia do Alto Paraguai.....	43
<b>CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	49
1. Discussão da Sustentabilidade em suas instâncias.....	50
2. Turismo e desenvolvimento Local .....	54
3. Turismo como alavanca para o desenvolvimento local com base sustentável ....	59
<b>CAPÍTULO III – O TURISMO NO ESPAÇO RURAL</b> .....	63
1. Visão panorâmica do turismo no espaço rural.....	63
2. Turismo rural.....	68
- Agroturismo.....	71
3. Turismo ecológico .....	75
- Ecoturismo.....	76

<b>CAPÍTULO IV – BREVE HISTÓRICO DO TURISMO RURAL NO BRASIL E</b>	
<b>NO MATO GROSSO DO SUL</b> .....	83
1. A inserção do turismo rural no contexto brasileiro .....	88
2. O turismo rural e o ecoturismo em Mato Grosso do Sul.....	91
2.1. Visão crítica da atividade turística .....	94
2.2. Demanda do turismo rural no Mato Grosso do Sul.....	95
- Principais segmentos.....	99
3. Estudo de casos .....	100
3.1. Fazenda San Francisco.....	102
3.2. Refúgio Ecológico Caimã .....	113
3.3. Pousada Aguapé .....	118
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	122
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	129
<b>ANEXOS</b> .....	136

## APRESENTAÇÃO

O turismo como atividade econômica vem se desenvolvendo ao longo dos anos em todo o mundo. A sua exploração passa por diferentes segmentos de turismo, alguns tradicionais e outros mais contemporâneos. Pelo dinamismo da atividade e diversidade da demanda, cada vez mais surgem novas formas de exploração do turismo, como o turismo rural que se destacou no cenário internacional e nacional há algumas décadas. O seu surgimento e expansão no Brasil ocorreu de forma rápida, e teve na pluralidade do meio rural seu maior aliado para diferenciar as generalidades exploradas pelo turismo rural de norte a sul deste país.

Com características distintas em todas as regiões do país, o meio rural foi cenário ideal para o surgimento de novos tipos de turismo, ou então de um hibridismo de tipos similares e de características parecidas sendo desenvolvidas em uma mesma região. Esta sobreposição e variedade de oferta de tipos de turismo surgem no Brasil em um momento em que o meio rural passava por um momento de instabilidade econômica, onde os proprietários rurais buscavam novas formas de aproveitamento de seu espaço e diversificação de sua renda, atuando em setores da produção de serviços.

O aumento do êxodo rural nas últimas décadas coloca o campo em uma posição delicada, pois cada vez mais ocorre o despovoamento da zona rural e conseqüentemente a aglomeração nos centros urbanos. Conforme dados do CENSO 2000, a população do Mato Grosso do Sul é hoje de 2.078.001 habitantes, sendo que 84% destes habitantes vivem na zona urbana e somente 15,95% da população do estado vive no meio rural. Esta é uma situação preocupante, pois Mato Grosso do Sul tem um potencial muito forte na agricultura e na pecuária, e os dados mostram que o espaço rural está sofrendo um processo de esvaziamento. O Mato Grosso do Sul ainda se encontra na média, pois no Brasil o total de população rural é de somente 16.693.022 habitantes, ou seja, 9,83 % da população total.

O turismo rural aparece como uma nova oportunidade para a diminuição do êxodo rural, levando uma alternativa de renda para o homem do campo. O cenário de exploração do turismo depende da permanência do homem no campo, pois as suas manifestações, costumes, culturas e características é que darão o diferencial ao produto de turismo rural, conforme citação:

*As diferenças entre lugares são resultados do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O valor de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles combinam.* (SANTOS, 1982, p.14).

O presente trabalho foi uma modesta tentativa de contribuir para o desenvolvimento sustentável do turismo no Mato Grosso do Sul, através de um estudo sistemático dos segmentos turísticos encontradas no espaço rural do Pantanal Sul-Mato-Grossense.

A preocupação inicial com a pesquisa baseou-se na busca da conceituação dos segmentos de turismo desenvolvidos, tendo como base o conhecimento empírico do autor e uma análise da bibliografia existente. O trabalho também apresenta uma análise crítica da prática do turismo no Pantanal buscando sempre uma contribuição para o estudo científico do turismo como uma alternativa de crescimento da atividade e aumento da qualidade de vida das populações autóctones.

A busca da bibliografia sobre os segmentos de turismo no meio rural foi concentrada nas publicações atuais sobre o tema em questão. Foi de fundamental importância o trabalho de Garms (1993) em sua tese de doutoramento “Pantanal: O mito e a realidade - Uma contribuição à Geografia” e de Pires (1998), com a tese “Ecoturismo no Brasil – Uma abordagem histórica e conceitual na perspectiva ambientalista”.

A bibliografia da pesquisa foi baseada em 2 focos principais, que são: O Pantanal com seus aspectos históricos e geográficos e o turismo de forma geral, com foco nas atividades desenvolvidas no espaço rural. A busca estendeu-se em publicações científicas, reportagens de jornais, revistas, artigos, documentos de empresas estatais e privadas, além de material promocional.

Para complementar a análise pretendida, foram realizadas diversas entrevistas com as autoridades públicas do Mato Grosso do Sul, responsáveis pelo incentivo à implantação do turismo rural no estado, com os operadores de turismo responsáveis pela elaboração e comercialização do produto turístico do Pantanal e também com os proprietários de atrativos voltados para a oferta do turismo rural e ecológico.

# **CAPÍTULO I**

## **INTRODUÇÃO**

### **1. IMPORTÂNCIA DO TEMA**

O turismo é um fenômeno que vem conquistando ao longo do tempo importante destaque no setor econômico e social em todo o mundo. Movimenta cada vez mais um número maior de pessoas, proporcionando intensa circulação de capital entre os mercados mundiais e representando importante fonte de geração de renda, de empregos e de divisas para vários países, transformando sensivelmente os padrões de comportamento da sociedade, que busca cada vez mais o direito ao lazer.

O turismo tornou-se um fenômeno tão marcante no século XX que, segundo previsões feitas por especialistas e organismos de turismo, ele se constituirá na primeira atividade mundial em termos de receita e no maior empregador de mão-de-obra. Exerce um grande fascínio pela possibilidade de pessoas se deslocarem cada vez mais à procura de novos destinos, e a buscarem novos produtos turísticos para o lazer ativo e a contemplação.

O turismo desenvolvido em ambientes naturais é um importante produto que atende a uma demanda cada vez mais crescente e exigente. A atividade do turismo tem um papel estratégico para contribuir no desenvolvimento econômico, social, ecológico, e ambiental do local. Os lugares naturais preservados estão passando por transformações e adaptações para receber visitantes temporários que pressionam o mercado para que surjam lugares agradáveis e exóticos a fim de atender suas necessidades e satisfazer seus desejos.

Atualmente, a preocupação com a legislação vem crescendo, visando sempre a proteção do meio ambiente, com o objetivo de preservá-lo e conservá-lo para o uso coletivo e para as gerações vindouras; colocando-o acima dos interesses de privilégios imediatos e

individualistas, cabendo ao poder público e à coletividade a responsabilidade dessa tarefa<sup>1</sup>. Entretanto, a ação do homem na expansão das atividades econômicas que satisfazem suas necessidades, cada vez mais crescentes e variadas, leva muitas vezes, a transformar de maneira desequilibrada o meio ambiente natural.

A comunidade dos núcleos turísticos locais não tem a oportunidade de acompanhar o processo de exploração turística que acontece de forma acelerada em um núcleo receptor com potencial para a atividade. O turista praticante do turismo ecológico é visitante temporário em um determinado ambiente natural, e tem a consciência de que além da concessão para explorar o local, ele também ficaria satisfeito em saber que o autóctone participa do processo de exploração do turismo ao se beneficiar social, cultural e economicamente da atividade.

Conhecer o ambiente alvo de exploração, tanto através da bibliografia disponível, como “*in loco*” leva a ampliar o conhecimento anteriormente pesquisado e facilita a elaboração de um inventário das aptidões do local. O fato, é que conhecer os costumes, a cultura e as atividades de subsistência da comunidade é importante, pois facilitará o seu aproveitamento na atividade econômica do turismo.

A exploração turística muitas vezes se deixa levar por um processo que visa atender especificamente à demanda, através da exploração de recursos naturais da região de uma forma inadequada e desordenada em favor de um lucro imediato. Entende-se que a única forma de se manter a atividade turística integrada na comunidade, é optar por um desenvolvimento sustentável ordenado.

Os destinos com potencialidade possuem os recursos necessários para explorar o turismo de forma sustentável. A comunidade em geral, como parte do lugar, pode contribuir para a permanência da demanda no local através da oferta de sua cultura, usos e costumes. Há que se confiar na capacidade de desenvolvimento das comunidades locais, na identificação dos seus problemas e na tentativa de soluções originais.

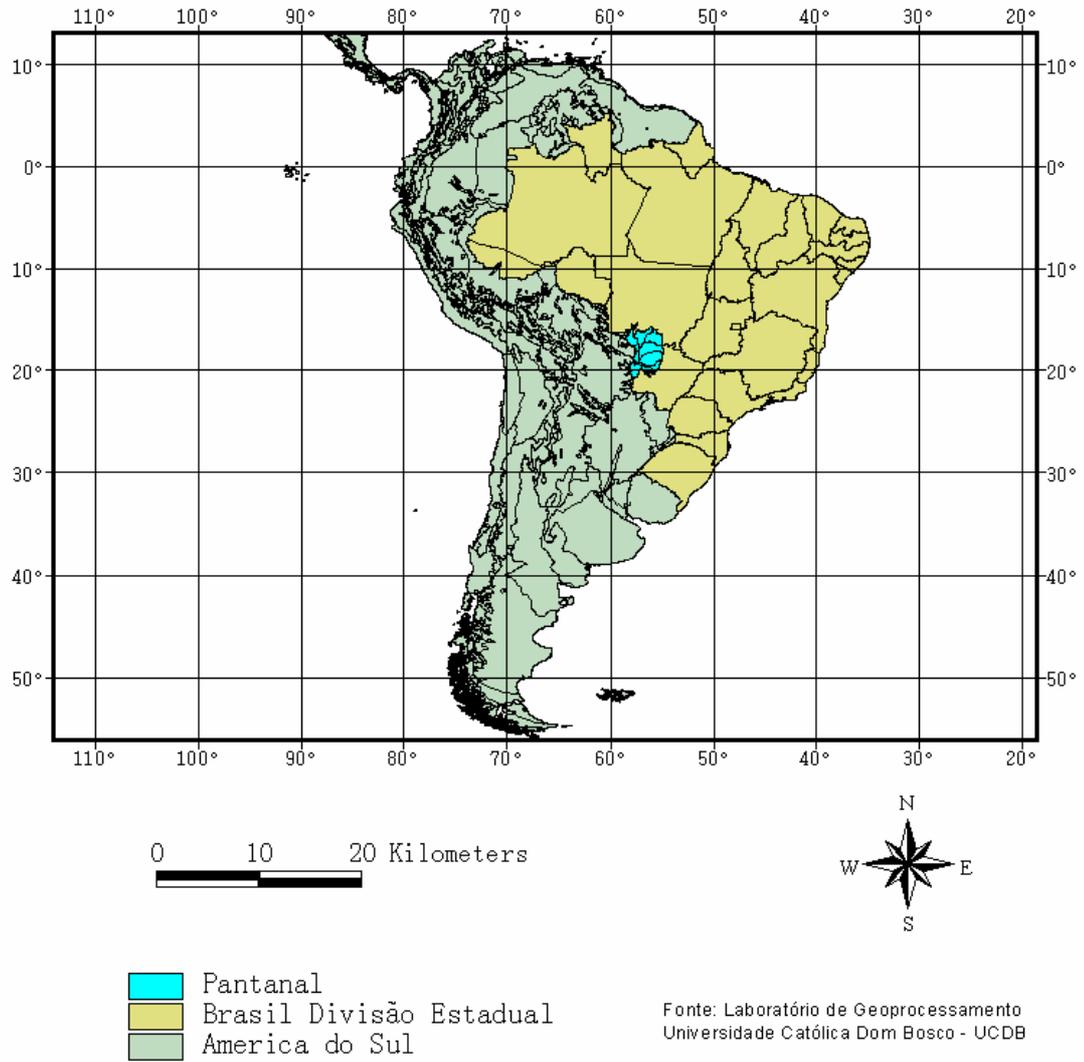
A valorização cultural da comunidade é parte importante no processo e a sua preservação vai depender da evolução da atividade no local. Os ganhos e as evoluções que as comunidades têm são mensuradas com a melhoria cultural, benefícios em infra-estrutura, crescimento educacional, econômico e aspectos que a comunidade julgue importantes.

---

<sup>1</sup> Cap. VI do Título VIII da Ordem Social da Atual Constituição.

Figura 1

### POSIÇÃO GEOGRAFICA - BACIA DO ALTO PARAGUAI



Dentro do contexto nacional, Mato Grosso do Sul, conforme Figura 1, apresenta-se como local expoente no que diz respeito à qualidade de atrativos turísticos. Possui o Pantanal, forte detentor de um poder de atração, e por sua vez carente de proteção e exploração de uma forma sustentável, que para Guimarães (1996, p.49) é o desenvolvimento em que visa “a manutenção do estoque de recursos e da qualidade ambiental para a satisfação das necessidades básicas das gerações futuras e atuais”.

O desenvolvimento sustentável do turismo de um determinado espaço requer mais do que boa vontade e iniciativas próprias, individuais ou comunitárias, passando por um planejamento enquanto uma ação estatal, com objetivos claros e definidos, articulados em seus aspectos sociais, culturais, políticos, institucionais, ecológicos e demográficos. Mais do que preservar e conservar o Pantanal como recurso natural, busca-se uma forma de utilização sustentável e responsável para ofertá-lo como atrativo turístico, objetivando sempre uma melhoria da qualidade de vida da população, agregando valores às atividades econômicas desenvolvidas e praticadas localmente.

Na busca de uma pesquisa descritiva analítica dos segmentos de turismo praticados nesta região, foram excluídos o turismo de pesca e todas as suas modalidades e analisados alguns segmentos de turismo em áreas rurais que estão presentes na região, como o ecoturismo, turismo ecológico, agroturismo e turismo rural. Embora os dois segmentos de maior destaque sejam o turismo ecológico e o turismo rural, foram também estudados outros dois segmentos como uma variação dos demais, com várias similaridades.

Analisou-se nesta pesquisa os tipos de turismo que surgiram nas últimas décadas, ressaltados como segmentos contemporâneos de deslocamento e de lazer. Esses tipos de turismo se destacaram como objeto desta pesquisa, acreditando-se ser esta uma região privilegiada pelas suas qualidades e potencialidades para um turismo diferenciado, que atenda aos anseios da população e que se preocupe com a sua preservação.

O estudo destes segmentos de turismo também é justificado pela necessidade de uma classificação dos tipos e formas de turismo praticados no Mato Grosso do Sul, conforme Figura 2. Observa-se que diferentes destinos e atrativos turísticos divulgam seus produtos em materiais publicitários com a mesma denominação, mas na prática as atividades são diferenciadas. Para tentar uma classificação inicial destes tipos e formas de turismo foi aprofundada a pesquisa bibliográfica existente.

Acredita-se que a oferta em conjunto de vários tipos e formas de turismo beneficia o atrativo como um todo, e ainda complementa a força de atração do destino junto ao mercado nacional e internacional, aumentando o leque de atração da demanda a ser atingida. Portanto, nesta pesquisa buscou-se expor algumas preocupações que nos instigava enquanto pesquisador: qual o produto adequado para atender a demanda que chega ao local, aproveitando todo o potencial do atrativo Pantanal ?.

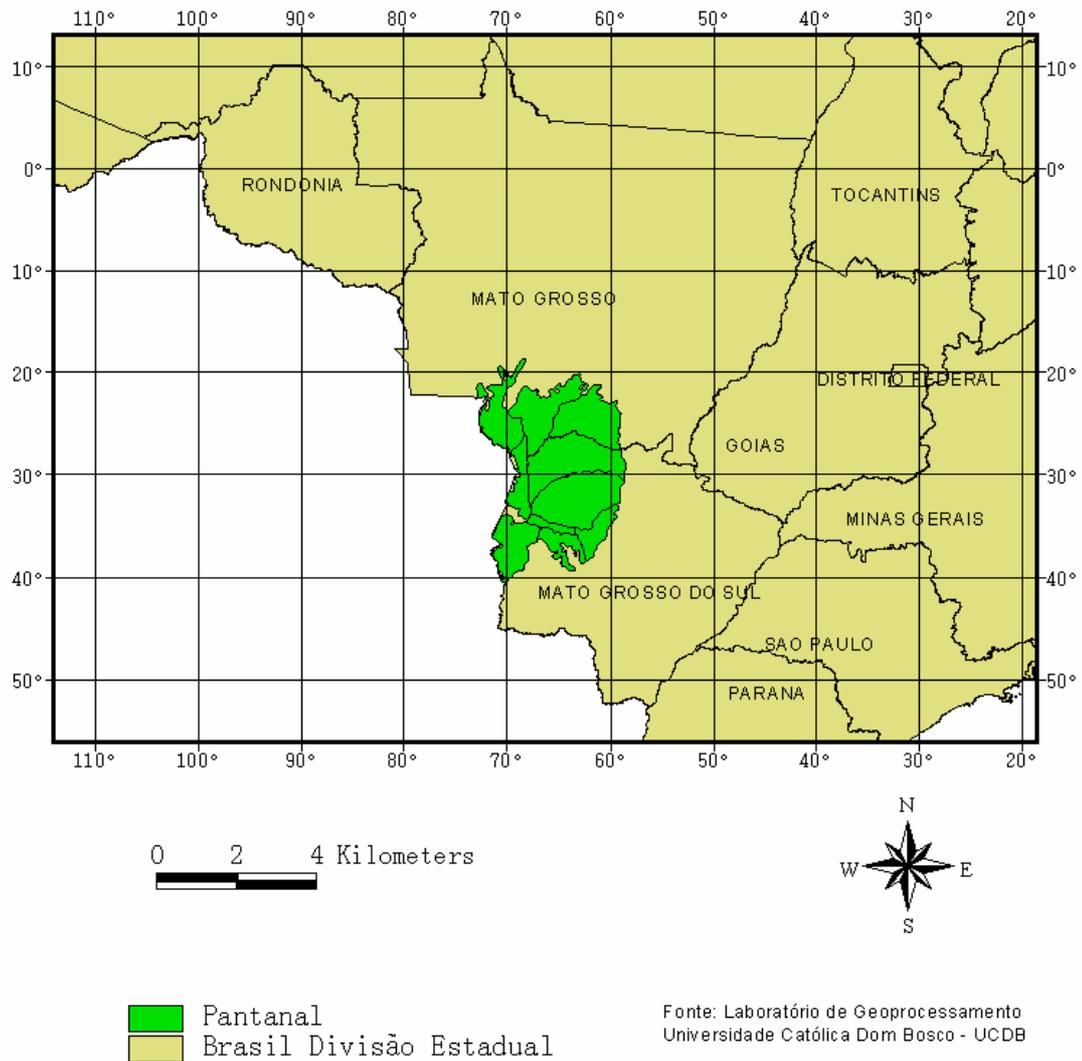
A investigação realizada para levantar dados da exploração do turismo em áreas rurais partiu inicialmente da análise de dois segmentos de turismo praticados no Estado. Um deles é o turismo rural que teve sua implantação iniciada no Mato Grosso do Sul no ano de 1995 quando o SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Pequena Empresa, em parceria com o governo do Estado, começou o processo de fomento do modelo desenvolvido aplicado em Santa Catarina com sucesso.

Como consequência desta iniciativa, o turismo rural se desenvolveu em 3 municípios do estado com características geográficas distintas: A Fazenda Jatobá de propriedade de Rufino Kuhnen, localizada no município de Jardim, a Fazenda Aguapé de propriedade de João Idelfoncio e Pousada Carandá, localizada no município de Aquidauana e ainda Fazenda San Francisco de propriedade de Roberto Coelho, ambas localizadas na região do Pantanal, conforme relato de Arnaldo Leite Gerente do SEBRAE-MS em entrevista gravada em 07/14/2002.

O segundo segmento de turismo que o Mato Grosso do Sul explora há muitos anos é o turismo ecológico, principalmente na região do Pantanal e Bonito. Esta atividade vem sendo explorada de forma crescente no Pantanal, porém não há registro de quando se iniciou e se existia uma consciência de que esta era uma atividade que deveria ser praticada da forma que se conhece atualmente. Várias foram as ações iniciais de ofertar o turismo ecológico em Mato Grosso do Sul. As propriedades tradicionais e estruturadas do Pantanal eram visitadas por turistas privilegiados que por motivos de amizade conheciam as belezas do local, e posteriormente, ainda de forma tímida iniciaram a exploração profissional, mas sem grandes campanhas comerciais.

Figura 2

### LOCALIZAÇÃO DO PANTANAL NOS ESTADOS DE MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL



Portanto, estes dois segmentos de turismo são explorados em áreas geográficas distintas. Ao enfatizar o Pantanal na pesquisa, observa-se a região da Nhecolândia e também o seu entorno, onde se encontra a área de transição entre o Pantanal e o Cerrado, na qual localizam-se as principais pousadas pantaneiras para a prática do ecoturismo e turismo rural.

O Pantanal possui um cenário privilegiado para a prática do turismo ecológico, considerando sua exuberante fauna e flora. O cerrado é ideal para a prática do turismo rural, considerando a predominância de uma das principais atividades econômicas, que é a pecuária. Além destas características, tanto as áreas geográficas onde ocorre, quanto o turismo praticado no local, tem muitas especificidades em comum. A exploração do turismo rural e ecológico tem como componente da oferta a questão cultural do local, e tanto o Cerrado como o Pantanal possuem um processo histórico de ocupação que constitui um rico cenário para o desenvolvimento do turismo.

Foto 1 – Vista aérea do Pantanal



Fonte: <http://www.pantanalnet.com.br>

O Pantanal como atrativo turístico possui ainda uma infra-estrutura insatisfatória para receber uma demanda de nível nacional e internacional. No seu ambiente rural estão incluídas as áreas produtivas com cultivos, criação de animais e abundância da fauna típica do local, e no ambiente construído encontram-se a infra-estrutura adaptada para dar suporte ao visitante. Portanto, a oferta do produto natural sempre será composta com elementos do ambiente rural impressos pela cultura do homem pantaneiro.

Em termos gerais, o turismo praticado no espaço rural assenta-se em uma série de atividades que podem ser a motivação de uma grande parte da demanda turística como, por exemplo, o turismo cultural, turismo de pesca, turismo de aventura e turismo desportivo. É possível observar a capacidade de exploração de várias atividades dentro do turismo rural e ecológico. Com base em diversas leituras dos autores Joaquim Almeida (2000), Olga Tulik (1997), Adyr B. Rodrigues (1997, 1999, 2000 e 2001), Doris Ruschmann (1997) e Anderson Portuguez (1999), pode-se afirmar que o turismo em espaço rural compõe-se de: turismo rural, ecoturismo, turismo aventura, turismo cultural e turismo esportivo.

## **2. PROBLEMATIZAÇÃO**

A pesquisa buscou responder a um questionamento surgido após o período de início da implantação do turismo rural no Mato Grosso do Sul. Inicialmente esta implantação se deu somente em áreas localizadas no entorno físico do Pantanal, área de transição entre o cerrado e o Pantanal. Entretanto, com a divulgação desta implantação e com o aumento de proprietários rurais interessados, começaram a surgir propriedades localizadas em áreas características do Pantanal e com interesse de investimento no turismo rural. Este interesse fez com que surgisse o seguinte questionamento: Até que ponto este tipo de turismo iria beneficiar o Pantanal, ou se compensaria investir neste tipo de turismo, uma vez que o Pantanal já possuía o seu segmento de turismo definido e implantado, com uma grande demanda real e com um marketing visivelmente mais forte na divulgação do turismo ecológico.

A região do Pantanal Sul-Mato-Grossense e o seu entorno físico é sem dúvida, uma das áreas mais privilegiadas no mundo em termos de abundância de recursos naturais. Entretanto, a sua acessibilidade é um empecilho para a efetiva exploração turística. É salutar a importância que o Pantanal tem para a economia local, pois em sua área encontra-se grande

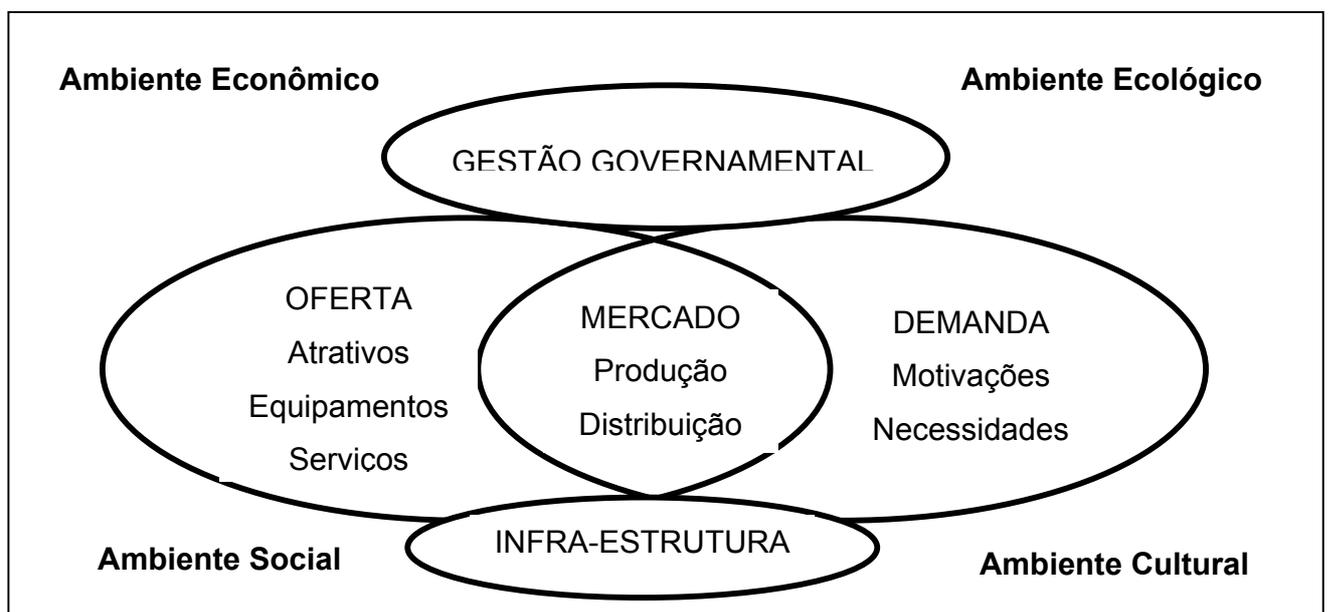
parte das cabeças de gado, que formam a base da economia do Mato Grosso do Sul há mais de 200 anos.

O turismo surge como um importante instrumento de desenvolvimento baseado em atitudes ecologicamente sustentáveis, em um processo que visa primeiramente a qualidade de vida de quem vive na região passível de aproveitamento turístico.

Portanto, o Pantanal possui vida e características próprias que podem contribuir tanto para o turismo rural, quanto para o turismo ecológico, reunindo assim em um mesmo local duas das maiores expressões de exploração turística do estado de Mato Grosso do Sul.

Considera-se a atividade turística como um conjunto de ações, devendo ser avaliada não somente quanto às características econômicas, mas dentro de uma visão holística na busca de sua compreensão, embasada em análise dos ambientes ecológico, cultural, social e também econômico.

Quadro 1 – O sistema de turismo



Fonte: BENI (1998, pg 42 e 48) Adaptado pelo autor

No Quadro 1, adaptado de Beni (1998, p. 42 e 48), observa-se o sistema de turismo desenvolvido pelo autor que pode ser aplicado ao objeto de estudo desta pesquisa, analisando-se também o relacionamento com os aspectos ecológicos, econômicos, sociais, culturais e

também os agentes de atuação do mercado turístico verificadas as características da demanda e da oferta.

Tomamos como base o texto extraído do PCBAP- Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (1993) onde há uma análise do processo produtivo do turismo:

*O perfil do espaço Sul-Mato-Grossense do turismo é caracterizado e explicado tendo-se em conta a própria segmentação tradicional do processo produtivo (produção, circulação, distribuição e consumo), mas que está extremamente relacionado às possibilidades diretamente oferecidas pelo meio natural e à evolução e desenvolvimento industrial e urbano, principalmente do Sudeste e Sul brasileiros, na medida em que passa a constituir-se opção para a realização do lazer, necessidade fundamental para o homem contemporâneo, produto, principalmente, das conquistas sociais. (PCBAP – Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai-Pantanal, 1993, p.622)*

O turismo vem se desenvolvendo paulatinamente no Mato Grosso do Sul há mais de três décadas. Cada segmento oferecido foi se adaptando à realidade local para que pudesse progredir. Estas atividades se desenvolveram de forma heterogênea, e hoje possuem valores diferenciados para a demanda que busca o destino com motivações rurais e ecológicas.

A sobreposição destas atividades em um mesmo espaço geográfico, de forma alguma prejudica a exploração do turismo como um todo. Entretanto, pode-se questionar o interesse da demanda que vem ao Pantanal e qual das atividades é mais procurada e mais desfrutada.

Alguns questionamentos são colocados de forma mais objetiva, buscando o levantamento de dados e contribuição para o resultado final da pesquisa. Há um entendimento de que a simples localização geográfica de uma propriedade no Pantanal lhe dá requisitos suficientes para explorar o turismo ecológico.

Pode-se inventariar a composição do produto turístico de uma propriedade praticante de turismo rural e analisar a oferta de itens característicos do turismo ecológico sendo oferecidos para uma demanda praticante de turismo rural. É importante também fazer um levantamento do grau de importância da comunidade, da cultura local e das atividades do dia-a-dia rural em um ambiente de exploração do turismo ecológico. Serão analisados ainda outros componentes na pesquisa tais como, o levantamento da oferta turística do Pantanal, os meios de acesso e a infra-estrutura complementar do turismo.

Por fim, será possível afirmar que todos estes questionamentos são de suma importância para a exploração do turismo de forma sustentável no Pantanal Sul-Matogrossense e seu entorno.

Foto 2 – Homem pantaneiro



Fonte: Guia Ecológico Brasil – Pantanal-MS – Guia nº 4 – nº 1

### **3. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA**

A exploração turística do Pantanal iniciou-se na década de 1960, com a prática da pesca de forma intensiva. Conhecido mundialmente como destino de pesca, com rios fartos, o Pantanal passa a representar o cenário nacional como destino turístico de pesca. Mato Grosso do Sul contabiliza a pesca como uma atividade turística rentável, e o empresariado vê nesta atividade uma oportunidade de investimento. Os municípios localizados às margens dos rios mais piscosos começam a receber infra-estrutura para melhorar a receptividade para o desenvolvimento do turismo de pesca.

Municípios como Corumbá, Coxim, Miranda, Porto Murtinho e Aquidauana destacam-se como núcleos receptores de uma demanda crescente de pescadores que cada vez mais procuram o Estado para a prática da pesca amadora.

A atividade pesqueira no Estado, apesar de ser caracterizada como amadora traz ao longo dos anos um desgaste acentuado, a ponto de a ausência de planejamento e descontrolada na fiscalização causar enormes prejuízos ambientais que hoje chegam a ser irreversíveis.

O Estado vem no decorrer dos anos buscando adequar a legislação de pesca à exploração da atividade. A cota de pescado permitida por cada pescador diminuiu para que não se esgote o recurso pesqueiro. Entretanto, a não preservação das margens dos rios e o desmatamento acelerado do cerrado para a prática da agricultura, trouxeram para os rios problemas ambientais e de difícil recuperação.

Hoje, a escassez de pescado em Mato Grosso do Sul não é apenas uma questão de quantidade, e sim da qualidade dos rios. O habitat natural dos peixes sofreu ao longo dos anos uma depredação criminosa a ponto de serem encontrados rios afluentes do Pantanal completamente assoreados devido à exploração da agricultura e pecuária extensiva, impossibilitando a sobrevivência da fauna aquática. A questão de aumento da quantidade de peixes nos rios do Mato Grosso do Sul somente será resolvida no momento em que tivermos nossos rios em perfeitas condições para a sobrevivência das espécies.

Paralelamente à atividade pesqueira, Mato Grosso do Sul vinha recebendo timidamente uma demanda turística interessada em observar as belezas naturais no Pantanal, especificamente a fauna e a flora. O turismo ecológico iniciou-se de forma tímida e passou para uma posição de destaque na economia estadual. A exploração do turismo de forma comercial no Pantanal teve início na década de 1980, aproveitando os aventureiros que aos poucos chegavam buscando novos destinos no Estado.

Atualmente, considerada a principal demanda do turismo Sul-matogrossense, destaca-se pela qualidade dos turistas, em relação aos pescadores que ainda buscam a pesca no Estado. O governo do Estado ainda não possui dados seguros para informar as principais motivações dos turistas que aqui chegam. Entretanto, sabe-se que a maioria dos turistas que atingem o Mato Grosso do Sul busca a prática do turismo de pesca. Em 2001, segundo dados oficiais, o Mato Grosso do Sul recebeu aproximadamente 1.600.000 turistas entre eles, os pescadores e ecoturistas.

Foto 3 – Assoreamento do rio Taquari



Fonte: <http://www.pantanalnet.com.br>

Para o levantamento de dados da pesquisa foram adotadas como parâmetros as entrevistas com os proprietários dos atrativos, operadores de turismo e uma pesquisa de demanda por amostragem, aplicada em um único atrativo escolhido por suas características específicas, considerando ser a mais adequada para a obtenção de respostas.

Existe uma carência de dados sobre a demanda turística do Mato Grosso do Sul. A busca por dados nos órgãos estaduais e municipais, durante o período da pesquisa não obteve sucesso, até mesmo os proprietários de atrativos desconhecem cientificamente qual o perfil de seu público consumidor. Foi possível levantar algumas características através de entrevistas com os proprietários que traçaram empiricamente o perfil que imagina de seu público, colhido através da convivência diária com os turistas.

A maior fonte de pesquisa científica de pesquisa de demanda turística do Pantanal foi feita em 1993 por Armando Garms, registrada em sua tese de Doutorado, defendida na USP - Universidade de São Paulo. Apesar de muito importante para o desenvolvimento do turismo na região, devemos fazer algumas considerações a respeito desta pesquisa.

O autor classifica basicamente 2 tipos importantes de demanda turística que chega ao Pantanal, que é a demanda do turismo recreacional cultural e a demanda do turismo recreacional esportivo, sendo que em sua análise, considera que:

*... o turismo recreacional cultural é realizado com o objetivo de aumentar os conhecimentos sobre a região e satisfazer as necessidades de lazer, tanto do ponto de vista da distração em si, quanto da reposição da capacidade física e mental daqueles que o realizam. (GARMS, 1993, p.192).*

Nesta visão do autor, percebe-se que estes conceitos aproximam-se do que é conhecido hoje como turismo ecológico. Ainda na classificação do autor:

*... o turismo recreacional esportivo é realizado para a satisfação de um “hobbie” que é a pesca, permitindo, ao mesmo tempo, através de uma condição de relaxante de cansaço e atribuições das atividades profissionais, a recuperação da capacidade física mental daqueles que o praticam. (GARMS, 1993, p. 199).*

Reconhece ainda que existem mais dois tipos menos expressivos que é o turismo educacional, que é feito por estudantes universitários ou dos cursos de segundo grau, e aqueles realizados por pessoas no exercício de atividades profissionais ou que estão participando de congressos e eventos culturais.

Em termos gerais esta pesquisa ainda representa significativa importância para a compreensão do turismo, principalmente o de pesca, a ponto de recentemente ser utilizada como referência no Programa Pantanal e no GEF Pantanal – *Global Enviromental Fund* (Fundo Mundial do Meio Ambiente), devido à ausência de pesquisas, conforme citado anteriormente.

A infra-estrutura dos equipamentos de turismo levantada foi um enfoque muito importante na pesquisa, mas eram essencialmente utilizadas por uma demanda de pescadores. Os empreendimentos para atender os ecoturistas foram sendo implantados em substituição aos existentes que serviam somente para atender a demanda de pesca. Favorecido pela disponibilidade de exploração durante todo o período do ano, o turismo ecológico foi se consolidando e buscando suprir a deficiência da exploração da pesca que passa a ser sazonal em função do período da Piracema adotado pelo governo do Estado na tentativa de preservar as espécies.

As visitas realizadas *in loco* nos receptivos turísticos do Pantanal serviram para conhecer a realidade da infra-estrutura oferecida e apreciar a convivência entre o turista e o homem pantaneiro. As operadoras de turismo contribuíram com uma visão generalista sobre a demanda turística do Pantanal interessada na prática do turismo ecológico, ressaltando as

variações da sazonalidade da demanda em função das épocas de cheia e baixa, bem como o período de férias nos grandes centros emissores de turistas para a região.

A exploração do turismo no Mato Grosso do Sul deve ser enfatizada com base no turismo ecológico e na pesca esportiva. Gradativamente, os pescadores que buscam a pesca exploratória deverão ser substituídos pelo praticante da pesca esportiva, considerada menos prejudicial.

A necessidade de incentivar a mudança do pescador que busca a prática do turismo de pesca é necessária, pois além de atender à legislação vigente e preservar nosso recurso pesqueiro, ocasionará uma melhora na qualidade da demanda e aumento no ingresso de divisas na economia local. O turista que busca a pesca esportiva e com o intuito de lazer, sem preocupação em retornar ao seu estado com a cota de pescada máxima permitida, é considerado um turista mais consciente e preocupado com a preservação dos recursos naturais.

#### **4. OBJETO DE ESTUDO**

O rio Paraguai que nasce no Centro-Oeste brasileiro faz parte da bacia do Paraguai, que é uma das mais importantes da América do Sul, estendendo-se através de mais 3 países, Argentina, Bolívia e Paraguai. Outro importante rio da bacia do Paraguai é o rio Paraná, que também nasce em território brasileiro. Totalizando uma área de 360.000 km<sup>2</sup>, a bacia hidrográfica do Alto Paraguai é dividida em duas partes: a parte superior conhecida como planalto e a parte inferior conhecida como Pantanal.

Além de outras características, o que diferencia as duas partes da bacia do Paraguai é o grau de declive dos rios que é de 6 cm/ Km na parte superior e não chega a 3 cm/Km na parte inferior, fazendo com que diminua a capacidade de escoamento, inundando parte da planície e caracterizando o que chamamos de Pantanal.

Na figura 4 visualiza-se a localização da área da Bacia do Alto Paraguai, onde se encontra o Pantanal em território brasileiro, estendendo-se pelos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Por sua magnitude e importância ambiental, o Pantanal Sul-Matogrossense é amplamente estudado por diferentes áreas acadêmicas. Para efeitos metodológicos, adotamos a classificação de Adamoli que divide o Pantanal em outros 10 pantanais (Figura 3), cada um com suas particularidades e características. São delimitados pelo traçado hidrográfico dos seus principais rios e foram denominados em Pantanal de

Nhecolândia, Aquidauana, Barão de Melgaço, Cáceres, Paiaguás, Abobral, Miranda, Nabileque, Paraguai e Poconé. Esta divisão foi escolhida por classificar a região da Nhecolândia que é a área mais procurada pelos turistas que chegam ao Mato Grosso do Sul. Devido a sua localização e por ser o maior de todos os setores da região, foi a região estudada. A maioria das pousadas de turismo rural e ecológico está localizada no Pantanal da Nhecolândia.

A área localizada entre o Pantanal e o Cerrado é conhecida como área de transição e possui características mescladas das duas áreas. Tem semelhanças com o Pantanal, mas não sofre tanto com as inundações e por sua vez a área de planície possui características completamente diferentes do Pantanal. O complexo da serra de Maracajú divide a planície do planalto e corta o estado de Norte a Sul.

#### 4.1. PANTANAL DA NHECOLÂNDIA

A presente pesquisa foi realizada na região do Pantanal conhecida como Nhecolândia, localizada entre os rios Aquidauana e Taquari, nos municípios Aquidauana, Miranda, Corumbá e Coxim. Todos os municípios são localizados na região sul do Pantanal e conhecidos nacionalmente como porta de entrada do Pantanal. Possui uma área que se estende desde a região do Cerrado até o Pantanal Sul-Matogrossense.

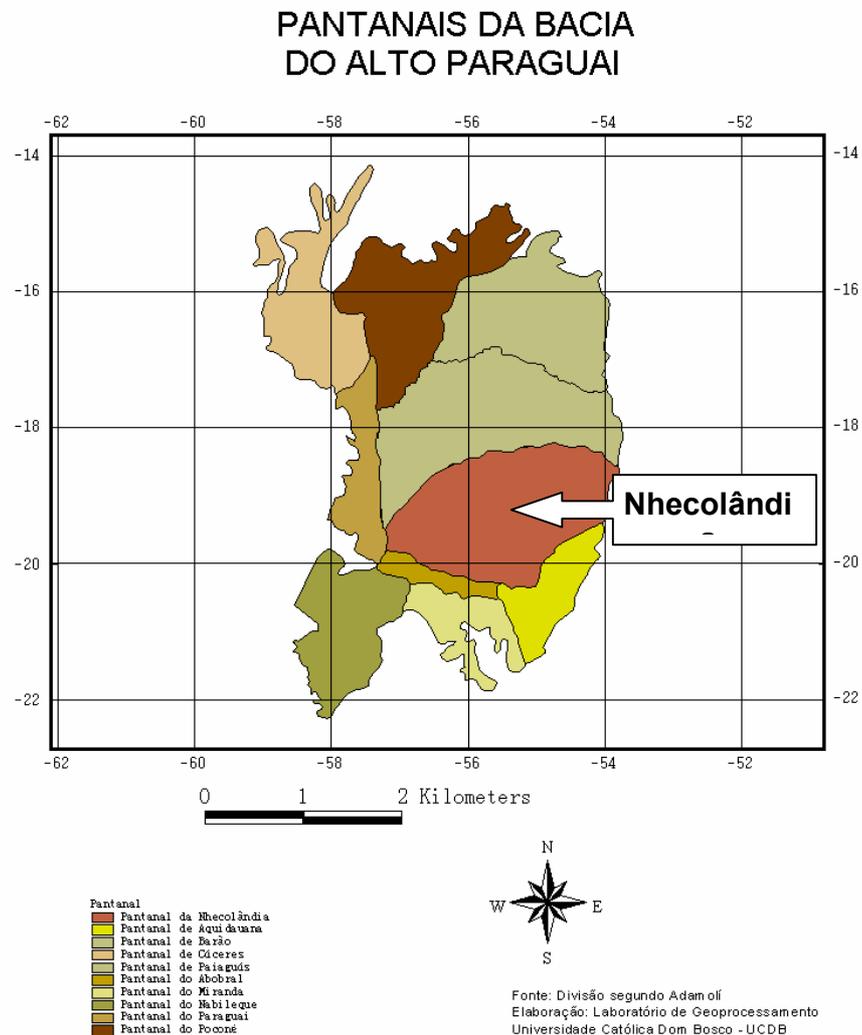
Para explicar o nome Nhecolândia, foi extraído o texto de Barros<sup>2</sup> (1998, p.93) disponível na *home page* da Pousada Mangabal na *internet*.

---

<sup>2</sup> Para se entender melhor a história da colonização na região da Nhecolândia, temos que fazer uma viagem no tempo mais exatamente, no século XIX. Em 1845 casam-se em Poconé, MT, Joaquim José Gomes da Silva e Maria da Glória Pereira Leite, ela filha dos proprietários da rica Fazenda Jacobina, ele apesar de ser seu primo, era pobre e filho do pároco da fazenda, o padre Gomes.

Dois anos após o casamento o casal muda-se para Corumbá, MS, onde fundam a Fazenda Piraputangas, com muitos escravos, várias casas de telhas, alambique, plantações e criação de gado. Joaquim José Gomes da Silva recebe em 1862 o título de Barão de Vila Maria. Em 1864 tem início a Guerra do Paraguai e a invasão de Corumbá, com as fazendas saqueadas e destruídas pelos paraguaios. Em 1876 a bordo do navio Madeira o barão morre aos 51 anos. Dois anos após sua morte, seu filho Joaquim Eugênio Gomes da Silva, o Nheco, casa-se na Vila de Nossa Senhora do Livramento, MT, com Maria Mercedes Leite de Barros e volta para Corumbá com propósito de recuperar os direitos sobre o que restou da herança do barão. Após sua chegada em Corumbá, Nheco constata que as únicas terras de seu pai que sobraram, após o pagamento das dívidas, foram as terras da Fazenda Firme. Nheco contrata alguns bugres conhecedores da região e parte com sua família para localizar o local exato da Fazenda Firme, que fora destruída pelos paraguaios durante a guerra, era o ano de 1880. Após

Figura 3

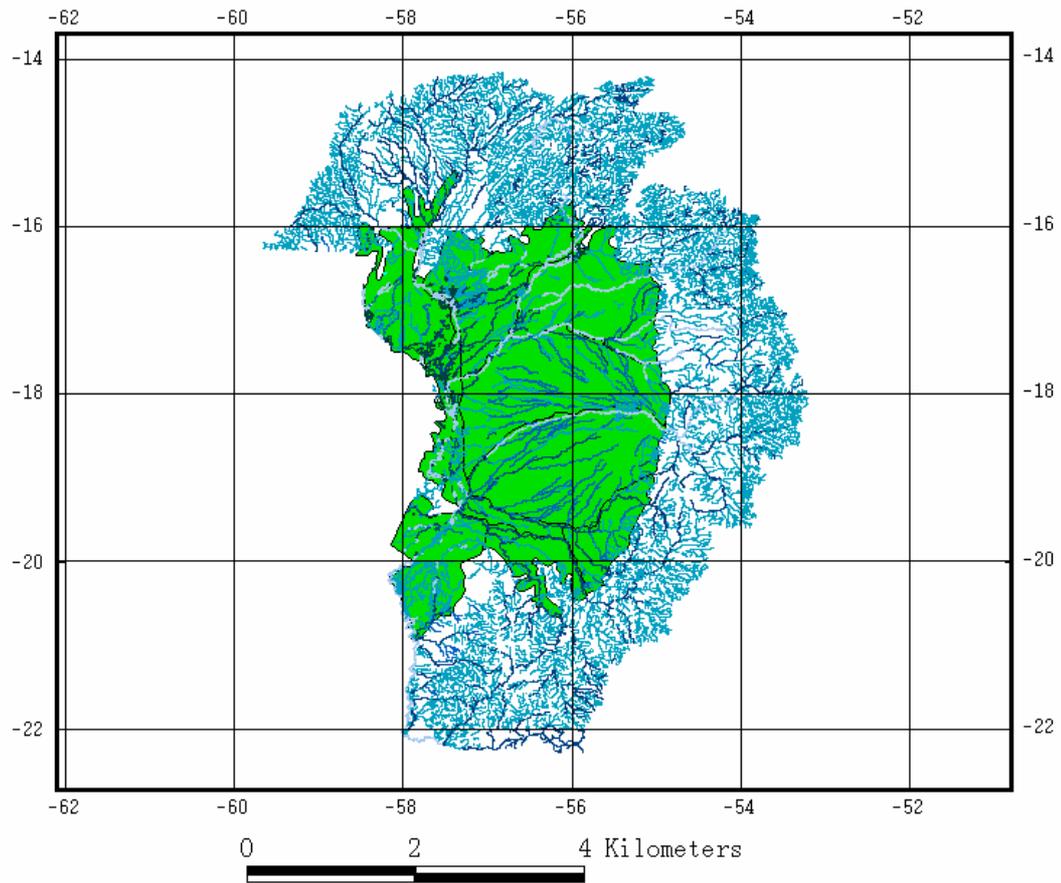


quatro dias o grupo chega ao local, tudo estava destruído. Começou então um período de muito trabalho e sacrifícios. Com o passar dos anos foram chegando à Fazenda Firme os parentes de Nheco. Em 1885 João Batista de Barros, irmão de Maria Mercedes muda-se para fazenda.

Nos anos seguintes vieram os outros irmãos que haviam ficado em Livramento, MT. Em 1894 chega José de Barros (Jejé) e em 1895 foi a vez de Gabriel Patrício de Barros (Bié). Os anos se passavam e mais parentes dos Barros e dos Gomes da Silva, chegavam para ajudar Nheco a desbravar os campos da região que foi batizada em sua homenagem: NHECOLÂNDIA. Em 1921, Antonio Luiz de Barros, filho de Bié, adquire com a ajuda dos filhos as terras da Fazenda Pouso Alto, no centro da Nhecolândia.

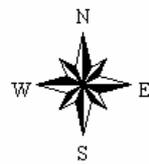
Figura 4

## HIDROGRAFIA - BACIA DO ALTO PARAGUAI



Hidrografia

-  baias
-  baias
-  corixos
-  N/C
-  rios\_duplos
-  rios\_simple
-  vazantes
-  Pantanal



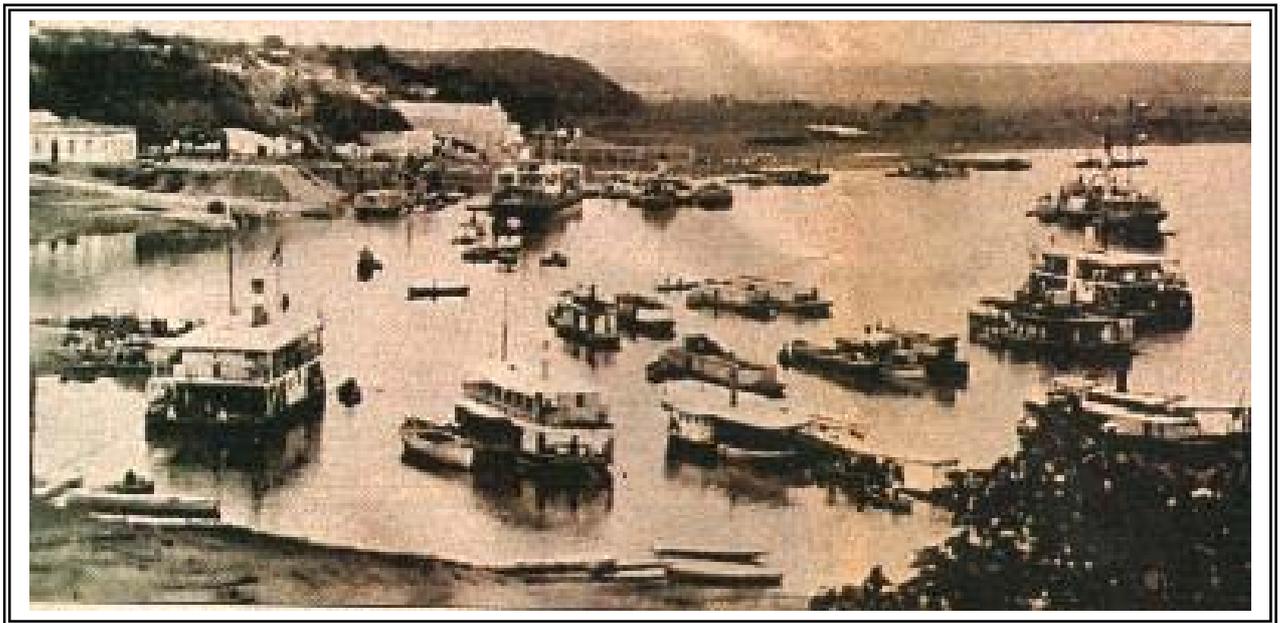
Fonte: PCBAP  
 Elaboração: Laboratório de Geoprocessamento  
 Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

#### 4.2. CORUMBÁ – PORTÃO DE ENTRADA DO PANTANAL

Cidade fundada em 1778 pelo Governador da Capitania de Mato Grosso, o Capitão General Luís Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, com o objetivo de proteger o extremo oeste brasileiro dos ataques indígenas que atrapalhavam o tráfego de mercadorias no rio Paraguai.

Viveu durante um bom tempo da exploração de minério de suas minas e como principal porta de entrada do Mato Grosso, por ser o acesso direto com Assunção, Montevidéu e Buenos Aires. Tornou-se importante entreposto de Mato Grosso trazendo mercadorias importadas dos grandes centros do Brasil através do transporte fluvial, e foi ocupada por tropas inimigas durante a Guerra do Paraguai (1864 – 1870).

Foto 4 – Porto de Corumbá-MS – Século XIX



Fonte: Álbum gráfico do Estado do Mato Grosso, 1914.p.110

A partir de 1914 inicia-se uma nova etapa na vida de Corumbá e do Pantanal, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o que faz com que o transporte fluvial comece a decrescer. Após a implantação da estrada da integração, com 450 Km no trecho de Corumbá à Campo Grande, o Pantanal ganha sua ligação rodoviária com o leste do estado, no período de 1966 a 1970. Este trecho, na época denominado intransponível, foi construído com

recurso do estado de Mato Grosso e foi desde então, o caminho mais curto para o Pacífico. Sua construção favoreceu a abertura de outras estradas vicinais e a integração de Corumbá, Miranda e Aquidauana, com o resto do estado. Favoreceu a ocupação da região e, principalmente, o acesso a locais específicos para a pesca e para o turismo.

Foto 5 – Rodovia transpantaneira – trecho da Nhecolândia



Fonte: <http://www.pantanalnet.com.br/album-pantanal.htm>

Com o asfaltamento da BR 262 em 1986, Corumbá ganha uma nova dinâmica e reestruturação em seu comércio, visando a integração com os países da fronteira. Hoje, a rodovia que liga Três Lagoas à Corumbá, passando por Campo Grande, Aquidauana e Miranda, é o principal acesso rodoviário para a região, por onde passa o maior fluxo de turistas do estado. O transporte terrestre é o principal meio para se chegar aos núcleos receptores do Mato Grosso do Sul. O transporte aéreo também é utilizado, mas em uma escala menor, por ser caro e seletivo, elevando o preço dos pacotes turísticos.

O turista doméstico para acessar o Pantanal tende a aderir ao transporte terrestre, pois além de ser econômico, também favorece a observação da diversidade da fauna e flora na paisagem pantaneira.

O turismo em Corumbá iniciou-se na década de 70, mas existem relatos de que já na década de 20 eram realizadas excursões através do Lloyd Brasileiro. Apesar de serem ações indiretas que não atendiam às exigências que conhecemos hoje do turismo, já eram relatadas por escritores da época ressaltando a sua importância social. A atividade turística na cidade não surgiu rapidamente baseada somente em um fato isolado, mas durante vários anos foram acontecendo pequenas ações isoladas que tinham características de atividade de turismo.

Entretanto, o ano de 1974 é considerado por diferentes segmentos da sociedade de Corumbá como o início do turismo na cidade. Este fato se deve a grande enchente do Pantanal ocorrida no mesmo ano e que isolou a região do resto do país. Após 15 anos de seca, esta enchente causou grande prejuízo às atividades econômicas da região, principalmente à pecuária. Na busca por alternativas que amenizassem os prejuízos, o turismo foi visto como a melhor alternativa para a criação de novas fontes de renda para a região.

As entidades e empresas públicas responsáveis pelo turismo no país e no estado do Mato Grosso do Sul iniciaram uma campanha para incentivar o turismo na região, contando com uma mídia favorável ao turismo, que colaborava com a divulgação das belezas naturais do Pantanal.

Em 1977 surgem as primeiras empresas interessadas em explorar o turismo comercialmente e, conseqüentemente, passam a surgir pacotes turísticos sendo ofertados para demandas de outros estados e até internacionais. Na mesma década há uma sucessão de fatos que irão incentivar o turismo na região, e se inicia a estruturação física necessária para a

exploração do turismo. Começa então a construção de equipamentos de hospedagens, passeios, infra-estrutura de acesso, etc.

#### 4.3. UMA BREVE CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA

Para estudarmos o clima, o relevo e a hidrografia no Pantanal Sul-Matogrossense, abordaremos de uma forma genérica as questões geográficas de todo o Centro-Oeste brasileiro. Devido à dificuldade na obtenção de material específico do Pantanal, recorreu-se a dados do IBGE de 1988 e do PCBAP.

O clima na região do Pantanal deve ser estudado com base em diversos fatores, como a circulação atmosférica e as condições do tempo. A temperatura média anual é definida por estes fatores e o seu afastamento em relação ao oceano faz com que a temperatura média anual seja de 22° C. Devido a sua posição geográfica, e ausência de invasões de ar frio de origem polar durante a primavera e o verão, ocorrem altas temperaturas diárias de 30° a 35° C.

Na primavera e no verão as temperaturas são altas, em compensação, no inverno encontramos o ar muito seco e são comuns dias muito frios, principalmente em junho e julho. No inverno a temperatura atinge mínimas de até 14° C, causadas pelos ventos polares que atingem a região.

O regime de chuva encontrado na região é surpreendente, comparado com toda a região Centro-Oeste, pois a região do Pantanal Sul-Matogrossense é a área menos chuvosa, inferior a 1.200mm anuais, enquanto no norte do Mato Grosso chega a 3.000 mm/ ano (bacia e floresta amazônicas) e em Goiás atinge 1.500mm anuais. Estas variações se devem principalmente à movimentação dos ventos que também podem sofrer uma sazonalidade durante o ano. No Pantanal, mais de 70 % do total das chuvas acontecem durante o período de novembro a março.

Pelo fato deste período de insuficiência de chuva acontecer justamente no inverno, onde a evapotranspiração é reduzida, a falta de chuva não é tão sentida no Pantanal. O fato de a região ter uma grande capacidade de armazenamento de água faz com que os prejuízos sejam amenizados durante o inverno e a seca. Acontecem ainda na região as chamadas chuvas de frentes frias, ocorridas durante o inverno e que reduzem razoavelmente a eficácia da seca.

Pelos fatores acima mencionados, observa-se que apesar do Pantanal ter a menor média de chuvas da região, ele possui as características conhecidas, de ser a maior superfície alagada do mundo, sendo uma área de planície que recebe grande volume de água das regiões vizinhas. O clima do Pantanal é quente sub-úmido, predominantemente tropical, cuja sazonalidade é controlada pelas massas de ar originárias das zonas tropicais.

#### 4.4. CARACTERÍSTICAS GEOMORFOLÓGICAS

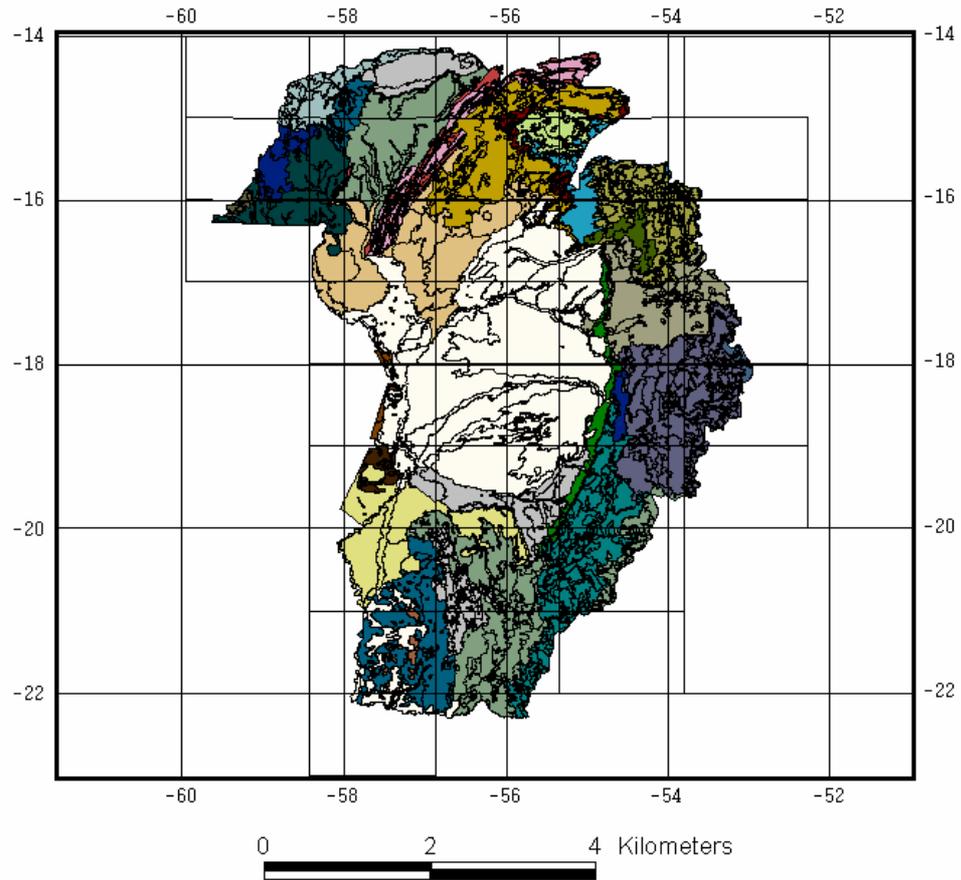
O Pantanal Sul-Matogrossense compreende três unidades de relevo que são: 1. Planícies e Pantanais Mato-Grossense; 2. Depressões do Alto Paraguai e Guaporé e 3. Planaltos Residuais do Alto Paraguai. Os Planaltos Residuais do Alto Paraguai-Guaporé se caracterizam pelos residuais esparsos que emergem de uma imensa área e no Pantanal Sul-Matogrossense estão as morrarias do Urucum-Amolar e a Serra da Bodoquena, com grandes reservas de minerais.

As depressões do alto Paraguai-Guaporé encontram-se representadas no Pantanal pelos grupos Alto Paraguai, Cuiabá, Corumbá, Amoguijá e formação Aquidauana. Esta unidade de relevo consiste no agrupamento de duas grandes depressões, a depressão do Guaporé (vinculada à bacia do rio Amazonas) e a depressão do Alto Paraguai (vinculada à bacia do Rio do Prata).

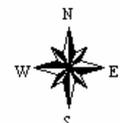
As Planícies e Pantanais Mato-Grossense, área onde se realizou este trabalho é participante do sistema hidrográfico da bacia do Alto rio Paraguai. Esta bacia tem um total de 496.000 Km<sup>2</sup> compreendendo áreas do Brasil, Bolívia e Paraguai. O Brasil possui 396.800 Km<sup>2</sup> do total desta bacia e conforme afirmação do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1998), verifica-se que:

*A unidade de relevo planícies e pantanais Mato-Grossenses corresponde a áreas de depósito aluviais, da Formação Pantanal, composta de sedimentos argilosos, argilo-arenosos e areno-conglomeráticos, onde se formam diversos tipos de solos principalmente com características impermeáveis, que servem de substratos a várias tipos de coberturas vegetal.*

Figura 5  
**GEOMORFOLOGIA**  
**BACIA DO ALTO PARAGUAI**



- Gm 482
- |                                   |                                    |
|-----------------------------------|------------------------------------|
| Planalto Amudá-Mutum              | Depressão de Rondonópolis          |
| Depressão Culabana                | Chapada do Rio Correntão/ Itiquira |
| Depressão São Jerônimo/Aquidauana | Chapada da Emas                    |
| Província Semana                  | Planalto do Taquari                |
| Depressão Intermontana            | Chapada do Cotim                   |
| Depressão do Alto Paraguai        | Chapada de São Gabriel             |
| Planalto da Bodoquena             | Planalto de Maracaju               |
| Depressão do Miranda/Aquidauana   | Planalto de Campo Grande           |
| Planalto do Amoguijé              | Pantanal de Cáceres                |
| Depressão do Ápa                  | Pantanal de Poconé                 |
| Planalto Residual do Urucum       | Pantanal de São Lourenço           |
| Planalto Residual do Amolar       | Pantanal de Paraguai               |
| Serra de Santa Bárbara            | Pantanal de Taquari                |
| Planalto do Jauru                 | Pantanal de Abrobal/ Negro         |
| Depressão do Jauru                | Pantanal de Aquidauana             |
| Planalto do Rio Branco            | Pantanal de Miranda                |
| Chapada do Pareçú                 | Pantanal de Nabileque              |
| Planalto do Tapirapuá             | Pantanal de Porto Murtinho         |
| Chapada do Guimarães              |                                    |
| Planalto do Caica                 |                                    |
| Planalto do Acanitador            |                                    |



Fonte: PCBAP  
 Elaboração: Laboratório de Geoprocessamento  
 Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

No Pantanal são encontradas várias formas de relevo peculiares, tais como: “baías” (áreas deprimidas circulares ou semicirculares); “Cordilheiras” (elevações com cerca de 2 metros de altura); “vazantes” (escoamento das baías e rios); e “corixos” (pequenos cursos de água conectando as baías). As baías do Pantanal podem ser de águas salobras, e muitas vezes são encontradas baías próximas umas das outras e com águas diferentes. As cordilheiras servem de local para a instalação de sede de fazendas e também para o refúgio do gado no período de cheia.

A fim de melhor ilustrar as características e definir as nomenclaturas, serão apresentados trechos da tese de doutoramento de Armando Garms (1993, p.32):

*Esta rica hidrografia caracterizada pela vasta e complexa drenagem, associada ao regime destas águas, apresenta conjunto de feições que tem características e nomenclaturas que são típicas e próprias da grande planície: Estas são as “baías”, os “largos”, as “vazantes”, os “corixos”, as “cordilheiras”, as “salinas”, os “barreiros”. Para o interior do Pantanal, a medida que se distancia do leito maior do rio Paraguai e seus afluentes, as águas ocupam áreas mais deprimidas do terreno, dando origem às “baías” que constituem lagoas que delineiam formas circulares, elípticas, em crescente, periformes ou irregulares, apresentando algumas delas, segundo suas dimensões, ilhas no centro. Quando as suas dimensões tornam-se grandiosas, alcançando dezenas de quilômetros de superfície, tem formas irregulares e são denominadas “largos”*

*Algumas dessas “baías”, que tem caráter permanente, possuem cloreto de sódio. No período da estiagem tem suas águas diminuídas e a intensa evaporação permite o surgimento de uma coroa de sais nas suas bordas, ocorrendo através deste processo as “salinas”. Quando estas lagoas são periódicas e secam quase que completamente durante a estiagem, formam – se os “barreiros”. Em ambos os casos, são muito procuradas, tanto pelo gado, como por alguns animais selvagens.*

*Durante as enchentes, e por ocasião das chuvas, muitas “baías” ampliam-se e extravasam, ligando-se com outras através de curso fluvial intermitente ou periódico, chegam a alcançar vários quilômetros de extensão. Tais cursos d’água são denominados “vazantes”.*

*Quando ocorre a conexão entre “baías” contíguas através de pequenos cursos d’água perenes, estes são denominados de “corixos”. Cabe ressaltar que muitas “vazantes” tem caráter permanente, características que provavelmente se liga à proximidade do lençol freático, a poucos metros da superfície.*

*Este cenário aquático completa-se com as “cordilheiras”. Estas constituem um complexo sistema de pequenas elevações que se alteiam cerca de 3 metros acima das planícies e 6 metros ou pouco mais, dos fundos das “baías”. Constituem áreas nunca alagadas, exceto nas cheias excepcionais, onde se refugiam os animais durante as inundações, servindo de sítios para as sedes das fazendas..*

Foto 6 – Baias, vazantes, corixos e cordilheiras



Fonte: <http://www.pantanalnet.com.br>

#### 4.5. A PAISAGEM DA BACIA DO ALTO PARAGUAI

A vegetação é característica de cerrado com predominância de campos abertos por gramíneas variadas. Apresentam formações florestais representadas por capões de mato nas áreas mais elevadas, matas de galeria e conjuntos homogêneos onde sobressai uma espécie vegetal como o carandá, nos carandazais, o ipê (paratudo) nos paratudais, bem como grande variedade de plantas aquáticas e de brejo.

A beleza e a diversidade da paisagem, aliadas à riqueza de fauna e flora, são os principais atrativos para o turismo contemplativo de observação de animais e plantas, passeios de barco e caminhadas. Nas fazendas as construções amplas, o trato hospitaleiro e as atividades tradicionais como a lida com o gado e a pescaria são cada vez mais procuradas

pelos apreciadores do turismo rural. A piscosidade dos rios faz, de todo o Pantanal, um dos melhores destinos de pesca do Brasil.

A paisagem pantaneira, sofre constante variação devido ao período de chuvas na região, e suas características geográficas e climáticas fazem com que a área inundável seja potencialmente grande. Conseqüentemente a fauna do Pantanal também tem suas características que variam de acordo com o período de chuva ou seca, migrando de um lugar para outro em busca de alimentação farta. Estas estações são bem definidas e provocam mudanças claras na paisagem pantaneira.

A estação da seca se estende de abril a setembro e a cheia vai de outubro a março, como já foi observado. Tal alteração de cenário faz com que a fauna e a flora tenham comportamentos distintos em diferentes épocas do ano. Na figura 7, pode-se observar estes dois períodos, suas características e a atratividade para o turismo.

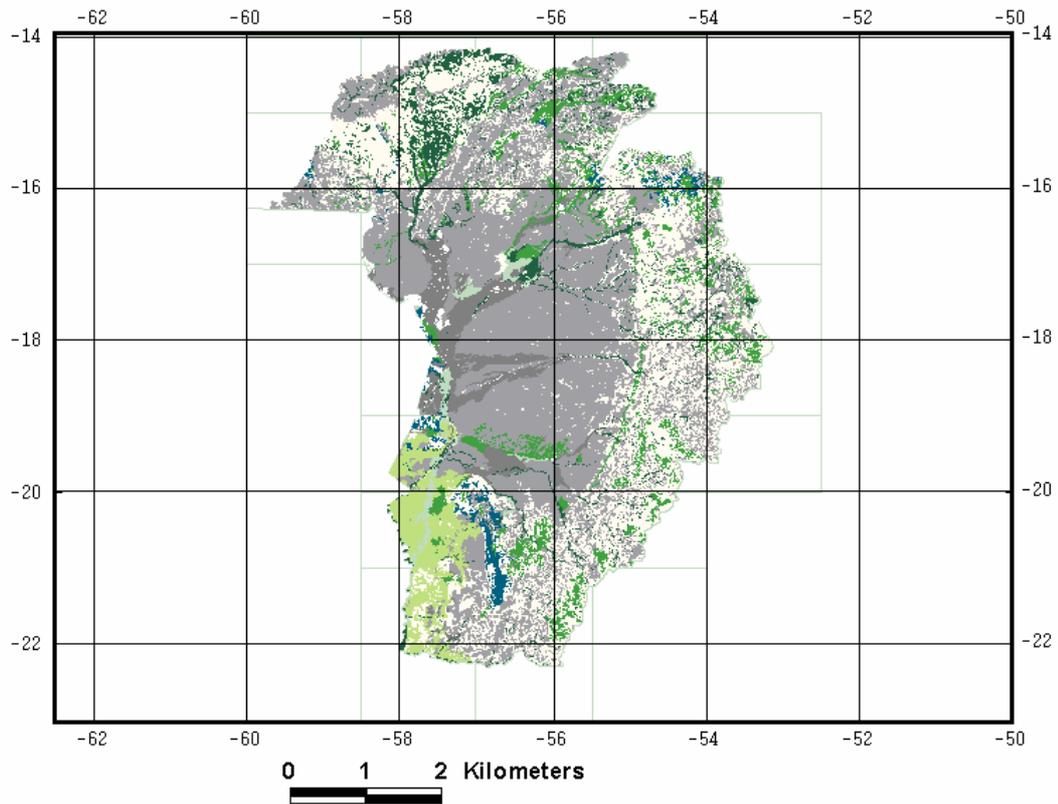
No período de cheia as águas saem do leito do rio e cobrem os campos de pastagem utilizada para o gado da região. Junto com as águas também se deslocam grandes quantidades de peixes, moluscos e crustáceos. Isto faz com que os campos se tornem fartos de alimentos para as aves do Pantanal que encham de beleza este cenário. Outros animais também buscam nestes campos alimentos fartos e fáceis, como os jacarés que vão em busca de suas presas.

No período de seca se observa o contraste de uma estação para a outra. Na seca, os campos vão servir de alimentos fartos agora para os bovinos que os habitam. Os animais voltam para próximo dos leitos alagados junto com os seus alimentos, e aqueles que não conseguem retornar, ficam presos em pequenas lagoas tornando-se alimentos fáceis para outros animais. As baías que se formam acumulam uma quantidade muito grande de peixes, produzindo um espetáculo à parte.

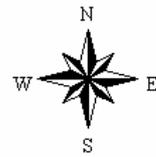
As cheias do Pantanal têm uma característica própria, pois a capacidade de drenagem é muito pequena. A rede de drenagem da bacia tem três regiões fisiográficas distintas, o planalto com altitudes variando entre 700 e 900 metros, o Pantanal com no máximo 150 metros e a região conhecida como depressão ficando entre 150 e 700 metros. Com isso, as águas do Pantanal levam mais tempo para baixar, acarretando uma série de problemas que foram relatados no PCBAP.

Figura 6

## VEGETAÇÃO - BACIA DO ALTO PARAGUAI



- AGUA**
- C - Floresta Estacional Decidual
  - EC - Ecótono
  - EN - Enclave
  - F - Floresta Estacional Semidecidual
  - N/C - Não Classificado
  - P - Vegetação com Influência Fluvial e/ou Lacustre
  - S - Savana
  - T - Savana Estépica
  - USO/Área Desmatada



Fonte: PCBAP  
 Elaboração: Laboratório de Geoprocessamento  
 Universidade Católica Dom Bosco - UCDB

O transporte por meio fluvial foi o único existente por muitos anos na região. As cidades surgiram às margens dos rios, e a ocupação inicialmente ordenada, foi dando lugar ao crescimento descontrolado de ocupação das regiões ribeirinhas:

*A população de maior poder aquisitivo tende a habitar os locais seguros, ao contrário da população carente que ocupa as áreas de alto risco de inundação, provocando problemas sociais que se repetem por ocasião de cada cheia na região. (PACBAP – Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai, 1997, p. 691).*

O Pantanal pertence à bacia do Prata que tem uma área de cerca de 667.068 Km<sup>2</sup> somente no Centro Oeste brasileiro. O rio Paraguai, que corta o Pantanal de norte a sul, e a sua bacia formam uma área de 345.701 Km<sup>2</sup> que é formada por rios de planícies. Nasce na Chapada dos Parecis no Mato Grosso e percorre a extensão de 2.621 km, sendo 1.693 km em território brasileiro.

O Mato Grosso do Sul é banhado pelo rio Paraguai no trecho conhecido como Alto Paraguai e possui características bem diversificadas, pois é o rio que corta toda a extensão do Pantanal. No trecho do Alto Paraguai, que vai do rio Jaurú (125 metros) até o rio Apa (83 metros) existe um desnível de somente 32 metros em um trecho de 1.263, o que é considerado muito pouco.

Em 1979 após a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, foi criado o INAMB - Instituto de Preservação e Controle Ambiental, com a finalidade de executar a política de racionalização do uso e conservação dos recursos naturais, bem como a preservação e controle ambiental no território do estado.

As conclusões do Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai mostram que algumas providências podem ser tomadas para a preservação dos rios do Pantanal que sofrem de prejuízos ambientais com as práticas das atividades econômicas. Os maiores prejuízos são o assoreamento, desestabilização dos ecossistemas, danos à fauna, poluição das águas, descaracterização da vegetação ciliar, etc. De uma forma geral, a Bacia do Alto Paraguai se apresenta frágil devido às suas características, podendo ser recuperada de forma racional, em alguns trechos, com o mínimo impacto.

Figura 7 – O sobe-e-desce das águas



Fonte: Revista Viagem e Turismo (Março/2000, p.43)

Hoje, devido ao grande assoreamento no rio Taquari, o maior afluente do rio Paraguai, causado pelo desmatamento das margens e do crescimento desordenado da agricultura e pecuária nos municípios que formam a cabeceira do rio, houve uma diminuição na quantidade de peixes, e conseqüentemente, uma queda no volume da demanda de pescadores.

## **CAPÍTULO II**

### **REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO**

Objetivando a referência à metodologia adotada para a realização desta pesquisa, este capítulo expõe os procedimentos, desde a coleta de dados até a sua conclusão e também uma reflexão sobre a sustentabilidade do turismo através de uma abordagem cronológica.

A pesquisa intitulada "Segmentação do Turismo no Pantanal Sul-Mato-Grossense", foi realizada através de um levantamento qualitativo e quantitativo sobre a implantação do turismo rural no estado, e também o seu aproveitamento na região do Pantanal. Buscou-se nas fontes bibliográficas referências teóricas para contribuir com o estudo da prática do turismo no Mato Grosso do Sul, mas a análise sistêmica do desenvolvimento da atividade também foi contemplada, com abordagem de experiências existentes de empreendimentos no setor.

A questão norteadora deste trabalho de pesquisa foi classificar os segmentos de turismo praticados na região objeto de estudo, buscando relatar com detalhes as suas características, qualidades, e principalmente a influência do local na atividade. Neste sentido, o objetivo geral da presente pesquisa não é simplesmente o de diferenciar estes tipos de turismo metodologicamente, mas mostrar a sua diversidade, como também a importância da exploração conjunta de tipos de turismo em um mesmo local, valorizando o Pantanal, beneficiando a comunidade local e promovendo o desenvolvimento sustentável do turismo.

A pesquisa tem início com um relato histórico da atividade do turismo rural no estado e com um levantamento de dados para contribuir com o desenvolvimento sustentável da atividade turística com base local, estudando as diferentes formas de exploração dos recursos naturais e históricos do Mato Grosso do Sul. Acredita-se ser esta a forma de contribuir para a melhoria da qualidade da oferta turística que se oferece aos diferentes tipos de demanda que chega ao nosso estado.

A pesquisa em questão irá analisar as várias formas exploratórias de turismo no espaço rural existente no estado. Estas informações servirão de base para responder à questão norteadora: Quais as potencialidades turísticas exploradas em áreas rurais do Pantanal Sul-Mato-grossense e quais as expectativas e desejos da demanda que chega em nosso estado?

Analisar o desenvolvimento do turismo no Pantanal é relevante e oportuno, pois nestas áreas encontra-se um patrimônio natural, declarado como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO no ano de 2000, sendo um atrativo de importância mundial.

O Pantanal é reconhecidamente um destino em potencial para a exploração de turismo. Portanto, acredita-se que uma pesquisa científica possa contribuir para a exploração racional do local, respeitando as limitações dos recursos naturais e culturais.

Vale ressaltar a importância de se ter um histórico do desenvolvimento do turismo rural em nosso estado, para constatar e comprovar a sua diversidade de oportunidade a ser explorada por gerações futuras, de forma que não se esgote o principal motivo de deslocamento de demanda que são os atrativos naturais.

Para o desenvolvimento do trabalho foram realizados diversos levantamentos, objetivando atingir o maior número possível de informações inerentes à região e à atividade do turismo praticada.

Algumas coletas de dados foram feitas para detectar a diversificação de tipos de turismo explorados na região e a forma como ocorrem. Foram levantados os recursos naturais, históricos e culturais que servem de sustentação para a atração da demanda, os impactos causados pela exploração do turismo no local, as perspectivas da demanda e dos agentes locais com o turismo e o nível de consciência do turista.

Para obter tais dados, foram utilizados alguns instrumentos e técnicas de pesquisa como a busca de material bibliográfico, de dados em monografias, livros e outros periódicos, científicos e não científicos, aplicação de questionários, entrevistas direcionadas e confecção de mapas e quadros. Instrumentos estes, que após análise, resultaram nesta dissertação.

## **1. DISCUSSÃO DA SUSTENTABILIDADE EM SUAS INSTÂNCIAS**

Para a compreensão da questão do desenvolvimento local sustentável é necessária a busca e o conhecimento de outras formas de desenvolvimento que se deram historicamente.

Foi adotado como referencial o desenvolvimento do Brasil na segunda metade do século XX, principalmente a partir de 1950. Em ordem cronológica foram identificados alguns conceitos utilizados durante estes anos, como: crescimento, desenvolvimento, desenvolvimento sustentável, desenvolvimento local e finalmente o desenvolvimento local sustentável.

O destaque de países emergentes como o Brasil se deve graças ao “*crescimento*” econômico adotado e implantado pela economia nacional, objetivando o aumento exclusivo de números e valores econômicos, o que para a sociedade da época representava progresso. Para os padrões da época o crescimento era bem visto, pois também trazia conquistas tecnológicas e comodidade para uma população desprovida de muitos itens, principalmente de produtos industrializados.

Para os economistas de então o objetivo era o aumento da produção e crescimento a qualquer custo, não havendo espaço para questionamentos de ordem ambiental ou da necessidade de conservação dos recursos naturais renováveis e não renováveis.

Com o passar do tempo o conceito de crescimento não foi suficiente para satisfazer as necessidades da sociedade. Emerge o conceito de “*desenvolvimento*”, como sendo mais abrangente, comportando também as conquistas sociais e ambientais.

A transição de “*crescimento*” para “*desenvolvimento*” trouxe à tona alguns questionamentos que se faziam necessários na época e passou-se a refletir, até que ponto o modelo de crescimento adotado pela sociedade iria danificar o meio ambiente do local, e se este modelo traria benefícios sociais para a população. Passou-se a conceituar desenvolvimento como uma forma de crescimento econômico com conquistas sociais e respeito ao ambiente natural e social.

O conceito de desenvolvimento foi modificado e adaptado, sendo utilizado durante muitos anos, permeando ainda as ações de vários setores que não buscaram uma forma de aplicar um desenvolvimento de forma sustentável.

Rodrigues (1997, p.10) já alertava para a questão da utilização de palavras e conceitos já desgastados com o tempo. A dimensão e a importância que o desenvolvimento tomou nos últimos anos, principalmente para países em processo de "desenvolvimento" como o Brasil, fez com que novos conceitos e derivações surgissem para a melhor interpretação do desenvolvimento.

*O vocábulo desenvolvimento, muito desgastado, não significa crescimento e muito menos regular distribuição de riqueza. Não basta um grande aumento do PIB, alardeado em letras garrafais pela mídia impressa. A economia não é tudo sem eficácia social e aquilo que é cooperativo e associativo não significa necessariamente negação da capacidade de empreendimento.*

No programa de Mestrado em Desenvolvimento Local desenvolvido pela Universidade Católica Dom Bosco, discutiu-se amplamente estes conceitos, através de um importante material para pesquisa que foi a publicação "Formação Educacional em Desenvolvimento Local: Relato de Estudos em grupo e Análise de Conceitos", editada pela Universidade Católica Dom Bosco<sup>3</sup>, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Vicente Fidelis de Ávila, professor do curso de Mestrado.

Nesta publicação foram encontradas algumas definições para desenvolvimento, sustentabilidade e para o termo "local", que muito contribuíram para o embasamento deste trabalho. Assim sendo, segue o conceito de Pereira (1985, p.19) de "desenvolvimento" que serve de subsídios para uma reflexão inicial sobre o tema:

*... é um processo de transformação econômica, política e social, através da qual o crescimento do padrão de vida da população tende a tornar-se um processo social global, em que as estruturas econômicas, políticas e sociais de um país sofrem contínuas e profundas transformações. Não tem sentido falar-se em desenvolvimento apenas econômico, ou apenas político, ou apenas social. Na verdade, não existe desenvolvimento dessa natureza, parcelado, setorializado, a não ser para fins de exposição didática. (...) O desenvolvimento, portanto, é um processo de transformação global.*

A conclusão evidenciada a partir deste conceito é a de que o desenvolvimento atinge diretamente os setores econômicos, políticos e sociais, sendo imprescindível uma interação entre os mesmos e caso um destes setores não seja afetado positivamente, será possível afirmar que não ocorreu um "desenvolvimento". Também é clara a sua abrangência, que trata de um processo global e que tanto pode ser influenciado por fatores externos, como também pode vir a influenciar as demais sociedades.

---

<sup>3</sup> ÁVILA, Vicente; CAMPOS, Izaura; FERRO, Regina; PAULITSCH, Robinson e ROSA, Maria Wilma. **Formação Educacional em Desenvolvimento Local: Relato de Estudos em Grupo e Análise de conceitos.** Campo Grande: UCDB, 2000.

Para que um processo de desenvolvimento se concretize em qualquer sociedade, faz-se necessária uma ação positiva em seu favor. Para ilustrar esta situação, foi destacada a seguinte afirmação de Nery (1998, p.7):

*É preciso que seja estimulado um processo, ou seja, é preciso criar novos espaços e oportunidades de relacionamento para que as vivências se convertam em aprendizagem, e as pessoas e a coletividade progressivamente se tornem mais capazes de realizar seus projetos, de dar respostas aos problemas, num nível cada vez mais amplo que o local e de forma cada vez mais permanente.*

As iniciativas devem e podem partir de todos os lados, principalmente do poder público oferecendo condições para que a população possa participar do processo de desenvolvimento. Geralmente, os processos desencadeados de desenvolvimento acontecem verticalmente, onde as decisões de ação e intervenção são traçadas sem o conhecimento e a participação da população residente.

Para se precaver do risco de projetos mal sucedidos, torna-se necessário buscar a mobilização da comunidade local como principal protagonista. Muito mais do que uma definição, deve associar o significado de local com o conceito de desenvolvimento, assim como encontrado na afirmação de Lopez (1991, p.14):

*Quando falamos de local, estamos nos referindo a um espaço, a uma superfície territorial de dimensões razoáveis para o desenvolvimento da vida, com uma identidade que o distingue de outros espaços e de outros territórios e no qual as pessoas conduzem sua vida cotidiana: habitam, se relacionam, trabalham, compartilham normas, valores, costumes e representações simbólicas.*

O paradigma mais significativo para definir espaço refere-se à questão de compartilhar normas e responsabilidades, pois outros modelos de planejamento feitos fora do meio local, não obtêm pleno sucesso, devido à dificuldade do planejador em ter uma visão global do verdadeiro significado das normas, valores e costumes. Lopez (1991) ressalta ainda que, por princípios metodológicos, eram utilizadas ferramentas para promover a integração social com a população, e não se conseguia extrair a sua real posição em relação ao processo de intervenção proposto.

Pellegrini Filho (2000, p. 71) coloca o conceito de desenvolvimento, diferenciando do conceito puro e simples de crescimento, conforme citado abaixo:

*Ato ou efeito de progredir em estágios, sempre com efetivas melhoras para os elementos envolvidos no processo. Especialmente no âmbito de ecologia e turismo, desenvolvimento não deve ser confundido com crescimento, cujo significado se prende mais a aspectos apenas quantitativos.*

Entretanto, com o passar dos anos, foram agregados alguns valores nesses novos conceitos de desenvolvimento, chegando assim ao desenvolvimento sustentável. Adota-se aqui o conceito da Organização das Nações Unidas - ONU (1987), que apesar de ultrapassado, foi utilizado inicialmente por vários estudiosos a fim de repensarem a sustentabilidade: “desenvolvimento pelo qual as ações a serem realizadas no momento atual devem ser pensadas levando-se em consideração as conseqüências futuras, no intuito de preservar o meio ambiente”.

Este conceito foi estabelecido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento em relatório apresentado à Assembléia Geral da ONU em 1987.

## **2. TURISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Ao buscar uma análise científica do desenvolvimento sustentável com base local, não se pode deixar de inserir o conceito do que seja também um desenvolvimento sustentável para que gerações futuras possam também usufruir do resultado deste planejamento, não comprometendo, entretanto, as necessidades da população presente.

O termo sustentabilidade pode ser definido como expressão econômica, sócio-cultural e ambiental de um local, que aproveita os recursos naturais de forma racional, garantindo assim a oportunidade de exploração desta mesma atividade pelas gerações futuras. Dentre os vários conceitos de sustentabilidade, propostos por Guimarães (1996, p. 49), em diferentes áreas de atuação do desenvolvimento, destacam-se alguns:

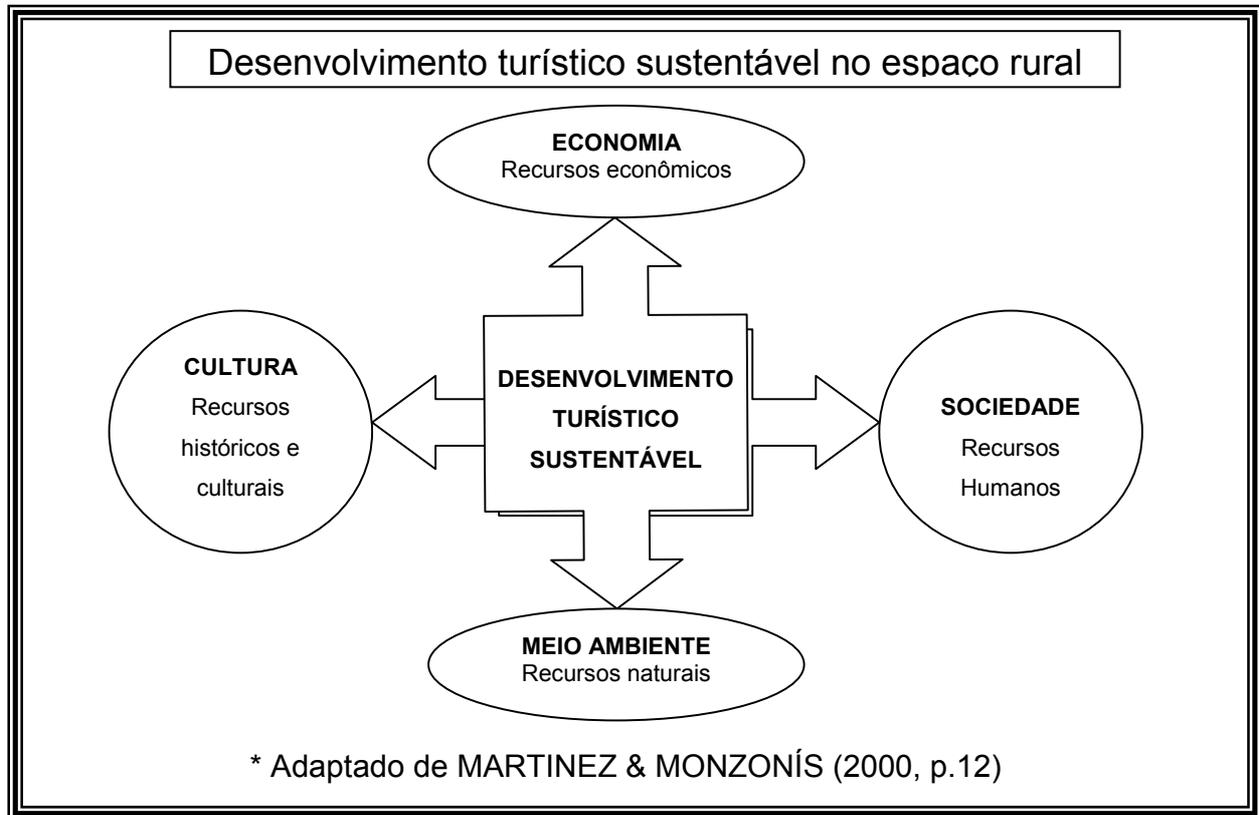
- a sustentabilidade ecológica refere-se à base física do processo de crescimento e objetiva a conservação e uso racional do estoque de recursos naturais incorporados às atividades produtivas. Os recursos naturais são a matéria-prima do turismo no espaço

rural, o seu aproveitamento, adaptação e exploração são fatores determinantes para a sua conservação;

- a sustentabilidade ambiental está intimamente relacionada com a manutenção da capacidade de carga dos ecossistemas, ou seja, a capacidade da natureza para observar e recuperar-se das agressões do homem. As ações resultantes da presença do turista no ambiente pode ser o maior dano deixado na natureza. Este processo pode ser perfeitamente controlado se o ambiente for planejado para receber um número aceitável de turistas;
- a sustentabilidade cultural do desenvolvimento está dada pela manutenção da diversidade em seu sentido mais amplo e dirige-se, portanto, à preservação de valores, práticas e símbolos de identidade que determinam a integração nacional ao longo do tempo. Se os recursos naturais são vistos como matéria-prima, os valores culturais são a roupagem que vai diferenciar e dar identidade própria ao local, diferenciando-o dos demais e o tornando atrativo;
- a sustentabilidade social do desenvolvimento tem por objetivo a melhoria da qualidade e dos serviços, e da universalização da cobertura para as políticas globais de educação, saúde, habitação e seguridade social. As questões sociais a serem beneficiadas pelo turismo devem ser estudadas e aplicadas com abrangência local, de forma que seja benéfico tanto para os turistas, como para a população local.
- a sustentabilidade política vincula-se ao processo de construção da cidadania e à incorporação plena dos indivíduos ao processo de desenvolvimento. Está resumida em seus aspectos micro, na democratização da sociedade e macro, na democratização do estado.

Ainda pode-se adotar de forma mais simplificada o conceito de Guimarães (1996 p.49): *“as propostas de desenvolvimento sustentável questionam, em poucas palavras, um estilo de desenvolvimento internacionalizado, ecologicamente depredador, socialmente perverso e politicamente injusto”*.

Quadro 2 – Desenvolvimento turístico sustentável no espaço rural.



Os benefícios físicos de uma localidade podem ser facilmente medidos, mas devemos observar a formação geral da população, o seu nível de conhecimento e se o processo de exploração do turismo trouxe benefícios concretos. Deve-se adotar para cada localidade uma capacidade de carga aceitável, conforme sugere Wearing & Neil (1999, p.30).

*El turismo sostenible sólo puede tener lugar si se establecen capacidades de carga para los destinos turísticos clave y después se repetan esas capacidades de forma rigurosa mediante un sistema de planificación eficaz y llevado a cabo revisiones del funcionamiento.*

Ainda dentro do contexto da sustentabilidade e de sua dificuldade em ser atingida, verificam-se alguns benefícios que o local pode ter com o turismo, bem como os impactos que ele pode causar. É fato que o turismo traz com a sua implantação uma série de problemas que de uma forma geral, poderiam ser causados de uma maneira mais, ou menos intensa, por qualquer outra atividade do setor primário, secundário ou terciário, conforme a seguir:

Quadro 3 – Implantação do turismo na localidade.

<b>BENEFÍCIOS</b>	<b>IMPACTOS</b>
- Melhoria nas condições de vida da população.	- Degradação de ambientes naturais.
- Reativação da economia estabilizada ou decadente.	- Aumento do leque de necessidades materiais.
- Surgimento de rendas complementares.	- Problemas com os cuidados e educação dos filhos.
- Incorporação das mulheres no trabalho remunerado	- Descaracterização da cultura local.
- Fixação do homem no campo	- Choque cultural entre turista e comunidade local
- Manutenção da atividade produtiva e artesanal.	- Padronização dos modos de vida
- Valorização do patrimônio histórico, cultural e natural.	

Fonte: MARTINEZ & MONZÓNIS (2000, p.12) com a adaptação do autor.

Dentre os impactos destacados acima, entende-se que alguns podem ser evitados com o estudo de capacidade de carga realizado corretamente, e também podem ser amenizados com uma exploração racional dos recursos turísticos.

O “desenvolvimento sustentável do turismo”, segundo a interpretação de Beni (1998, p.13) é primordial à proteção do meio ambiente destacando a *necessidade de assegurar a viabilidade em longo prazo da atividade de turismo, reconhecendo-se a necessidade de proteger certos aspectos do meio ambiente.*

É fato que o meio ambiente deve ser priorizado, mas não sem esquecer de outros aspectos importantes para o turismo. Para gerenciar o uso adequado do ambiente e dos recursos naturais é proposto o estudo da capacidade de carga em todas as suas dimensões, item extremamente importante para a exploração sustentável do turismo em qualquer ambiente.

O estudo de capacidade de carga de cada local deve ser analisado com base nas características e valores locais, independentes de qualquer fórmula genérica que se tenha conhecimento. Na metodologia proposta no Programa Nacional de Municipalização do Turismo - PNMT, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR, os questionários utilizados para fazer os inventários dos recursos naturais sugerem que no caso de atrativos explorados pelo turismo, como por exemplo, os camping e balneários, deva ser considerada uma ocupação de no mínimo 5m<sup>2</sup> por turista. Este critério estabelecido de forma genérica precisa ser utilizado considerando-se as características do local, a infra-estrutura existente e outros aspectos, como os relativos ao ambiente natural.

As definições de sustentabilidade devem abordar fatores como a preocupação com as gerações futuras e com a situação atual, a consequência do resultado deste planejamento e a preocupação com a conservação do meio ambiente. Na visão da *World Commission of Environment and Development*, como desenvolvimento sustentável do turismo considera-se aquele que atende às necessidades dos turistas atuais, sem comprometer a possibilidade do usufruto dos recursos pelas gerações futuras.

Pelos conceitos apresentados, constata-se que o desenvolvimento local do turismo deverá ser proposto democraticamente com a participação de todos, e que as suas ações devam ser de respeito ao meio-ambiente, e os resultados compartilhados. Segundo Ruschmann (1997, p.165).

*O turismo deve ser considerado como fator de desenvolvimento prioritário em todas as localidades nas quais ele se constitui a maior fonte de renda e a base da existência da maioria dos empreendimentos que dependem direta ou indiretamente da atividade.*

A autora sugere que se priorize a exploração do turismo em áreas onde haja um grande potencial e represente uma fonte de renda considerável. O turismo passa a ser dessa forma um grande aliado das localidades que queiram se desenvolver adequadamente e que valorizem seus atrativos e preservem sua cultura.

O desenvolvimento sustentado deve ser cientificamente embasado, ecologicamente equilibrado, energeticamente renovável, economicamente setorial, tecnicamente exequível, culturalmente assimilável e socialmente justo. Para atender os princípios propostos, serão indicadas algumas reflexões sobre a sustentabilidade:

1. o desenvolvimento sustentado é aquele que busca ações que sejam estudadas e analisadas antes de serem efetivamente aplicadas;
2. desenvolvimento equilibrado é aquele que respeita o meio ambiente, ou seja desenvolvimento com responsabilidade, repondo ou recompensando a natureza de toda e qualquer retirada feita em favor do desenvolvimento;
3. o desenvolvimento criado pelo homem não deve esgotar as fontes de energia e sim buscar novas fontes que não prejudiquem ou transformem o meio ambiente;
4. as propostas de desenvolvimento têm que ser realizáveis, pois grandes projetos faraônicos podem não ser realizáveis, e nem mesmo ser a melhor solução;
5. o desenvolvimento deve respeitar as diferenças culturais existentes; e
6. o desenvolvimento deve respeitar o direito de cada cidadão.

O turismo rural implantado dentro dos princípios sustentáveis pode ser o propulsor do desenvolvimento das zonas rurais do Brasil, contribuindo para a fixação da população, integrando territorialmente e gerando emprego no meio rural, ser socialmente participativo, e desempenhar um papel importante no processo de desenvolvimento das áreas rurais menos favorecidas.

Ainda, o desenvolvimento no meio rural deve ser endógeno na aplicação dos seus recursos, nas suas ações e nos seus resultados. O desenvolvimento endógeno é definido e planejado no mesmo local a ser aplicado, contrariando os modelos de desenvolvimento que se conhece e que geralmente são pensados isoladamente em um gabinete, com a participação de apenas alguns técnicos.

Ao interpretar o turismo no Pantanal Sul-Mato-Grossense, tem-se como marco uma visão de exploração da atividade de forma sustentável, apesar de que toda e qualquer atividade do turismo por princípio, deva acontecer de forma que venha a garantir o proveito da exploração desta atividade por gerações futuras.

### **3. TURISMO COMO ALAVANCA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL COM BASE SUSTENTÁVEL**

O desenvolvimento local surge como uma proposta pensada sobre a sustentabilidade e principalmente uma estratégia pensada na escala do desenvolvimento humano, fomentado a

partir de iniciativas das comunidades locais. Estas estratégias de desenvolvimento local são a saída para as pequenas localidades enfrentarem o processo incessante da globalização que vem provocando uma reestruturação da economia mundial.

Visualiza-se com o resultado desta proposta, uma alternativa para o combate à escassez de frentes de trabalho com o avanço do processo de globalização.

No Brasil, as experiências de projetos de turismo com o desenvolvimento com base local são muito incipientes para tecer comentários de resultados alcançados, entretanto algumas iniciativas isoladas surgem com propósitos consistentes e aplicados de forma participativa, discutindo-se as ações a serem implantadas.

O turismo possui características muito peculiares enquanto atividade econômica. O seu produto em si é formado por vários componentes e muitos deles intangíveis, e a população local está contida na totalidade da oferta turística de um destino. Portanto, a própria comunidade deve participar diretamente dos benefícios desta atividade, e até mesmo refletir sobre a forma de exploração do turismo e discutir a viabilidade da atividade turística em seu ambiente. Ou seja, decidir se deseja ou não que o seu local seja um destino turístico.

Para que haja efetivamente o desenvolvimento local é necessária a participação da comunidade no processo e que, além dos benefícios, ela possa também participar e influenciar na tomada de decisões, ou seja, envolver e assumir a responsabilidade nos processos de transformação, adequação ou melhoramento de sua comunidade.

O conceito de desenvolvimento local adotado pela União Européia reflete as considerações sobre o tema. O turismo é uma atividade para ser explorada com base na sustentabilidade do desenvolvimento local, pois estimula a preservação do ambiente local, fortalece a cultura e proporciona renda.

Os princípios do desenvolvimento local fazem crer que este pode ser com certeza uma grande proposta de desenvolvimento sustentável local, entretanto poderá ser facilmente fadado ao fracasso, caso não seja adequadamente planejado com base na sustentabilidade ambiental, econômica e social.

O desenvolvimento local sustentável é uma das poucas alternativas viáveis para enfrentar os desafios da globalização, à medida que estimula a organização comunitária para que um local específico não seja excluído do processo de desenvolvimento, e para que se encontre seu próprio caminho de sustentabilidade. Em outras palavras, o local se reestrutura

socialmente para se fortalecer e para se enquadrar no processo de globalização. O município busca em sua heterogeneidade os elementos locais para que sirvam como referência, na busca da sustentabilidade.

A globalização atingiu patamares irreversíveis em vários setores, como por exemplo, a economia. Esse processo causou o crescimento da concorrência, e conseqüentemente o número de desemprego que, em nível geral aumentou devido às novas tecnologias de produção. A globalização trouxe fatores novos a serem considerados, e dependendo do ponto estudado é possível visualizar benefícios e malefícios como conseqüência direta dessa nova fase. Dessa forma, verificam-se várias posições quanto à globalização, como na afirmação de Rodrigues (1997, p.55):

*Na contracorrente da globalização (perversa ou não), de repente, o lugar aparece com toda a força, porque é nos fragmentos que se assenta o global. Global não significa homogêneo, nem uniforme, muito pelo contrário, o global se alimenta das diferenças. Eis aqui um ponto fundamental de reflexão para os estudiosos do turismo, uma vez que o turismo vive das especificidades dos lugares. Quase todos partem em busca do novo, do diferente, do exótico. Há que reforçar o lugar na sua expressão identitária, sem que isso signifique isolamento. Quer queiramos ou não, estamos inseridos no processo. São poucas as áreas do planeta que escapam à globalização,*

O turismo surge como uma das alternativas para a busca da retomada de crescimento de um local sem precisar com isto, participar do modelo de desenvolvimento que a globalização requer, ou seja, uma troca desigual, onde o local sempre é prejudicado com a deteriorização de seus recursos naturais e culturais. O turismo no meio rural pode ser uma atividade econômica a ser executada na busca do desenvolvimento de determinadas regiões que tenham potencial. Na afirmação de Blos (2000, p.15) pode-se verificar uma interação de atividades, “*a relação turismo rural e desenvolvimento local pressupõe a plena utilização dos recursos endógenos à propriedade e à comunidade circunvizinha*”.

Os elementos que ora se apresentam como objeto de estudo também foram analisados pelo grupo do Mestrado em Desenvolvimento Local, juntamente com demais itens. O espaço onde acontece, a participação do agente responsável e o desenvolvimento local são oportunamente analisados na citação de Santos (1999, p.55):

*A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a*

*anima (...) O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá (...). O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade (...).*

Para garantir o desenvolvimento sustentável do turismo Wearing & Neil (2000, p.30) sugerem o cumprimento de algumas condições básicas: participação da sociedade local no desenvolvimento da atividade, a limitação da capacidade de carga dos atrativos, adaptação dos recursos turísticos para utilização de equipamentos e aproveitamento da infra-estrutura.

*De qualquer forma, a obtenção e manutenção de um desenvolvimento sustentável, baseado na atividade turística e ecoturística, só poderá ser resultado da ação conjunta de todos os agentes interessados no desenvolvimento municipal: o setor público, o setor privado e toda a comunidade local.*

Ao valorizar a comunidade local, é fundamental a participação tanto do setor público quanto do setor privado, caso contrário o desenvolvimento não acontece de forma sustentável e conseqüentemente a sua longevidade e funcionalidade são ameaçadas.

## **CAPÍTULO III**

### **TURISMO NO ESPAÇO RURAL**

O objetivo deste capítulo é de conceituar turismo rural e ecológico, assim como analisar comparativamente os conceitos existentes, os quais são confundidos pela similaridade com ecoturismo e agroturismo, respectivamente. Alguns autores classificam estes tipos de turismo, simplesmente contrapondo o rural ao urbano.

Ocorre que nem todas as atividades turísticas que acontecem no meio rural possuem características de atividades rurais, e muitas vezes as pessoas que ali estão, foram motivadas a se deslocarem ao local por razões e motivações que não tenham ligação tão somente com a cultura e com o homem do campo.

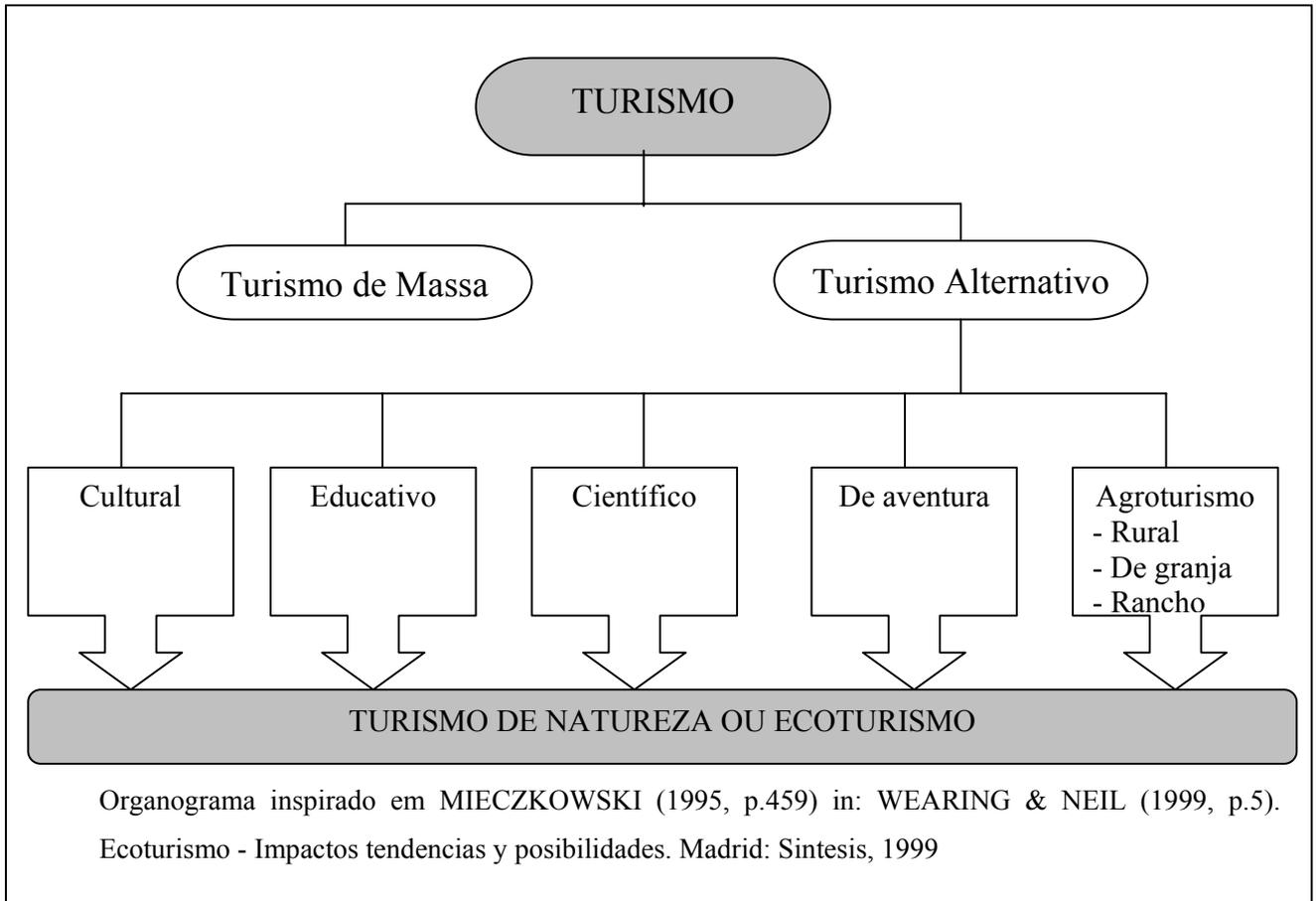
#### **1. VISÃO PANORÂMICA DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL**

Diferentes formas foram usadas para classificar o turismo no espaço rural, como por exemplo, em relação à sua quantidade e intensidade e não somente quanto ao espaço onde ocorre. O turismo rural pode ser um contraponto ao turismo de massa.

Classifica-se o turismo rural como uma forma alternativa de praticar o turismo, como tantas outras. Geralmente estas formas de turismo buscam locais com maior tranquilidade, fugindo dos grandes fluxos turísticos que se deslocam para os atrativos tradicionais.

Wearing & Neil (1999, p.5) utilizam o quadro a seguir para classificar os vários tipos de turismo alternativo, e dentre estes tipos se encontra o agroturismo. Este quadro, elaborado por Mieczkowski (1995, p.459) é formulado com base em um conceito de que o turismo de natureza, ou ecoturismo é o oposto do turismo de massa.

Quadro 4 – Turismo de massa e turismo alternativo



Desta forma, o conceito de turismo alternativo proposto, torna-se muito genérico, sendo tudo o que não for turismo de massa. O conceito mais claro para o turismo alternativo pode ser o conjunto de modalidades turísticas que impliquem no respeito aos valores naturais, sociais e comunitários, permitindo aos anfitriões e aos hóspedes um convívio agradável e com resultados positivos para ambos os lados.

Seguindo o quadro acima, o autor coloca a natureza e a prática do ecoturismo como o cenário onde acontece a prática de turismo classificado como alternativo, ou então, pelo menos interagindo com ele.

Entretanto, o ecoturismo pode ser entendido sob a ótica social, como uma atividade que agrega valores culturais e sociais para as comunidades e os visitantes, sem prejuízos culturais para nenhum dos lados.

Turismo alternativo é entendido como uma atividade diretamente oposta a tudo que se caracteriza como turismo de massa. Uma oposição que se traduz ao intento de reduzir ao mínimo os impactos negativos. Já o turismo de massa pode ser definido como uma modalidade de turismo praticada pela maioria dos visitantes do mundo, sendo visto como um fenômeno que traz grandes benefícios econômicos por um lado, e significativos problemas e prejuízos sociais e ambientais, por outro.

Ao analisarmos o texto de Adyr Balastrieri Rodrigues (2001) verificamos a importância de ressaltar que a atividade turística rural não deva ser interpretada somente observando o rural como contraponto ao urbano, sendo importante a consideração de pelo menos alguns fatores fundamentais, tais como: processo histórico de ocupação territorial, a estrutura fundiária, características paisagísticas regionais, estrutura agrária, com destaque para as relações de trabalho desenvolvidas, atividades econômicas atuais, características de demanda e tipos de empreendimentos.

É encontrada, em vários trabalhos, uma gama muito grande de termos que procuram classificar o turismo no espaço rural e colocar vários outros tipos de turismo como atividades inseridas no espaço rural, tais como: Turismo verde, turismo rural, agroturismo, turismo ecológico, turismo cultural, turismo social, turismo de saúde, turismo desportivo, turismo de aventura, turismo de natureza, etc. Para efeito de objeto de pesquisa, foram analisadas separadamente somente quatro expressões para a elucidação de conceitos, que são: Turismo Rural, Agroturismo, Ecoturismo e Turismo Ecológico.

É reconhecidamente necessária a conceituação de turismo no espaço rural e as suas várias modalidades, ou ainda a tentativa de dissociação de alguns conceitos que se aproximam do turismo rural, como é o caso do turismo ecológico, apesar de estes dois tipos utilizarem e acontecerem no ambiente rural e ecológico.

Cada tipo de turismo foi analisado separadamente, e agrupados por semelhanças de conceitos. Tanto o ecoturismo quanto o turismo ecológico, e também o turismo rural e o agroturismo podem ser considerados híbridos, apesar de considerados distintos teoricamente, mas a prática no ambiente rural, principalmente no Pantanal Sul-Mato-Grossense acontece de forma integrada com outros segmentos de turismo.

Dentre todos os tipos e subtipos de turismo classificados como turismo no espaço rural, serão analisados somente os subtipos já mencionados, por serem entendidos como importantes para a compreensão do turismo no Pantanal Sul-Mato-Grossense.

Campanhola & Silva (1999,p.14) e Botelho & Nascimento (1998,p.163) classificam o turismo desportivo como atividade também do turismo no espaço rural e também um tipo de turismo que pode ser inserido como turismo ecológico. Acredita-se ser um tipo de turismo que obrigatoriamente não necessita do espaço rural para que aconteça, sendo perfeitamente viável a sua prática em outros espaços, como por exemplo no espaço urbano ou em áreas degradadas, que todavia, possibilitam práticas de aventuras, como por exemplo o *rappel*.

O turismo desportivo, como também o turismo de pesca é um tipo de turismo que complementa as atividades do turismo rural ou ecológico, podendo ser desenvolvido dentro de propriedades voltadas para práticas de outro tipo de turismo. O quadro a seguir demonstra algumas outras atividades que podem ser praticadas no espaço rural.

A pesca pode ser considerada como uma atividade de lazer, que pode se dar em várias situações inseridas dentro da prática de outros tipos de turismo. É possível até afirmar que seria um subtipo de turismo em áreas rurais.

Para o entendimento do turismo ecológico, será abordada de forma genérica sua relação com outras formas de turismo, bem como analisado o seu objetivo, colocado aqui por Araújo (2000, p. 35). *O seu principal objetivo é colocar o homem em contato com a natureza, a fim de formar-lhe uma consciência ecológica, incutindo-lhe respeito ao patrimônio ambiental.*

Os entretenimentos ofertados para os turistas estão contemplados nos equipamentos de lazer do local, objetivando buscar ocupações que completem o seu tempo livre e satisfaçam suas necessidades de descanso e recreação. Entretanto, Silva (1999,p.14) concorda que muitas práticas de lazer ocorridas no espaço rural não são práticas do turismo rural, e sim práticas de lazer ou ócio de cidadãos que ocorrem alheias ao meio em que estão inseridas.

Cada autor do quadro acima coloca um ou mais subtipos para turismo rural. A maioria coloca o ecoturismo como uma atividade turística do turismo rural. Esta pesquisa detecta que o ecoturismo é um segmento diferenciado, mas suas características coincidem com o turismo rural quando se relacionam com aspectos específicos do ambiente natural, principalmente na vivência prática da atividade no dia-a-dia de um atrativo.

Quadro 5 – Classificação de tipos de turismo

<b>Autor</b>	<b>Termo</b>	<b>Subtipos ou modalidades</b>
Daniel Moraes BOTELHO & Sandra Maria NASCIMENTO	Turismo no espaço rural	Ecoturismo, Turismo de aventura, Turismo equestre, Turismo cultural e Turismo rural
Adyr Balastrieri RODRIGUES	Turismo rural tradicional	De origem agrícola, De origem pecuarista, Do ciclo de mineração e De colonização européia
Adyr Balastrieri RODRIGUES	Turismo rural contemporâneo	Agroturismo, Hotéis fazenda, Pousadas rurais, Spas rurais, Segunda residência campestre, Camping e acampamentos no meio rural.
Clayton CAMPANHOLA & José Graziano da SILVA	Turismo no meio rural	Turismo Rural, Turismo ecológico ou ecoturismo, Turismo de aventura, Turismo cultural, turismo de negócios, Turismo jovem, Turismo social, Turismo de saúde e Turismo esportivo.
José Graziano da SILVA	Agroturismo	Fazenda hotel, Pesque paque, Fazenda de caça, Pousada, Restaurante típico, Vendas diretas do produtor, Artesanato e Industrialização caseira
Luciane de Fátima NERI	Atividades turísticas em áreas naturais	Turismo ecológico, Turismo rural (Turismo equestre e agroturismo), Turismo aventura e Turismo histórico – cultural

O desenvolvimento do turismo rural no mundo foi acontecendo de forma espontânea e absorvendo as características de cada região, ganhando com isso diferentes conceitos. As formas de exploração se davam de maneira singular, dependendo da região e da atividade produtiva de cada propriedade. Na Europa o turismo se incorporou às atividades rurais

tradicionais, como a cultura da uva, sendo sua prática semelhante ao que se classifica como agroturismo.

Em Portugal, onde o turismo rural desenvolveu-se rapidamente e existe uma série de legislação para ordenar esta atividade, o governo adotou a sigla TER - Turismo no Espaço Rural para designar esta atividade e classificou em turismo de habitação, turismo rural, agroturismo, pousadas rurais e hotéis rurais.

Na busca de bibliografia científica para diferenciar turismo rural e agroturismo, encontra-se a obra de Joaquim (2001, p.31) com sua analogia sobre turismo no espaço rural de Portugal, uma referência para se iniciar a discussão em torno do assunto e comparar com as atividades realizadas no Brasil. A autora classifica turismo rural como “*o aproveitamento turístico em casas rústicas com características próprias do meio rural onde se insere, situando-se em aglomerado populacional ou não longe dele*”. Define ainda agroturismo como atividade que corresponde à utilização de casas de habitação integradas em explorações agrícolas ou em formas de animação complementares.

Nos países da Europa Ocidental, o turismo rural desenvolveu-se e recebeu apoio dos órgãos governamentais e da sociedade. Em cada região, devido às suas características culturais e geográficas, a atividade recebeu diferentes conceituações e o espaço rural também é visto sob diferentes abordagens.

Para sedimentar esta pesquisa e diferenciar conceitualmente o turismo rural e ecológico, foram sendo analisados separadamente cada segmento de turismo. Considera-se que os termos turismo rural e agroturismo possuem características similares e são utilizados de diferentes maneiras conforme a região do país ou o interesse do atrativo.

## **2. TURISMO RURAL**

Para conceituar o turismo rural e buscar uma padronização nos termos, foram investigados os conceitos já existentes e também apresentados alguns aportes que irão contribuir para uma melhor definição de turismo no espaço rural, suas modalidades e seus princípios.

Pellegrini Filho (2000, p.279) relaciona as atividades exploradas do turismo rural como valores culturais, quando afirma:

*O chamado turismo rural recupera e utiliza antigas tradições culturais com atividades do cotidiano rural, tais como: hortas naturais (sem agrotóxicos), ordenha e manejo de gado, cavalgadas, gastronomia regional, manifestações culturais, etc..*

Para a reflexão sobre as características, modalidades e atividades do turismo rural, primeiramente serão analisados alguns conceitos encontrados na bibliografia sobre o assunto.

Com base no exposto acima, é possível definir duas condições básicas para que o turismo rural aconteça: Uma é a hospedagem nas instalações já existentes na propriedade, e a outra é o fato de que no turismo rural o turista tem como objetivo a contemplação, o entretenimento e o lazer.

A prática do lazer seja ela integrada com a natureza ou com o dia-a-dia do campo, é o que busca o turista praticante do turismo rural e do agroturismo, sendo que em alguns casos as propriedades de agroturismo ofertam também uma visita voltada para o aprendizado, o conhecimento e a prática de determinada atividade na propriedade, às vezes com remuneração.

No turismo rural destacam-se várias atividades que podem ser desenvolvidas, com o objetivo de conseguir uma maior permanência da demanda no local. Por ser um tipo de turismo onde a demanda se predispõe a acompanhar a rotina do meio rural, sua permanência pode ser reduzida, se não forem criadas situações para o seu entretenimento.

Na citação de Pellegrini Filho (2000, p.279), vislumbram-se algumas das atividades que podem se desenvolver no turismo rural, sem que seja necessária uma caracterização do produto oferecido e também sem descaracterizar a cultura e o costume do local. *“Produção e consumo de bens e serviços turísticos em espaço e ambientes rurais (fazenda, sítio, beira-rio e semelhantes). Recupera e utiliza antigas tradições culturais com atividades do cotidiano rural”*.

Vários conceitos de turismo rural abordam o homem como um consumidor que busca aquisição de bens e serviços no meio rural para satisfazer suas necessidades de turista. Assim, Sartor (1981, p.13) definiu o turismo rural, quando do seu surgimento no Brasil: *“Exercício das atividades turísticas desenvolvidas em áreas rurais com produção de bens e serviços turísticos, destinados a satisfazer uma clientela turística, que é atraída pelo consumo destes bens no ambiente rural”*.

A autora ainda acrescenta que o turismo rural, em termos produtivos, está ligado a uma íntima integração com o espaço rural onde se localiza, ou seja, é um produto autêntico e que valoriza os aspectos culturais do local. Observa-se ainda alguns conceitos de turismo rural que foram surgindo conforme a atividade se desenvolvia em terras brasileiras, agregando valores culturais em cada região que explorava: Moletta & Goidanich (1999, p.9),

*Atividade de lazer que o homem urbano procura junto às propriedades rurais produtivas, buscando resgatar suas origens culturais, o contato com a natureza e a valorização da cultura local. Já para o homem do campo significa um meio para aumentar a sua renda mensal, de forma harmônica, valorizando sua propriedade e seu estilo de vida.*

Portanto, o turismo rural trata de uma oferta de atividades recreativas, alojamento e serviços afins, situado no meio rural, dirigido principalmente aos habitantes das cidades que buscam o aproveitamento de seu tempo dedicado ao turismo em contato com a natureza e cultura do local. Vale destacar que no turismo rural as atividades recreativas podem estar relacionadas com as atividades funcionais do homem do campo, como por exemplo, a ordenha, a cavalgada, a lida diária com os animais da fazenda e até mesmo a culinária.

Não existe critério unificado e consensual sobre o turismo rural, e em cada país ou região vão se incorporando conceitos e idéias que fazem com que o turismo rural tenha hoje muitas variações de conceitos e formas distintas de planejar e administrar sua prática, inclusive com similaridade com o agroturismo.

A maioria dos conceitos analisados, alerta para que as propriedades sejam comprometidas com a produção rural. Ao abordar o turismo como uma atividade em que o turista busca o lazer, o descanso e a contemplação, são encontradas no mercado algumas propriedades que oferecem a exploração do turismo rural, mas não são consideradas propriedades rurais produtivas.

Ao deparar com o termo propriedades rurais produtivas, deve-se analisar o que é considerado produtivo. A princípio, há que considerar como produtiva a propriedade que explore alguma atividade agrícola ou pecuária, e que o resultado financeiro desta atividade seja suficiente para arcar com todos os gastos da propriedade e conseqüentemente obter lucro.

*Turismo rural é o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.(EMBRATUR, 1998, p.15)*

Este novo conceito substitui o estabelecido em 1994 e difere pela sua objetividade de ação, o que anteriormente era definido como “turismo diferente”, agora já é relacionado à atividade produtiva das propriedades rurais, valorizando o patrimônio cultural, natural e principalmente a cultura local.

Pode-se afirmar, de forma genérica, que o turismo rural é um tipo de turismo que ocorre nas propriedades rurais, tendo como objetivo a busca do lazer, a apreciação dos usos e costumes do local, o convívio com o morador do local e ainda a vivência das práticas diárias de uma fazenda. A hospedagem deve ser ofertada nas dependências originais da fazenda, ou então de forma adaptada para esta função.

Em função de sua abrangência de atuação em diversas regiões do Brasil, o turismo rural foi se propagando com características específicas em cada região e o termo utilizado para nomear este segmento do turismo vem sendo objeto de diferentes pesquisas. Com o intuito de colaborar com o estudo da atividade, foi abordado o agroturismo como uma variação do turismo rural com algumas características específicas e regionais.

### **Agroturismo**

As atividades de agroturismo podem ser analisadas como um subtipo de turismo rural e que diverge em alguns pontos específicos que serão observados. As atividades praticadas no agroturismo exigem uma interatividade do turista com o manejo nas atividades agropastoris, podendo ir desde o simples acompanhamento e participação por curiosidade, até a obtenção efetiva de um novo aprendizado.

As atividades de agroturismo acontecem no meio rural, geralmente em propriedades produtivas que desenvolvam alguma técnica específica ou tecnologia de ponta, onde são passados ensinamentos para os visitantes, sempre objetivando o aprendizado. Ao novamente analisar o conceito de Joaquim (2001, p, 38) fica evidente que o que diferencia agroturismo de turismo rural em Portugal, é o fato de que o agroturismo deve ter a integração com a exploração agrícola da propriedade, ou seja o turista deve participar efetivamente das lidas produtivas da fazenda.

Beni (1998, p.170) também define esta prática como o agroturismo e ainda complementa como:

*uma atividade muito difundida na Europa, e considerando a mão-de-obra rural reduzida, é uma atividade agrícola de serviço, em que o turista vive no campo semeando, ordenhando, colhendo, se aloja na casa do camponês, convive com ele e trabalha para ele. É o exemplo típico de turista participante, verificando a experiência diária e integrando as festividades características da região.*

A demanda praticante do agroturismo busca fazer com que sua permanência na propriedade rural sirva para obter conhecimentos técnicos ou empíricos para serem usados futuramente, ou simplesmente para tê-lo por *hobby* ou curiosidade.

*Modalidade de turismo que tem por finalidade mostrar e explicar ao turista todo o processo de produção das fazendas agropecuárias. Portanto, as propriedades rurais que praticam o agroturismo somam às suas atividades convencionais outras atividades relativas à hospedagem de visitantes interessados em conhecer o dia-a-dia de uma fazenda. (PELLEGRINI FILHO, 2000, p.7)*

Este conceito define muito bem qual é o objetivo da demanda que busca esta atividade, que é o acompanhamento de alguma técnica ou atividade praticada no local, independente da finalidade para a qual o turista irá utilizá-la futuramente. Os conhecimentos adquiridos no agroturismo podem ser aplicados em atividades semelhantes desenvolvidas em outras propriedades, podendo servir para aprimorar técnicas já desenvolvidas, ou ainda servir somente para enriquecer o nível de conhecimentos gerais dos turistas. Tal conceito pode ser fortalecido, ao se analisar Cals (1995). In: Campanhola & Silva (1999, p.54) “*Prestação de qualquer serviço turístico, por motivos de férias e com preço, realizado no interior da exploração agrária, que se encontre em plena atividade agrícola, pecuária e florestal*”.

Verificam-se alguns conceitos que atribuem ao agroturismo diferentes atividades e características, observando que podem ser consideradas também como derivações do turismo rural, ressaltando um diferencial na interação mais efetiva entre o turista com as atividades agrícolas.

Quadro 6 – Atividades do agroturismo.

ATIVIDADES ASSOCIADAS AO AGROTURISMO	
G. da SILVA (1999, p.14)	Fazenda-hotel, o pesque-pague, a fazenda de caça, a pousada, o restaurante típico, as vendas diretas do produtor, o artesanato, a industrialização caseira e outras atividades de lazer associados à recuperação de um estilo de vida dos moradores do campo.
CAMPANHOLA & SILVA (1999, p.23)	Processamento caseiro de alimentos, restaurante de comidas típicas, lanchonete, pousada, venda direta ao consumidor, colheita no pomar, visitas às atividades de produção agropecuária (ordenha, plantio, colheita, tratos culturais, viveiros de mudas, horta, sistemas de produção sem agrotóxicos, sistemas florestais, criação de animais exóticos), visitas às unidades de processamento de alimentos "in natura", visita a artesãos, oficinas, cooperativas, cursos e aulas de culinária, atividades de lazer. (canoagem, passeios de barco, esportes náuticos, praias fluviais, passeios a cavalo, passeios de trator, de carreta, de charrete, de trenzinho, de carro de boi, playground, caça, pesque-pague, pesca amadora, com oferta de marinas e barcos), trilhas para caminhadas, escaladas, contemplação da paisagem (florestas, cachoeiras, montanhas, grutas, cavernas, vales, rochedos, áreas com degradação ambiental em recuperação), observação da flora e fauna, banhos em piscinas naturais, camping rural, atividades pedagógicas, artesanato, apiário, rodas d'água, destilaria, zoológico, arquitetura típica, capelas e museus, festas populares e religiosas, rodeios e feiras agropecuárias.

Alguns autores buscaram de forma genérica, relacionar atividades praticadas pelo agroturismo com as praticadas no turismo rural, ecoturismo e turismo ecológico. Por serem tipos de turismo praticados em áreas rurais, as atividades são semelhantes, porém a diferenciação está também na motivação do turista.

Como comprovação de similaridade entre os diferentes termos, nota-se que os problemas que podem surgir com a implantação do agroturismo, também podem ser atribuídos a outros segmentos:

- degradação ambiental causada pelo lixo, barulho, depredação do patrimônio natural, sua fauna e flora;
- degradação da cultura local, por intervenção da comunidade local com turistas de diferentes origens;
- aumento do trânsito de pessoas e mobilidade populacional; aumento da demanda por serviços públicos, competindo com o atendimento da comunidade local;
- inclusão e exclusão de áreas e regiões, podendo ocasionar o êxodo rural nas áreas excluídas;
- aumento da criminalidade e do uso de drogas, por influência dos fluxos de populações urbanas no meio rural;
- abandono das atividades agropecuárias, confiando-se apenas no agroturismo como fonte exclusiva de renda familiar; e,
- aumento do custo de vida das comunidades residentes, devido ao aumento dos preços das mercadorias, dos serviços e também das terras, resultantes da especulação imobiliária.

É correto deduzir então, que o agroturismo compreende a estada em uma propriedade produtiva, onde o visitante pode conhecer as técnicas aplicadas nas atividades produtivas, adquirir os produtos locais, participar das atividades rurais, etc. Representa um valioso recurso para a expansão da consciência ecológica e das práticas agrícolas ambientalmente corretas. Entretanto, em termos de prática de turismo no Brasil, ainda é muito difícil adotar um conceito diferenciado para agroturismo e turismo rural.

Para as melhorias práticas de agroturismo, podem ser seguidas algumas orientações de fácil aplicabilidade: respeito às regras que promovam a redução do consumo de água e energia e seleção de entidades agrícolas que utilizam métodos orgânicos de cultivo, ou entidades que se esforçam em reduzir os elementos químicos geralmente envolvidos na agricultura.

O agroturismo desenvolvido nos países europeus tem uma maior identidade com a cultural do local. Ao serem comparadas as propriedades que exploram esta atividade na

Europa e no Brasil se percebe que geralmente nos dois casos as propriedades são gerenciadas pelos próprios proprietários e com práticas similares. No caso das atividades de agroturismo a produção é quase sempre artesanal, como por exemplo, a produção do vinho e de queijos. Esta característica de produção faz com que o convívio com a comunidade seja mais natural.

No Brasil o agroturismo se desenvolve também em fazendas que detém tecnologia ou técnica na produção agropecuária, como por exemplo, no plantio da soja, no confinamento do gado ou na fabricação de queijos. As atividades são orientadas por técnicos especializados que transmitem conhecimentos aos visitantes.

Um dos principais exemplos de práticas de agroturismo no Brasil são as fazendas produtoras de vinho da região sul do país, algumas fazendas da região produtora do Espírito Santo e fazendas do interior do Rio de Janeiro e São Paulo que ainda hoje preservam uma produção artesanal de produtos que foram símbolo econômico do país, como o café e a cana de açúcar.

### **3. TURISMO ECOLÓGICO**

O turismo ecológico vem crescendo muito nos últimos tempos, devido a grande variedade de atividades que podem ser praticadas no meio ambiente e que compõem este tipo de turismo. Além do mais, o número de visitas que recebe um espaço natural tende a crescer nos próximos anos, no momento em que se declara como ambiente protegido.

A prática do turismo ecológico ocorre em ambientes naturais, onde o turista pode praticar e desenvolver várias atividades de integração com a natureza. O turismo ecológico é uma atividade que sempre envolve movimento por parte do praticante, por isso várias modalidades do esporte são praticadas em ambientes naturais e classificadas como prática de turismo ecológico.

A demanda do turismo ecológico é uma demanda ativa que se preocupa pouco com a preservação do ambiente natural, pois pratica atividades esportivas que possam vir a prejudicar o ambiente natural, desprovido de uma infra-estrutura adequada. Segundo a definição de Pellegrini Filho (2000, p.277) tem similaridade com o ecoturismo: “*Demanda de consumidores-viajantes por atrativos da natureza. Sinônimo de ecoturismo*”.

A afirmação anterior de Pellegrini Filho (2000) analisa somente motivação da demanda, e coloca o turismo ecológico como sinônimo de ecoturismo. Esta afirmação foi comprovada pela pesquisa de campo que demonstra que tanto os turistas como os empresários da área não fazem distinção destes dois termos. Como contribuição para a pesquisa, tentar-se-á diferenciar metodologicamente dois termos, apesar da concordância com a dificuldade em se aplicar à prática do ecoturismo conforme os conceitos definidos por Araújo (2000, p.35), “o seu principal objetivo é colocar o homem em contato com a natureza, a fim de formar-lhe uma consciência ecológica, inculcando-lhe respeito ao patrimônio ambiental”.

A consciência necessária para o turismo ecológico defendido, é essencial para a prática do ecoturismo. Os argumentos a serem considerados pelo turista ecológico na hora de escolher seu destino podem ser embasados em: ambientes inseridos na natureza e de preferência facilidade de contato com a população local; evitar práticas esportivas, meios de transporte, ou atitudes que prejudiquem o meio ambiente; consumir produtos do local.; optar por locais que utilizam as técnicas adequadas no tratamento da água, uso do solo, tratamento e reciclagem do lixo; e, eleger equipamentos turísticos adequados para a atividade.

### **Ecoturismo**

Um dos princípios do ecoturismo é que seja praticado em áreas naturais, inexploradas ou protegidas. A motivação principal do turista deve ser a natureza. As atividades do ecoturismo devem estar voltadas para o aproveitamento racional do espaço e pela sua conservação, e as viagens de ecoturismo devem ter uma função educativa. Por ser freqüentemente utilizado como sinônimo de turismo ecológico utilizou-se por várias vezes nesta pesquisa, por força de expressão, o termo eco turismo em vez de turismo ecológico.

O turismo centrado na natureza está crescendo gradativamente a cada ano, enquanto o turismo convencional aumenta de forma mais lenta. A investigação detalhada desta prática do ecoturismo é necessária, para melhor conceituá-lo, já que esta é uma atividade nova e que ganhou valor com a preocupação mundial da sociedade para com a preservação do meio ambiente. A visão do homem para a natureza ganhou destaque à medida que a humanidade compreendeu seu valor.

*Héctor Ceballos-Lascurain goza de amplio reconocimiento por ser la persona que acuñó el término **Ecoturismo**. En 1981, Ceballos-Lascurain empezó a usar la expresión **Turismo Ecológico** para designar las modalidades del turismo orientadas hacia la ecología. Esta expresión de acortó dando lugar al término **Ecoturismo** en 1983. (WEARING & NEIL, 2000, p.25)*

Pelo que se nota na citação, o termo ecoturismo surgiu do turismo ecológico. Entretanto, a terminologia ecoturismo ganhou uma importância muito grande, e também novas exigências em sua exploração e com a demanda praticante, o que permite afirmar que atualmente existe uma consideração maior pelo termo ecoturismo, onde são agregados valores intangíveis na prática da atividade, tornando uma atividade quase que utópica.

O ecoturismo é visto no mercado hoje como uma viagem responsável, onde o turista busca na natureza uma forma de demonstrar a sua preocupação com o futuro da humanidade e a conservação do meio ambiente, busca praticar um turismo de natureza em locais e regiões inexploradas, causando o mínimo de impacto no local.

Há que lembrar que nem todas as viagens a lugares naturais são classificadas como prática do ecoturismo, pois além de acontecer em áreas naturais, o ecoturista em sua viagem objetiva a contemplação e o aprendizado com os recursos naturais.

*Um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. EMBRATUR (1994, p.19)*

No conceito emitido pelo Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR consta a preocupação com a população local, que em se tratando de turismo sustentável, não é exclusividade do ecoturismo, pois considera-se que toda e qualquer forma de exploração do turismo deve se preocupar com a comunidade local que está localizada em áreas de valores naturais, e que a sua permanência no local é importante para a preservação ecológica do recurso natural.

*Oferta de atrativos diferenciais da natureza - bosque, mata, rio, cachoeira, praia excepcional, e preferencialmente não freqüentada por grandes levas de veranistas, montanha, área com paisagem excepcional etc -, possível de integrar atividade organizada de visitantes. (PELEGRINI FILHO 2000,p.82)*

Neste conceito certifica-se que o grande desafio do ecoturismo é a preocupação em não se tornar um atrativo alvo do grande fluxo turístico, provocando a massificação do turismo. Geralmente, os locais adequados para a prática do ecoturismo não são o destino favorito dos turistas de massa, apesar de ser bem estruturados e ser destinos que estão sempre na mídia. Devido à sua singularidade, os destinos ecoturísticos estão fora dos *points* de badalação que a demanda jovem procura.

O ponto forte do planejamento do ecoturismo é a sua capacidade de delimitar o fluxo de visitantes em um local. Esta medida de contenção, que age de forma seletiva e que provoca um impacto negativo na hora de escolha do destino turístico, torna-se uma vantagem competitiva na busca pela verdadeira demanda praticante do turismo ecológico, que vê neste fator um ponto positivo para a conservação do local.

O ecoturismo é um termo criado por Hector Ceballos-Lascurian no final dos anos setenta para determinar uma prática que estava se evidenciando em todo o mundo, e foi quem melhor conceituou este tipo de turismo até hoje. Na citação de Hector Ceballos-Lascurian (1987) *In*: Pellegrini Filho (2000, p.83), percebe-se:

*Turismo que consiste em viajar para áreas naturais não degradadas ou poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e fruir a paisagem, suas plantas e animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas. Esses termos, o turismo orientado para a natureza implica uma colocação científica, estética ou filosófica para cientistas, artistas ou filósofos profissionais. O ponto principal é que a pessoa que pratica ecoturismo tem a oportunidade de mergulhar na natureza de maneira normalmente não possível no meio ambiente urbano.*

Entende-se atualmente que o ecoturismo pode ser praticado não somente em locais de recursos naturais preservados, como muitos defendem. O caráter educativo que o ecoturismo produz no consciente das pessoas pode ser usado como um grande motivador na prática de viagens para lugares desgastados ou depredados, mas que estejam em processo de recuperação, através de algum projeto, investimento ou outro fator social, como a prática do ecoturismo. O ecoturista gosta de saber que as suas ações nestas atividades possam estar contribuindo para a recuperação do lugar.

Os lugares de realização do ecoturismo podem ser os mais variados possíveis, não necessariamente em lugares totalmente protegidos da ação do homem. Existem vários

conceitos a este respeito, mas deve-se atentar para o comportamento do turista e suas práticas no local, e não simplesmente considerar o local visitado.

O ecoturismo possui uma das demandas mais exigentes do mundo, e sua prática é cercada de fatores que ajudam a classificar esta demanda. É notável a influência da mídia nas pessoas e também é notável a força que o ecoturismo vem imprimindo nos meios de comunicação. Qualquer divulgação de um destino turístico ecológico irá despertar muita curiosidade em uma grande parte da demanda turística.

Assim sendo, assegura-se que o ecoturista se diferencia de outros praticantes do turismo tradicional, pois o sucesso do ecoturismo está centrado em sua demanda. Um turista mal informado ou mal intencionado pode tornar-se ameaça ao patrimônio do local, provocando perturbações físicas, culturais ou sociais, conforme afirmação da entidade The Ecotourism Society (1983) *in*: Pellegrini Filho (2000), *"ecoturismo é a viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem estar da população local"*.

A exploração dos valores culturais do ecoturismo é menos difundida em função dos valores naturais que na mídia ganham mais espaço. A preocupação com as gerações futuras e até o futuro da humanidade faz com que a sociedade se preocupe e valorize mais os recursos naturais e a sua conservação, entretanto os valores culturais também são motivações do ecoturismo,

Alguns autores defendem que o ecoturismo não pode ser explorado sem a presença de valores naturais e culturais, pois entendem que os dois se completam, e de certa forma os praticantes do ecoturismo têm esta consciência e ao entrarem em contato com os ambientes naturais, sempre vão estar observando os fatores culturais presentes no local, sejam eles oferecidos ou não.

Muitas vezes os planejadores do turismo esquecem a importância do atrativo cultural e oferecem um produto somente com fatores ambientais. Com a presença do ecoturista no ambiente, os valores culturais serão trazidos à tona de qualquer forma, e também, conforme Bodstein (1992, p. 108) trarão a formação de uma consciência ecológica.

*Turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza e oferecendo aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica nacional.*

A comunidade pode dar uma identidade diferenciada para o produto turístico oferecido. Ao tomar dois produtos que oferecem ecoturismo na Amazônia, eles serão diferenciados devido à presença da comunidade no local, assim só seria possível identificar geograficamente este produto se é no Brasil ou no Peru, através dos usos e costumes de cada região, pois a fauna e a flora terão características muito semelhantes.

Para Troncoso *in*: Pellegrini Filho (2000, p.83) “*o benefício que a população pode ter com o desenvolvimento do ecoturismo pode ser muito grande*”. A participação da comunidade na exploração é fundamental, já que por mais que o ecoturismo precise de mão-de-obra especializada, também se fazem necessários os agentes locais para dar autenticidade à atividade.

A união dos líderes locais pode até mesmo ser forte o bastante para concluir se o desenvolvimento turístico no local irá trazer benefícios ou não, e também se a comunidade quer realmente que o turismo se instale no local. As transformações sociais de uma forma geral não são bem aceitas por nenhuma sociedade organizada e no caso das pequenas comunidades não é diferente. A proposta de melhorar a infra-estrutura ou abrir frentes de trabalho pode não ser bem vista quando vier acompanhada de aumento do fluxo de pessoas, com hábitos e costumes diferentes do que os do local.

Explorar o turismo de forma sustentável é aceitar os usos e costumes das comunidades localizadas em áreas com potenciais de exploração do ecoturismo. Consequentemente, sustentabilidade neste caso significa garantir os mesmos usos e costumes de hoje para as comunidades e gerações futuras.

Os praticantes do turismo ecológico, geralmente utilizam o cenário da natureza para praticar ou desenvolver alguma atividade de lazer, seja de caráter esportivo ou cultural, enquanto o praticante do ecoturismo tem uma consciência de que a comunidade local é parte integrante do processo, bem como proprietária do local e seu sustento provém deste mesmo ambiente. Já o praticante do turismo ecológico vê a comunidade local como usuária do local, assim como ele mesmo.

O ecoturismo e turismo ecológico são semelhantes em alguns detalhes, pois ambos são considerados um turismo de pequena escala; porém o modo de exploração é um fator determinante para transformar o turismo ecológico de hoje em turismo de massa amanhã.

O mercado turístico vem tentando adotar estratégias de marketing para diferenciar o ecoturismo do turismo ecológico, pois além de diferenças de conceitos, o ecoturismo ganha um fator competitivo maior na hora de comercializar os produtos, pois os consumidores conhecem a forma de exploração deste tipo de turismo e até estariam dispostos a desembolsar um pouco mais para comprovar que a sua presença na natureza não causou nenhuma transformação no ambiente, e até mesmo contribuiu para o desenvolvimento sustentável do local.

Elementos essenciais nas viagens de ecoturismo, segundo Wearing & Neil (2000, p.32):

- o ecoturismo fomenta a compreensão dos impactos do turismo sobre o entorno natural, cultural e humano;
- o ecoturismo assegura uma distribuição eqüitativa dos benefícios e custos;
- o ecoturismo gera empregos em âmbito local, tanto de forma direta no setor turístico, como em diversos setores de apoio e gestão de recursos;
- o ecoturismo representa um estímulo para o desenvolvimento das “indústrias”, das zonas que produzem benefícios - os hotéis e outras instalações de alojamento, os restaurantes e outros estabelecimentos onde servem comidas, os sistemas de transportes, os artesanatos e os serviços de guias;
- o ecoturismo gera um movimento de reserva de divisas para o país e supõe uma injeção de capital e uma nova fonte de recursos econômicos para a indústria local;
- o ecoturismo persegue o objetivo de desenvolver a capacidade de decisão entre os segmentos da sociedade, com o objetivo de que podem coexistir o turismo e outros usos dos recursos. Incorpora os aspectos de planejamento e divisão em zonas, que garantem um desenvolvimento turístico em consonância com a capacidade de carga do ecossistema;
- o ecoturismo incentiva a melhora nos meios de transporte, o sistema de comunicações e outras infra-estruturas essenciais no âmbito local;
- o ecoturismo gera a aparição de instalações recreativas que podem ser utilizadas tanto pela comunidade como pelos visitantes nacionais e internacionais. Também estimula e contribui para financiar a conservação de sítios arqueológicos, assim como os monumentos e locais de valor histórico;

Os itens citados acima como essenciais nas viagens de ecoturismo, também podem ser apontados como essenciais para várias outras formas de turismo, entretanto a prática e a operação do ecoturismo é muito mais exigente e detalhista, do que qualquer outra. São poucas as empresas que conseguem efetuar a exploração adequada do ecoturismo, apesar de muitas estarem no caminho para conseguir não só a “exploração”, mas efetivamente praticar o verdadeiro ecoturismo.

A dificuldade em diferenciar tipos de turismo, faz surgir novas teorias a respeito de várias tipologias. Rodrigues (2000, p.53) sugere uma nova denominação para classificar a atividade onde se encontra hibridismo entre turismo rural e ecoturismo, a classificação sugerida seria turismo eco-rural. Também procura sintetizar e aprofundar as discussões em torno do ecoturismo e do turismo rural, termos que muitas vezes são usados como sinônimos. A autora enfatiza que se deve aceitar como ponto importante nessa discussão a satisfação do turista e da população residente.

No modelo proposto de turismo eco-rural, percebe-se a tentativa de juntar os conceitos sobre as atividades turísticas praticadas no meio rural. Na realidade, tanto o ecoturismo como o turismo ecológico, possuem características semelhantes ao turismo rural e ao subtipo agroturismo. Todos estes tipos de turismo acontecem no espaço rural e utilizam o cenário não urbano como o grande atrativo do produto oferecido.

Cada tipo tem suas peculiaridades e suas regionalidades que irão definir a escolha do produto no mercado. É importante para os estudiosos de turismo a classificação e estudo de forma sistemática para melhor compreender o fenômeno do turismo sobre o meio rural.

Para a efetiva exploração da atividade turística no meio rural, devem ser utilizadas especificidades de cada segmento de turismo apresentado, a fim de contribuir para a melhoria da oferta do produto a um público que busca o espaço rural para o aproveitamento de seu tempo livre e a prática do turismo.

## **CAPÍTULO IV**

### **BREVE HISTÓRICO DO TURISMO RURAL NO BRASIL E NO MATO GROSSO DO SUL**

Sempre citado como um grande potencial a ser explorado, o turismo no Mato Grosso do Sul se restringia apenas ao fluxo de alguns pescadores que buscavam os rios, sendo excluído das prioridades do poder público.

A caça e a pesca também eram atividades que atraíam um fluxo considerável de turistas, principalmente no Pantanal, que apesar do difícil acesso, era procurado pelos pescadores e caçadores, devido à abundância da fauna. Os problemas do turismo de pesca eram os mesmos que ainda são encontrados, ou seja, turistas pescadores que buscavam nossos rios para praticar uma pesca exploratória, com prejuízos para o meio ambiente.

Os pescadores são qualificados como turistas que não dão lucros substanciais para o estado devido à sua característica de trazer mantimentos que necessitam para suas estadas, que na maioria das vezes acontecem em acampamentos às margens de um rio, não utilizando equipamentos de hospedagem. Há duas décadas atrás, também eram vistos da mesma forma, mas era uma outra realidade e se considerava razoável esta atitude, uma vez que a região tinha uma infra-estrutura deficiente e uma certa dificuldade em buscar determinados suprimentos, sem falar nos preços elevados que eram praticados em locais afastados. Apesar de tudo, este era o único fluxo turístico possível de ser identificado.

Atualmente o governo do Mato Grosso do Sul vem fazendo uma campanha para melhorar o perfil da demanda de pescadores. Gradativamente, vem sendo diminuída a cota de pescado que cada pescador pode levar, incentivando-se assim a prática da pesca esportiva, conhecida por "pesque e solte", que guardadas as devidas restrições é tida como a pesca ecologicamente correta, pois garante a preservação e reprodução aquática do Pantanal.

A busca pela melhoria da qualidade da demanda de pesca para o Mato Grosso do Sul é vista como a solução adequada para a escassez de peixes e baixo nível de gastos diários do turista. O turista praticante da pesca esportiva, a realiza como uma atividade de lazer para toda a família, e não como uma atividade extrativista.

Os principais atrativos do estado tinham problemas de acesso. A cidade de Corumbá que na época era considerada como o maior parque industrial do estado, possuía o número mais elevado de rebanho bovino do mundo e também notáveis recursos minerais, mas não contava com estrada pavimentada ligando-a com a capital. A rodovia do Pantanal, denominada Estrada da Integração que liga importantes cidades como Aquidauana, Miranda e Corumbá, foi aberta com o objetivo de incentivar o desenvolvimento da região. Quando do início da estrada, constava no plano econômico somente a pecuária, mineração e comércio. Aberta também para ser o elo de ligação entre o oceano Atlântico e o oceano Pacífico, a estrada é hoje o principal acesso para o Pantanal. As cidades instaladas à margem da estrada direcionaram suas economias para a exploração do turismo.

Na gestão pública do turismo as iniciativas eram tímidas, existia uma visão limitada sobre as possibilidades de desenvolvimento do turismo. Em agosto de 1976, o órgão oficial de turismo de Campo Grande instituiu - Assessoria de Turismo (ASSETUR), tendo a frente o agente de viagens e turismólogo, Edson Carlos Contar. Já em 1979, com a criação do Mato Grosso do Sul, foi criada também a Empresa de Turismo de Mato Grosso do Sul - TURISUL, através do decreto n.º 11 de 1.º de Janeiro de 1979. A TURISUL só foi implantada efetivamente no dia 16 de julho de 1979 no mandato do governador Marcelo Miranda e era vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico.

Em virtude de um recurso apresentado por uma agência de viagens do Rio Grande do Sul, em 1980 a Empresa de Turismo de Mato Grosso do Sul passou a se chamar MS-TUR. Em 1987 a MS-TUR foi extinta por decisão do mesmo Governador que promovera a sua instalação, sob a alegação de ser uma empresa deficitária e já ter cumprido com as suas finalidades. O turismo no estado passou assim a ser coordenado por uma Diretoria subordinada à Secretaria de Indústria e Comércio.

Após a reforma da estrutura administrativa do Governo de Mato Grosso do Sul no final de 2000, o turismo passou a compor a Secretaria do Meio Ambiente, Cultura e Turismo. Apesar de ganhar o status de secretaria, o turismo passou a dividir espaço com outros setores,

que mesmo inter-relacionados com o turismo, exibiam questões próprias, não apresentando sintonia com a atividade turística.

Hoje o turismo é de responsabilidade da Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul, órgão ligado a Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Cultura e Turismo.

A EMBRATUR, atribui aos Estados Unidos a origem deste tipo de turismo, onde era praticada esta atividade utilizando termos como "*farm house*" ou "*country vacations*", acolhendo em seus ranchos os caçadores e pescadores que chegavam à região. Apesar de atribuir aos Estados Unidos o surgimento deste tipo de turismo, não informa em que época exatamente surgiu esta prática.

No Brasil, o surgimento do turismo rural se deu com a iniciativa de Lajes-SC na década de 80. Anos depois, o órgão oficial de turismo do país reuniu em um seminário, estudiosos sobre o assunto e publicou em 1994 o Manual Operacional de Turismo Rural, o qual serviu de semente para uma classificação da modalidade e um direcionamento à sua exploração econômica.

O manual também já reconhecia o desenvolvimento do turismo rural em outros estados da nação, como o Pernambuco, Paraná, Espírito Santo, Pará e Minas Gerais, considerando que muitos destes estados se inspiraram no modelo de Santa Catarina para a implantação do turismo rural. No Mato Grosso do Sul o aparecimento do turismo rural se deu alguns anos depois, sendo ainda considerado recente, e sua implantação também seguiu os moldes adotados em Santa Catarina.

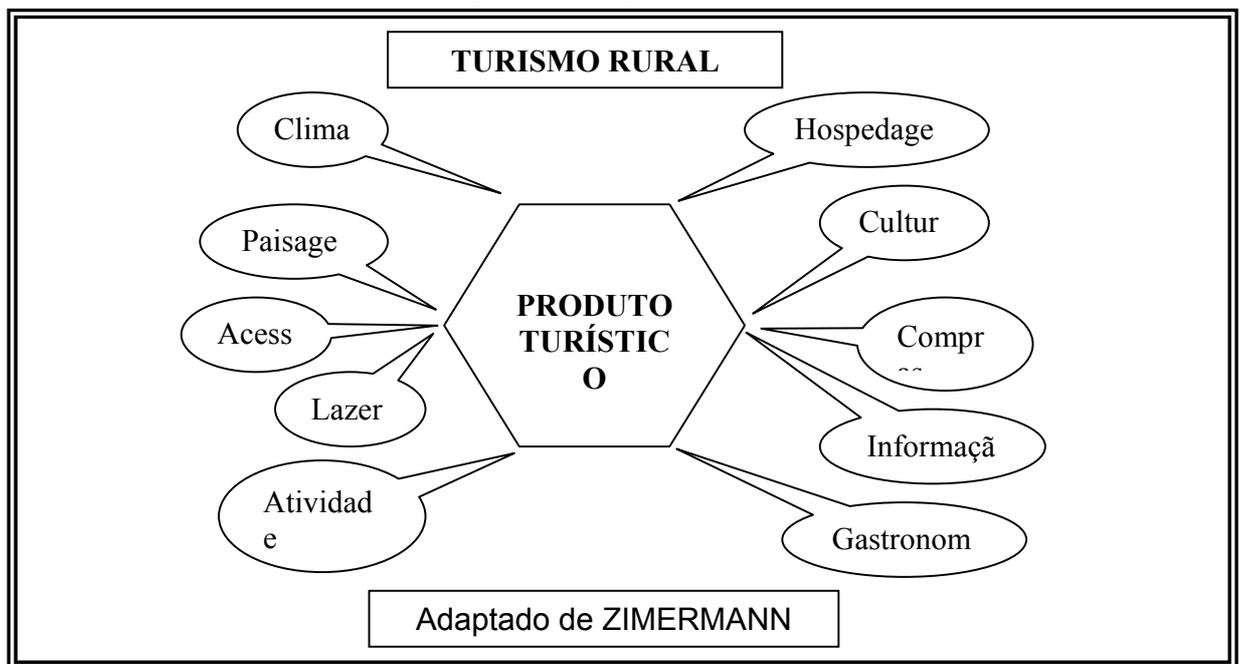
Sua expansão foi acelerada devido às características favoráveis encontradas na região. O estado do Mato Grosso do Sul possui uma área de 357.124 km<sup>2</sup>, sendo dividido entre o cerrado e o Pantanal, que ocupa 1/3 da área do estado.

O turismo rural, na concepção de exploração encontrada atualmente, começa a se consolidar no Mato Grosso do Sul na década de 1990, época em que a pecuária se achava em um momento de instabilidade econômica.

O produto do turismo rural do Mato Grosso do Sul é diversificado e com boa qualidade, fazendo com que a oferta atenda à expectativa da demanda. Ao observar o quadro abaixo, pode-se inquirir que o produto do turismo rural é composto por uma paisagem única, um clima agradável, equipamentos de hospedagem diversificados, cultura pantaneira forte,

possibilidade de compras, uma gastronomia regionalizada, atividade produtiva tradicional, acesso adaptado às condições locais e momentos para lazer.

Quadro 7 – Componentes do produto turístico rural.



No quadro acima nota-se a estrutura dos produtos turísticos ofertados no turismo rural, conforme ilustrado por Zimmermann (1996, p.31). O autor apresenta os 10 principais itens que compõem o produto turístico rural e os denomina de insumos, que são os mesmos de uma atividade turística normal.

Ao examinar o turismo rural, detecta-se as atividades e componentes que compõem o produto turístico, dentre estes itens estão aqueles que dão sentido à exploração do turismo no espaço rural. Primeiramente, vêm as atividades produtivas da fazenda, sendo aquelas rotineiras que já aconteciam na fazenda antes de ser implantado o turismo. Depois de ser implantada a atividade turística, poderão surgir outras atividades produtivas para atender às necessidades da demanda, como também podem desaparecer algumas atividades produtivas.

As atividades produtivas de uma fazenda podem ser das mais variadas, dependendo da região onde ela está localizada, mas algumas atividades elementares são comuns em várias regiões. As atividades básicas de uma propriedade são: a ordenha de leite, a cultura de alguns produtos para a alimentação diária das pessoas (arroz, mandioca, milho, feijão, etc), além das

hortaliças em geral. As atividades que dão sustentabilidade a uma propriedade, geralmente são desenvolvidas pelos próprios proprietários da terra, que para o turismo rural são muito importantes.

Dependendo da região variam as criações, como por exemplo, o gado no Centro-Oeste, os ovinos na região Sul e os caprinos na região Nordeste, como também variam as culturas agrárias em todos os estados da nação, e estas de forma mais variada devido à grande diversidade de produtos aptos ao plantio no Brasil.

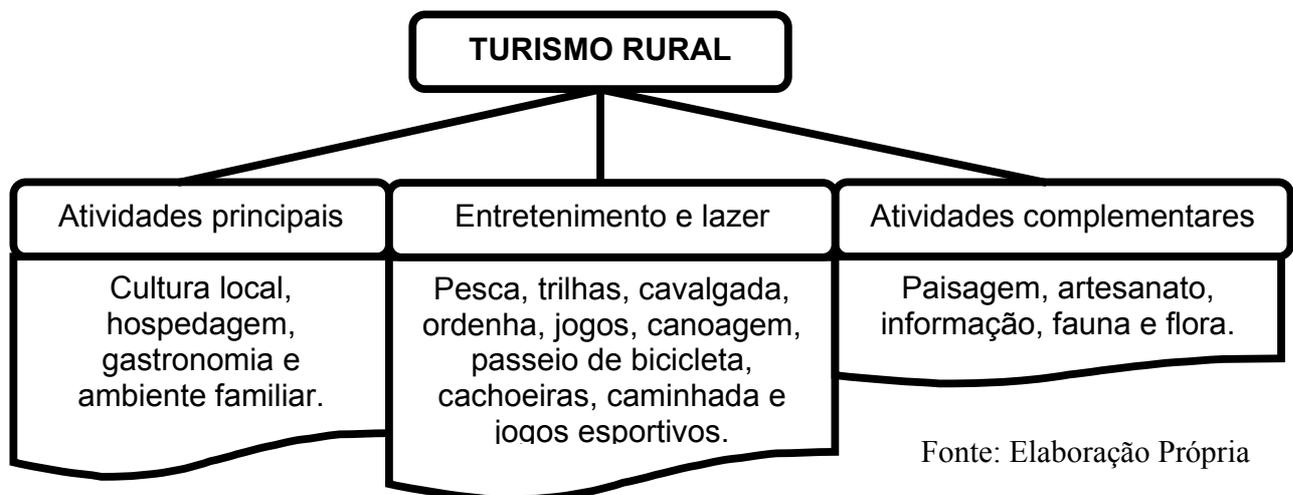
No turismo rural, as atividades complementares se fazem necessárias para a manutenção do turista por um maior número de dias, aumentando assim o lucro com a sua permanência. Entre as atividades de lazer que podem ser implantadas na propriedade, destaca-se a pesca, a cavalgada, as caminhadas e trilhas, além de outras atividades recreativas que podem ser feitas aproveitando as características e equipamentos do lugar.

Vale destacar, que é necessário um bom enquadramento da atividade esportiva no cenário da propriedade rural, pois a implantação de atividades de lazer com características urbanas pode não agradar à demanda, que busca uma diferenciação no lugar.

Percebe-se que a base do turismo rural é composta pelo conjunto das atividades principais, conjunto das atividades complementares e também pelo composto de atividades de lazer que dão sustentação à permanência e ao entretenimento do turista no local.

Para melhor compreensão das atividades principais e complementares, foi elaborado o quadro abaixo:

Quadro 8 – Atividades do turismo rural



## 1. A INSERÇÃO DO TURISMO RURAL NO CONTEXTO BRASILEIRO

A fim de analisar o surgimento do turismo rural no Brasil, necessário se faz compreender como ele se desenvolveu no mundo. O texto de Lima & Matias (1999, p.103-105) ilustra de forma ampla como foi em diferentes países. O turismo rural surgiu na Europa no final do século XIX, e ganhou destaque como atividade econômica e social somente a partir da década de 50 em países como França, Espanha, Portugal e Itália.

Os Estados Unidos possuem várias propriedades que oferecem este tipo de atividade. De acordo com a hospedagem, serviços e atividades complementares praticadas, recebem diferentes denominações: *working Farm*, *working ranch*, *guest farm*, *ranch resort* ou *lodge resort* e *widness lodge*.

Na Austrália baseia-se na hospedagem em propriedades rurais, tendo evoluído bastante nos últimos tempos, apresentando índices de crescimento muito significativos. Na Nova Zelândia as propriedades rurais que estão desenvolvendo esse tipo de atividade são conhecidas como "*farm houses*". No continente europeu, especialmente na Itália, as propriedades rurais estão voltadas para a visitação de sua produção de queijos e/ ou vinhos e costumam receber turistas, oferecendo-lhes alojamento e permitindo-lhes a participação nas fases do processo produtivo.

A França é um dos países mais representativos e de grande tradição no que se refere ao desenvolvimento do turismo rural. Caracteriza-se pela abundância e diversidade de oferta de alojamento. Na Espanha o turismo rural foi apoiado pelo setor público, que deu incentivo à oferta de alojamento em casas particulares, situadas em povoados e zonas rurais.

A Escócia é conhecida por possuir inúmeras destilarias que se dedicam   produção de whisky e outros destilados. Algumas destas destilarias apresentam estrutura de hospedagem, onde recebem turistas que queiram conhecer e participar do processo de fabricação dos destilados. No Reino Unido é praticado nas *farm houses*, propriedades voltadas para a exploração agrícola que oferecem aos visitantes alojamento, café da manhã e participação nas atividades agrícolas. Na Irlanda também é praticado nas *farm houses*, antigas casas típicas ou edifícios modernos, onde são prestados serviç os de alojamento e alimentação.

Na África do Sul, na região da Cidade do Cabo, o turismo rural está muito bem organizado em torno das propriedades vinícolas e de criação de avestruz. Na Áustria, encontra-se em franco desenvolvimento, tendo hoje, 29.000 agricultores envolvidos na atividade e é muito tradicional a oferta de *Bed & Breakfast*. Em Portugal acontece no ambiente familiar das propriedades, onde os visitantes ficam hospedados em casas cadastradas, e licenciadas por um órgão governamental.

Na América do Sul são encontradas experiências na Argentina, a qual iniciou nos anos 60 com propriedades denominadas estâncias, que inicialmente serviam somente à família dos proprietários e amigos.

Outro país em que o turismo rural se expandiu foi o Uruguai. Sua implantação coincidiu com o vizinho Argentina, e sua atividade baseia-se em hospedagem em fazendas de produção pecuária, principalmente criação de ovelhas. A oferta de turismo rural nas propriedades é extremamente reduzida, e o turista ocupa acomodações junto aos proprietários da fazenda e os acompanham em suas tarefas diárias no campo.

O turismo rural cresceu rapidamente no Brasil, assumindo grande importância, o que justifica e exige estudos aprofundados desta prática de turismo. Suas classificações foram tomando uma abrangência muito grande, tendo atualmente uma abundância de conceitos que estão sendo analisados, revistos e reordenados pela comunidade acadêmica.

Sirgado (1999, p.349) afirma que "*o próprio conceito de turismo rural tem no Brasil um sentido mais abrangente, envolvendo a fruição dos recursos rurais e as atividades desportivas e ecológicas, bem como a dimensão relativamente intangível da cultura e do modo de vida das comunidades rurais e/ ou de montanha*", resultado da exploração de uma atividade já desenvolvida em várias partes do mundo. Para situar historicamente o surgimento do turismo rural no Brasil, destaca-se a colocação da EMBRATUR (1994, p.07)

*No Brasil uma iniciativa pioneira foi lançada com sucesso na região de Lages (SC), em 1984, com o objetivo de criar uma alternativa turística aproveitando a estrutura existente nas fazendas e estâncias de criação de gado de cortes e leiteiros, bem como de equinos, predominante na região serrana.*

Neste relato atribui-se o surgimento do turismo rural no Brasil, ao Estado de Santa Catarina, especificamente no município de Lajes, no ano de 1984. Entretanto, já existia no Brasil bibliografia sobre o assunto desde 1981, com a publicação de Lourdes Fellini Sartor com o título “Turismo Rural: uma alternativa de produção”. Até a própria autora reconhece que estas ações isoladas, na época, não eram consideradas efetivas atividades de turismo rural. Mas, só pelo fato da existência de tal registro histórico, de exploração da atividade turística no meio rural, pode-se atribuir a este fato o primeiro relato de uma experiência no Brasil. A autora ainda complementa que as atividades existentes não se enquadravam na forma da proposta de turismo rural por ela apresentada em sua obra. Neste caso, deve-se relevar e sintonizar historicamente a época em que Sartor (1991, p. 13) inicia seu estudo.

*O turismo rural, no Brasil, representa ainda uma proposição recente. Existem alguns empreendimentos isolados que se aproximam do turismo nas áreas rurais, como a fazenda Santa Isabel, no Rio Grande do Sul, e alguns hotéis que estão surgindo no interior de São Paulo, ambientados nos antigos cafezais.*

Para identificar a origem do turismo rural em Lages-SC foi entrevistado o economista Adonis Zimmermann, que participou do processo de implantação e comenta que aconteceu devido a uma necessidade mercadológica, já que a economia local que era baseada na pecuária e na extração da madeira encontrava-se em crise. Na busca de descobrir uma nova atividade econômica, iniciou-se a oferta do que foi chamado na época de “um dia de campo”. Este produto turístico foi formatado para ser comercializado através de uma operadora turística aos turistas que se deslocavam do eixo Rio-São Paulo com destino às Serras Gaúchas.

Zimmermann complementa que o produto “um dia de campo” consistia em uma visita programada em alguma fazenda da região, onde o turista poderia conhecer a zona rural de Lajes, a cultura do local e aproveitar a culinária regional. Este produto foi oferecido para uma grande operadora de São Paulo, que aceitou incluir em seus pacotes para as Serras Gaúchas, 01 dia em Lajes. O sucesso foi imediato e segundo relato dos idealizadores em uma pesquisa feita pela operadora, o passeio “um dia de campo” foi escolhido o melhor programa dos 11 dias do pacote.

Para a EMBRATUR, a iniciativa de Lajes foi o embrião do turismo rural no Brasil. Entretanto, os idealizadores do turismo em Lajes não tinham a concepção de que este tipo de

produto era o que hoje é chamado de turismo rural. Quando foi implantado o produto, não havia conhecimento do conceito de turismo rural que já vinha sendo explorado na Europa.

Assim como nos conceitos existentes, o turismo rural de Lajes surgiu com o objetivo de aproveitar a estrutura das propriedades rurais que servia para atender à comunidade local, e que necessitava apenas de adaptações para a exploração do turismo. Esta prática caracteriza o que Krippendorf (1975) *apud* Ruschmann (1997, p.95) chama de Turismo Brando: “*Turismo no qual os turistas serão atendidos pela infra-estrutura destinada à população local, renunciando aos equipamentos turísticos complementares que alteram a originalidade da paisagem e os outros recursos culturais*”.

No Brasil, na maioria dos casos encontrados, as iniciativas de turismo rural implantadas em alguns locais são oriundas de projetos com recursos fartos, e que muitas vezes provocam a intervenção humana no local e realizam grandes construções e transformações no aspecto natural da paisagem, transformando assim o meio ambiente.

## **2. O TURISMO RURAL E O ECOTURISMO EM MATO GROSSO DO SUL**

Por várias décadas a oferta turística do Mato Grosso do Sul foi composta de ecoturismo (turismo ecológico) e de pesca, que continuam ainda hoje sendo as duas principais vertentes da atividade turística. Em 1995, em uma iniciativa do SEBRAE-MS – Serviço de Apoio à Pequena Empresa, uma caravana seguiu para Lajes/SC para participar de um encontro de Turismo Rural. Entre as pessoas que estavam presentes nesta caravana, encontravam-se empresários e proprietários rurais. O objetivo era de participar e conhecer esta nova atividade turística que estava se desenvolvendo na região serrana de Santa Catarina e que vinha conquistando bons resultados.

O turismo rural em Santa Catarina surgiu com uma iniciativa de entidades locais para atender a uma demanda que utilizava a cidade como ponto de parada para chegar ao destino final que era a região serrana do Rio Grande do Sul. A implantação da atividade em Lajes/SC foi coroada de sucesso e proporcionou um desenvolvimento acelerado do turismo rural em várias propriedades do local.

Os proprietários das fazendas centenárias, que no século XIX serviram de abrigos para os tropeiros gaúchos quando conduziam gado do Rio Grande do Sul para São Paulo, estando

cientes de que as suas fazendas poderiam oferecer uma opção de lazer, cultura, entretenimento e alimentação para os viajantes que passavam pela região rumo às serras gaúchas, começaram a explorar o turismo rural de forma organizada.

Entusiasmados com a experiência de Lajes e com o incentivo do SEBRAE-MS, iniciou-se em Mato Grosso do Sul uma campanha de incentivo aos proprietários rurais para a exploração do turismo em suas propriedades. Esta iniciativa foi primeiramente aceita pelos proprietários de áreas fora do Pantanal. O governo do estado também entrou na campanha de incentivo de exploração do turismo rural.

Com o incremento da exploração da atividade, os proprietários de empreendimentos rurais no Pantanal que ofereciam o produto ecoturismo, também buscaram a proposta do turismo rural, para agregar valores e fortalecer o seu produto à procura de uma nova demanda que se imaginava ser muito grande. Entretanto, as propriedades rurais no Pantanal já ofertavam as particularidades do turismo rural junto com a oferta do ecoturismo, mesmo que não fossem assim identificadas.

Caracterizadas por suas potencialidades para a exploração do ecoturismo e pela localização privilegiada no Pantanal da Nhecolândia, estas fazendas iniciaram suas atividades oferecendo seus produtos à demanda de ecoturistas. Com a propagação do turismo rural no estado, passaram a acrescentar algumas atividades do turismo rural na sua oferta de destino de ecoturismo. Com isto, alguns aspectos foram fortalecidos e valorizados, como a culinária local, o homem pantaneiro e seus costumes.

O turismo rural aproveitou-se das vantagens do meio ambiente natural do Pantanal para se desenvolver, utilizando de sua prática semelhante com o ecoturismo e outros tipos de turismo ofertados na região.

A exploração do ecoturismo no Pantanal tem uma particularidade muito especial. O acesso do turista no Pantanal só é possível através de propriedade particular, e as fazendas que exploram o ecoturismo são na sua maioria grandes propriedades que também exploram a pecuária extensiva.

Este fato característico do Pantanal pode parecer singelo, perante a exploração da região, mas em outros núcleos de exploração do ecoturismo são verificadas situações diferentes, onde existem áreas de visitação pública (parques, reservas, etc).

Com base em uma pesquisa realizada pela WWF – *World Wild Fund*, citada em entrevista com Zimmermann, os turistas internacionais e nacionais que chegam ao Pantanal, declaram que o que mais os motivou a procurar o Brasil e suas belezas naturais, foram as facilidades em acessar os ambientes naturais, pois os principais atrativos como o Pantanal e a Amazônia são destinos que possuem completa infra-estrutura de apoio com importantes cidades próximas, como o caso de Manaus e Corumbá. Além disso, consideram o Brasil um país pacífico por natureza, do ponto de vista social, sem riscos de atentados, golpes de governos, guerrilhas, etc. O outro fator importante na visão dos turistas é a hospitalidade do povo brasileiro.

Com a finalidade de atingir o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica dos tipos de turismo encontrados na região do Pantanal Sul-Mato-Grossense e seu entorno. Este levantamento voltou-se para o estudo sistemático destas atividades que há muito tempo vêm sendo estudadas no Brasil e em todo o mundo, juntamente com a expansão do turismo do mundo.

Estudou-se o Pantanal e seu entorno, observando suas características físicas, culturais e sociais, destacando a importância ambiental para a humanidade e sua importância cultural para o homem do local. O levantamento do histórico do turismo irá contribuir para o entendimento da implantação dos tipos de turismo no local e como vêm se desenvolvendo, destacando o seu grau de importância para o desenvolvimento sustentável do estado.

Todo o levantamento foi feito tendo como referência a nova proposta metodológica de desenvolvimento local, com a busca da sustentabilidade local e sua valorização cultural e histórica, acreditando ser o turismo o grande motivador para um melhor aproveitamento das potencialidades e oportunidades que possui o Mato Grosso do Sul.

O aproveitamento da exploração de tipos diferentes de turismo em um mesmo local poderá ser analisado mais sistematicamente no estudo de caso realizado, tendo como cenário as pousadas e fazendas que surgiram para complementar as ofertas do produto turísticos do Mato Grosso do Sul, aproveitando o Pantanal e o Cerrado onde se encontram dois tipos de turismo sendo oferecidos para uma mesma demanda. Portanto, o fator competitivo do Pantanal em relação aos outros destinos mundiais é a sua diversidade e a abundância da fauna e flora.

Foram objeto de análise a expectativa da demanda, sua motivação principal e o produto oferecido no local de visitação. Empiricamente, pode-se afirmar que o turista que vem ao

Pantanal tem como objetivo a observação quantitativa e qualitativa da fauna e flora Sul-Mato-Grossense. A pesquisa necessitou da busca de dados primários, colhendo e examinando depoimentos de pessoas, entidades e da própria demanda com o intuito de obter informações valiosas para subsidiar a análise pretendida.

Os proprietários rurais foram entrevistados na busca de informações que esclarecessem os motivos que os levaram a investir no turismo rural, identificando quais foram as vantagens e desvantagens que a atividade trouxe para a sua propriedade e para a sua região. A entrevista também foi um método utilizado com técnicos do governo do Estado e do SEBRAE identificando-os como os agentes responsáveis pela iniciativa de implantação deste segmento no Mato Grosso do Sul.

## 2.1. VISÃO CRÍTICA DA ATIVIDADE TURÍSTICA

A atividade turística no Mato Grosso do Sul, como no resto do Brasil está sendo altamente visada como uma atividade rentável e em franco crescimento. Constata-se o interesse dos municípios do interior em buscar recursos para investimentos na área do turismo, implantando e melhorando a infra-estrutura existente, já que com a ausência da mesma não é possível a exploração desta atividade de forma satisfatória e sustentável para a população local, e nem para o próprio poder público.

A demanda turística, principalmente de estrangeiros, que efetivamente chega ao estado ainda é pequena para o potencial turístico existente e pelo poder de atração que exerce sobre as pessoas no mundo inteiro, tendo sido registrada em 1992 de somente 1,8% do total de turistas estrangeiros que chegaram ao Brasil, e em 2001 atingiu 2,4%, segundo o órgão estadual de turismo. Com o crescimento desta demanda, faz-se necessária uma melhor infra-estrutura, além é claro de mão de obra qualificada para atendê-la, uma vez que a demanda interna é muito importante para o turismo na região.

O município de Bonito pode ser usado como exemplo, já que é um dos principais pólos de turismo do estado e, por conseguinte um dos municípios que mais arrecada com o turismo, não tendo porém uma infra-estrutura adequada para receber grande quantidade de turistas.

O turismo que acontece no estado hoje movimenta uma grande quantidade de recursos e desperta interesse por parte do investidor, devendo estar próxima uma transformação no

mercado turístico de Mato Grosso do Sul, que irá gerar maiores investimentos e fluxo turístico.

Algumas mudanças já aparecem no setor turístico, como no caso dos recursos humanos, onde o mercado sentiu a necessidade de qualificação. Ampliou-se a oferta de cursos superiores de turismo, garantindo a preparação dos profissionais que serão os condutores do turismo no estado.

É necessária uma melhor qualificação técnica para poder planejar, estudar e discutir as melhores oportunidades de aproveitamento de nosso potencial turístico, de forma satisfatória e sustentável.

O fator primordial para o completo aproveitamento do turismo em nível governamental é a vontade do poder público em priorizar a atividade turística, fato este que ainda não aconteceu, apesar de o turismo estar em todas as propostas e planos de governos apresentados, principalmente nas últimas eleições, onde foi apontado como um dos setores para resolver a questão do desemprego em Mato Grosso do Sul, postura, no mínimo, discutível.

O grande motivo para que o poder público de fato não priorize o turismo, talvez seja a própria característica da atividade, pois o capital que o turista gasta em suas viagens vai direto para os prestadores de serviços turísticos, como o hotel, o restaurante, o motorista de táxi, o vendedor de picolé, entre outros, geralmente não passando pela arrecadação tributária. Esta característica faz com que o governo não tenha uma real situação do montante de impostos que deveria ser arrecadado com o turismo, visto que a sonegação é uma prática usual.

Está em andamento, há mais de oito anos o Projeto Pantanal, que visa o investimento de recursos na atividade turística no Pantanal, com um orçamento na ordem de US\$ 200.000.000,00, e que é tido como uma grande oportunidade de infra-estruturação para a oferta de um turismo com base no desenvolvimento sustentável e com profundas melhoras da qualidade de vida do homem pantaneiro. Entretanto, as ações para viabilizar os recursos são intermináveis e o turismo permanece sem a priorização por parte do poder público.

A região da serra de Bodoquena e a região leste do estado podem ser beneficiadas com os recursos do PRODETUR-SUL – Programa de Desenvolvimento Turístico da Região Sul, que inclui os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, mas também devido à morosidade do processo de repasse dos recursos, os destinos turísticos

acabam ficando muitas vezes, à espera de recursos para se prepararem para o recebimento adequado da demanda.

## 2.2. DEMANDA DO TURISMO RURAL NO MATO GROSSO DO SUL

O turismo rural também sofre as conseqüências da sazonalidade, mas a princípio seus males não são tão impactantes. Considerando que um dos princípios do turismo rural é complementar a renda da propriedade rural, portanto, se esta atividade é só complementar, será indiferente se este complemento vir em uma época ou em outra.

Partindo do princípio de que a demanda do turismo rural é uma demanda regionalizada, identifica-se que o público alvo que teria motivações e incentivos para atingir determinado atrativo ou propriedade rural, está localizado em uma faixa próxima ao local.

Nos pontos turísticos pesquisados do Mato Grosso do Sul, são encontrados estes atrativos dentro de uma faixa de 350 quilômetros de distância em média de Campo Grande, que é a capital do estado e que no contexto desta pesquisa deveria ser o centro emissor de demanda praticante de turismo para o Pantanal Sul-Mato-Grossense. Entretanto, nas entrevistas realizadas verificou-se que a demanda é oriunda do estado de São Paulo e Região Sul do País.

Foi consultada uma pesquisa realizada por acadêmicos do 4.º ano do Curso de Turismo da Unicapital e coordenada pelas professoras Marlene Matias & Ignez de Lima (2000, p. 84), que revelou que 96,1 % dos turistas que praticam turismo rural no estado de São Paulo são originários do próprio estado.

Pela motivação da demanda do turismo rural, observa-se que a grande maioria da demanda real que atinge o atrativo é oriunda de grandes centros urbanos. A necessidade de descanso, a busca pelo lazer, a vontade de convívio cultural e o saudosismo do passado, levam as pessoas do meio urbano a procurarem o meio rural para a prática do turismo.

A demanda que busca a prática do ecoturismo no Pantanal e seu entorno, é diferente do turismo rural, pois ela é motivada a se deslocar até o Pantanal, devido à qualidade e diversidade de atrativos naturais, principalmente da fauna e flora da região. Entretanto, tanto o turismo rural, como o ecoturismo unem-se para oferecer as atividades complementares que irão incentivar e promover o Pantanal.

Segundo Lima & Matias (1999, p.102), os clientes do turismo rural são: *“residentes em grandes cidades; geralmente viajam com a família; utilizam veículo próprio na viagem; residentes em áreas urbanas próximas e no território nacional; e, alguns estrangeiros”*.

São poucas as pesquisas no Brasil para traçar o perfil do turista praticante de turismo rural. São encontradas somente suposições e conceitos que definem o perfil deste turista. Vários autores afirmam que esta demanda é composta de pessoas que vivem em grandes cidades, com alguma ligação com o meio rural e buscam no espaço rural um local para o lazer e para o contato com atividades, usos e costumes que teve ou ouviu do passado.

Em sua pesquisa para determinar o perfil do turista rural brasileiro, Rangel (2000, p.2), traça um perfil genérico do turista rural, apresentada no II Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. A pesquisa realizada no Rio Grande do Sul serve para termos uma idéia do perfil:

- oriundo de grandes centros brasileiros;
- cotidiano agitado, estressante e isento de contato com a natureza;
- ávido por um contato positivo com o meio ambiente e atividades de relaxamento, contemplação e lazer;
- busca acesso a informações sobre o meio ambiente e sobre problemas ambientais;
- procura ambiente e culturas diferentes, incomuns e até exóticos, antes que "acabem";
- bom nível cultural, educacional e financeiro;
- maioria possui nível superior;
- faixa etária de 26 a 50 anos;
- paga mais por programas culturais e ambientalmente corretos;
- preocupado com a qualidade do ambiente e com a qualidade de vida da comunidade local; e,
- viaja em família com automóvel próprio.

*Para o sucesso de qualquer empreendimento turístico, é preciso antes de mais nada, conhecer o cliente, pois a partir de suas características será possível traçar as estratégias para conquistá-lo, principalmente, mantê-lo. Cada vez mais as pessoas buscam o ar puro, lugares tranquilos para descansar, ao mesmo tempo em que integram com a natureza e com as origens do povo brasileiro. O cliente atraído para o turismo rural é, em sua maioria, urbano de classe média. Em geral, trata-se de um turismo regional e nacional, sendo os grandes centros urbanos os maiores centros emissores.*

*Pode ser dividido em dois grandes grupos: estudantil e familiar.*  
(MOLLETA e GOIDANICH, 1999, p.14).

O texto dá uma idéia do perfil do turista de turismo rural, ou seja, pessoas urbanas e de classe média. Buscou-se também a análise de outras pesquisas realizadas em diferentes lugares para formatar um perfil padrão da demanda e uma comparação com o perfil da demanda do turismo rural de Mato Grosso do Sul.

Os dados estatísticos levantados pela EMBRATUR da demanda quantitativa que chega a Mato Grosso do Sul foram um dos analisados, e neste caso será observada a demanda estrangeira quanto às vias de acesso utilizadas para chegar ao estado, bem como os números de entrada de turistas em 1997 e 2000.

De uma forma em geral, a demanda praticante de turismo rural no Mato Grosso do Sul tem o mesmo perfil do resto do Brasil, diferente da praticante de ecoturismo que pode ser de várias classes sociais, nível de renda e país de origem.

A demanda externa que chega ao Mato Grosso do Sul vem principalmente em busca dos atrativos do ecoturismo. Com o desenvolvimento do turismo rural, os aspectos culturais foram valorizados e passaram a integrar o produto turístico do estado, dando uma maior competitividade ao destino Pantanal Sul-Mato-Grossense.

Existe uma demanda de mais de 1.000.000 de turistas nacionais que também visitam o Pantanal do Mato Grosso do Sul em busca das principais atividades: ecoturismo, turismo rural e turismo de pesca.

Em entrevistas com os operadores de turismo<sup>4</sup> do Mato Grosso do Sul, foi constatado que os mesmos não realizam uma pesquisa para saber quantitativamente o perfil da demanda que busca os atrativos turísticos do estado. Portanto, foi considerada a visão profissional dos operadores, baseada em anos de experiência no turismo no Pantanal.

De uma forma geral, os operadores e proprietários de atrativos são categóricos em afirmar que a origem da demanda é basicamente 90% de cidades do sul e sudeste do Brasil, sendo o maior emissor o estado de São Paulo.

---

<sup>4</sup> Foram realizadas entrevistas com o Sr. Ney Gonçalves proprietária da Impacto Turismo de Campo Grande-MS e com a Sr<sup>a</sup> Fátima Cordela, proprietária da operadora Águas do Pantanal em Miranda-MS.

Quadro 09 - Entrada de turistas no Mato Grosso do Sul por período do ano.

TURISMO NACIONAL	
1989	32.742
1994	315.000
1997	612.000
1998	900.000
2000	1.400.000
2001	1.600.00

Fonte: Governo do estado – Mato Grosso do Sul

### Principais segmentos

O turismo no Mato Grosso do Sul tem como o seu maior segmento turístico a prática de ecoturismo. Trata-se de uma demanda crescente em nível mundial e regional, buscando destinos adequados, qualificados e que tenham características de exploração sustentável do meio ambiente.

O turismo rural ainda não conseguiu atingir um nível satisfatório de volume de demanda, devido em parte ao mau direcionamento do seu *Marketing*, que busca como objeto uma demanda em nível nacional e internacional, enquanto sabemos que o principal público do turismo rural encontra-se na própria região, nos grandes centros urbanos. Entretanto, pelas características estudadas e dados levantados, pode-se afirmar que grande parte da demanda potencial, praticante do turismo rural tradicional, encontra-se em Campo Grande-MS e nos estados vizinhos, como São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná e outros.

A demanda praticante do turismo ecológico e agroturismo possuem características difíceis de identificar, pois suas atitudes e comportamentos são confundidos com os praticantes de ecoturismo e turismo rural. O agroturismo no estado, na forma como é apresentado nesta pesquisa é muito pouco praticado atualmente, mas o estado possui um potencial muito grande para o crescimento desta prática, devido à sua avançada tecnologia na

pecuária, e avançada produção de produtos agrícolas, podendo surgir fazendas dispostas a receber visitantes que queiram conhecer os métodos e técnicas desta atividade.

Os equipamentos turísticos montados para receber turistas na região do Pantanal, ainda não estão enquadrados como equipamentos de qualidade para a demanda do ecoturismo. Apesar de serem comercializados com esse apelo de *marketing*, necessitam ainda ser repensados, objetivando um aproveitamento da exploração turística de forma sustentável, ou seja, cumprindo rigorosamente as funções e objetivos do ecoturismo, através do engajamento da comunidade local no processo, tratamento correto com a água utilizada para consumo, reciclagem do lixo resultante de sua exploração, e demais cuidados necessários que o ecoturismo exige.

A demanda que chega ao Mato Grosso do Sul para praticar o turismo se autocalifica como ecoturista, mais por influência da mídia do que por princípios próprios ou estilo de vida. Sabe-se da dificuldade em se classificar a demanda turística praticante destas atividades, portanto, tentou-se analisar estes tipos de turistas para melhor compreender sua aplicação no Pantanal.

O turista que busca no meio rural exclusivamente atividades de lazer, descanso e convívio com a cultura local, como forma de entretenimento, é um turista praticante do turismo rural. Porém, se o que ele busca é melhorar seus conhecimentos com alguma atividade praticada no campo, ou conhecer outras experiências praticadas no campo e que tenham algum tipo de importância econômica, é característico de atividades de agroturismo.

### **3. ESTUDOS DE CASOS**

O turismo rural e o ecoturismo são os segmentos mais praticados no Centro-Oeste brasileiro, conforme dados do RINTUR, elaborado pela EMBRATUR em 1997. Como o agroturismo e o turismo ecológico são considerados variações do turismo rural e do ecoturismo, respectivamente, conclui-se que eles estejam incluídos na mesma estatística.

As propriedades rurais que iniciaram as atividades de turismo rural no Mato Grosso do Sul tiveram uma inserção no mercado de forma lenta e gradativa. Algumas iniciaram com a expectativa de atrair turistas estrangeiros e prepararam materiais promocionais voltados para a demanda externa. Com o passar do tempo, o direcionamento do *marketing* destas propriedades

voltou-se para a demanda nacional. Hoje, ainda ocorre uma busca pela demanda externa, entretanto não existem pesquisas para quantificar o grau de satisfação e a motivação destes turistas ao visitarem o Pantanal.

Também se observou que as propriedades que já exploravam o ecoturismo passaram a inserir em suas atividades práticas mais direcionadas para o turismo rural, como o caso do Refúgio Ecológico Caimã que introduziu há mais de cinco anos a Comitiva Pantaneira, buscando atender uma demanda com características rurais, e recentemente a Fazenda San Francisco passou a oferecer hospedagem para atender principalmente os turistas que queriam acompanhar a vida do homem do campo em suas atividades diárias.

Após analisar os trabalhos existentes sobre o turismo no Pantanal, não se conseguiu levantar o perfil da demanda do turismo rural e ecoturismo, pois a maioria do material existente resume-se à demanda do turismo de pesca. Por conseguinte, foi realizada a pesquisa por amostragem na Fazenda San Francisco, por ser considerada a mais propícia para isto, uma vez que nos outros dois destinos seriam encontradas dificuldades para a aplicação da pesquisa.

As dificuldades na aplicação dos questionários relacionaram-se à regularidade dos turistas no Pantanal e à política de atendimento dos atrativos, o que fez com que fosse necessário muitas vezes deixar os questionários nas propriedades e contar com a colaboração dos próprios proprietários para aplicá-los. Todavia, a maior parte foi aplicada diretamente aos turistas nos intervalos dos passeios.

Após a conclusão das pesquisas, foram adotados três destinos como estudo de caso que serão analisados conforme o segmento de turismo mais explorado, definidos por observação. Portanto, considera-se que a Fazenda Caimã tem seu potencial voltado para a oferta de ecoturismo, a Fazenda Agupé é adequada para a oferta de turismo rural e a Fazenda San Francisco possui potencialidade para oferecer os dois segmentos, conforme análise a seguir.

### 3.1. FAZENDA SAN FRANCISCO

A Fazenda San Francisco, localizada no município de Miranda-MS a 236 Km de Campo Grande com acesso pela BR 262, foi tratada como o principal elemento de pesquisa para justificar a exploração do turismo rural e ecoturismo no Pantanal Sul-Mato-Grossense. A mesma possui uma área total de 15.000 ha e sua produção econômica está dividida entre a agricultura, pecuária e o turismo.

O início das atividades da Fazenda San Francisco antecedeu a implantação do turismo rural no estado. Por iniciativa de uma operadora local, teve início a visitação na fazenda de forma improvisada, sem a adequação física apropriada para receber os turistas. O proprietário da fazenda não via o turismo como uma fonte de renda viável e relutou em investir no turismo, aceitando por insistência da operadora que elaborou um passeio fluvial e um safári fotográfico, inclusive transportando as refeições de Miranda para serem servidas na fazenda.

O safári fotográfico era realizado nas plantações de arroz irrigado da fazenda. Era visto como uma forma estranha, atípica de turismo considerado ecológico, porém foi a única forma de convencer os proprietários, que só aceitariam a atividade caso fosse associada com a produção agrícola.

Este histórico relatado por Fátima Cordela, proprietária da operadora Águas do Pantanal, localizada em Miranda-MS e operando no mercado há mais de 15 anos, demonstra a dificuldade em iniciar uma operação de turismo nas fazendas tradicionais de exploração da agricultura e pecuária.

Conforme verificado através dos materiais promocionais da fazenda, todos os passeios são oferecidos para uma demanda contemplativa praticante do ecoturismo. A fazenda oferece ainda um passeio denominado Agro-Rural que consiste em visitas guiadas às plantações de arroz em área irrigada pelo rio Miranda. Esta atividade é direcionada à demanda que busca o ecoturismo, pois tem como objetivo observar somente a fauna, principalmente aves. São passadas informações das técnicas de irrigação, sistema de plantio e colheita realizada, mas despertando pouco interesse na demanda.

Quadro 10 - A publicidade da Fazenda San Francisco durante os anos.



Ao iniciar sua atividade no turismo, a Fazenda San Francisco se autodenominava como um destino de turismo rural e ecoturismo, pois acreditava que este era o enfoque a ser aproveitado, já que as características culturais do homem pantaneiro e seus usos e costumes seriam o foco principal de atração. A cultura pantaneira, rica em detalhes, complementa a oferta turística do produto.

Em entrevista com Carolina Coelho, filha do proprietário, a mesma relata que a inclusão do termo turismo rural na publicidade da fazenda, foi uma estratégia de precaução, pois temiam que a demanda pudesse se sentir lesada ao fazer um safári fotográfico em uma plantação de arroz. Por desconhecimento do termo na época, a utilização foi meramente ilustrativa, pois não se tinha noção das atividades do turismo rural.

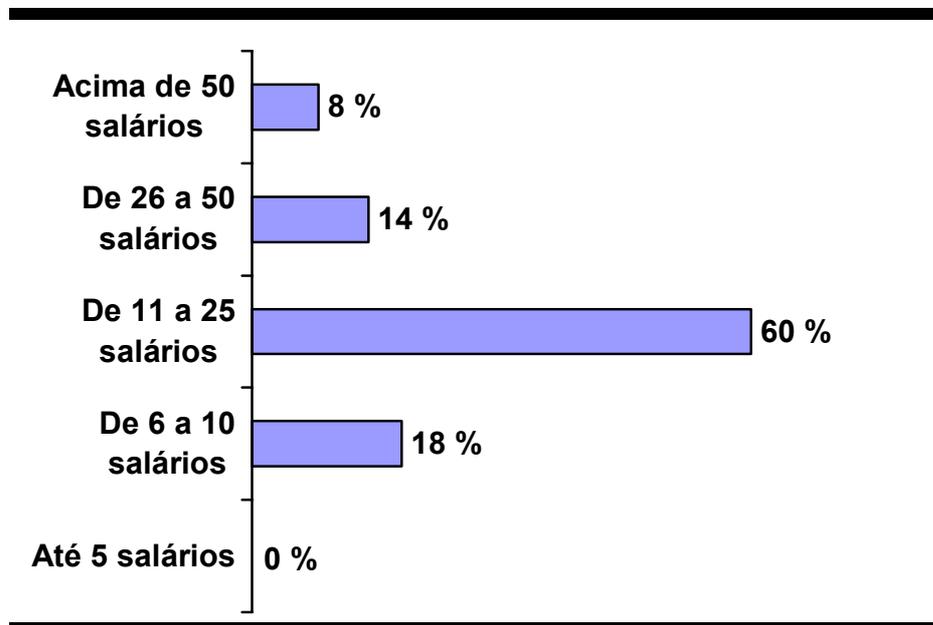
Com o passar do tempo chegaram a um consenso de que o safári fotográfico seria uma prática de agroturismo, já que tinha como objetivo também mostrar como acontecia o plantio, a irrigação e a colheita do arroz. Considerada uma plantação de alta tecnologia, enquadra-se como agroturismo.

Conforme quadro abaixo, verifica-se que hoje é adotada a terminologia Agro-ecoturismo, pois acreditam que apesar de ser realizada na plantação de arroz (agroturismo), predomina a observação de fauna (ecoturismo). Assim passaram a divulgar esta nova terminologia para ofertar a Fazenda San Francisco.

Segundo declaração de Carolina Coelho, *“a exploração do agroturismo e ecoturismo acontecem juntas, sendo que o agroturismo é caracterizado pelo safári na plantação de arroz irrigado e o ecoturismo é caracterizado pelo passeio de barco”*.

A fim de analisar a atividade turística na Fazenda San Francisco, foi aplicada uma pesquisa (janeiro de 2001) por amostragem para detectar algumas características específicas da exploração do agro-ecoturismo. Em entrevistas com os proprietários da fazenda foi levantado um histórico do início das atividades e como se encontra a exploração do turismo nos dias de hoje. Nos cinquenta questionários aplicados aleatoriamente foram colocadas 17 questões objetivas que possibilitaram obter os seguintes resultados analisados:

Gráfico 1 - Renda familiar mensal



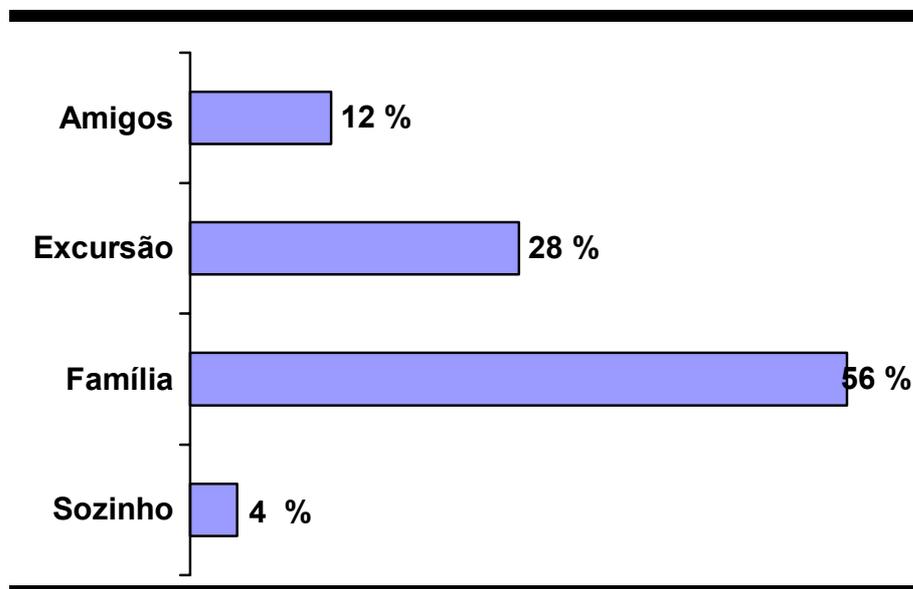
Fonte: Elaboração própria

A demanda real detectada na Fazenda San Francisco é composta de sua maioria por turistas brasileiros com renda acima de 10 salários mínimos por mês. Gastam uma média de R\$ 70,00 por dia, com uma renda elevada, pois 60% dos turistas ganham até 25 salários mínimos por mês e 25 % acima de 25 salários. Não foi feita uma diferenciação de renda entre os turistas nacionais e estrangeiros. O valor citado como renda salarial pelos turistas estrangeiros, foi convertido pela média do dólar em 2001.

Vale ressaltar que na época da pesquisa, a Fazenda San Francisco só oferecia passeios denominados Day Use<sup>5</sup>, portanto os turistas chegavam de manhã e retornavam à tarde, após a realização dos passeios de barco e de carro, mais os opcionais: caminhada, cavalgada e pescaria de piranha. Este passeio ainda é ofertado para a demanda que se desloca à cidade de Bonito-MS, que fica a 162 km da Fazenda San Francisco, possibilitando assim a oportunidade de integração turística entre o cerrado (Bonito-MS) e o Pantanal.

<sup>5</sup> Day Use – Passeio de dia inteiro nos atrativos turísticos, sem direito a hospedagem. Geralmente oferecem duas refeições.

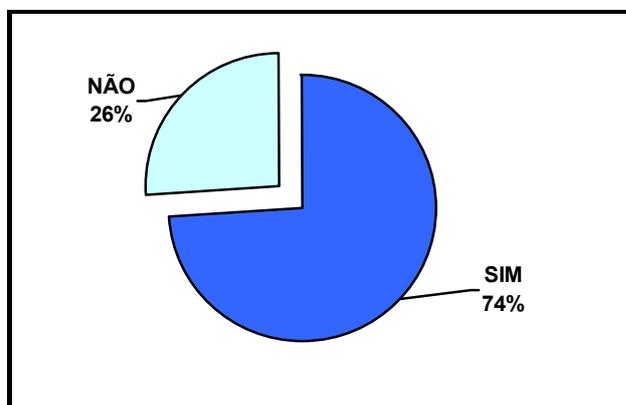
Gráfico 2 – Modo de viagem



Fonte: Elaboração própria

A maioria dos turistas viaja em família (56%), considerando ser esta uma característica do turismo rural e do ecoturismo. Entretanto, detectou-se que na época de realização da pesquisa, por ser alta temporada (janeiro) havia uma grande quantidade de turistas que chegavam ao Pantanal através de pacotes oferecidos por agências de viagens nas cidades brasileiras e do exterior.

Gráfico 3 – Serviços das agências de viagens



Fonte: Elaboração própria

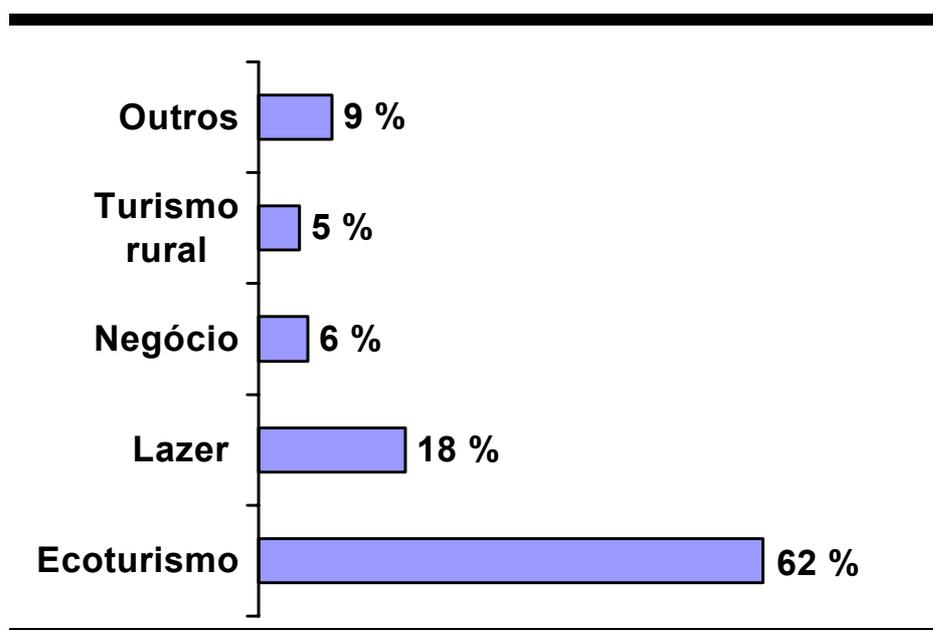
Foi levantado um número grande de turistas que utilizaram os serviços das agências de viagens para adquirir os pacotes para o Pantanal. Esta característica se dá por ser um destino de difícil acesso e pouco conhecido do grande público, condicionando o turista a uma compra garantida.

As características de exploração do Pantanal, com sua dificuldade de acesso nas fazendas de ecoturismo fazem com que dificilmente um turista, principalmente estrangeiro se aventure sem a orientação de uma agência de viagens especializada.

Apesar de não ser o objetivo principal desta pesquisa o levantamento da importância das agências de viagens na comercialização dos produtos turísticos do Pantanal, é importante conhecer como é sistematizado e qual o funcionamento do sistema de turismo com a distribuição e comercialização na região e no exterior.

O principal objetivo de aplicar o questionário era saber a real motivação da demanda em um atrativo onde ocorre a oferta de turismo rural e ecoturismo de forma integrada. Uma das práticas do turismo rural na Fazenda São Francisco é representada pelo passeio a cavalo, o qual os turistas realizam pela possibilidade de observação da fauna.

Gráfico 4 - Motivo da viagem ao Mato Grosso do Sul



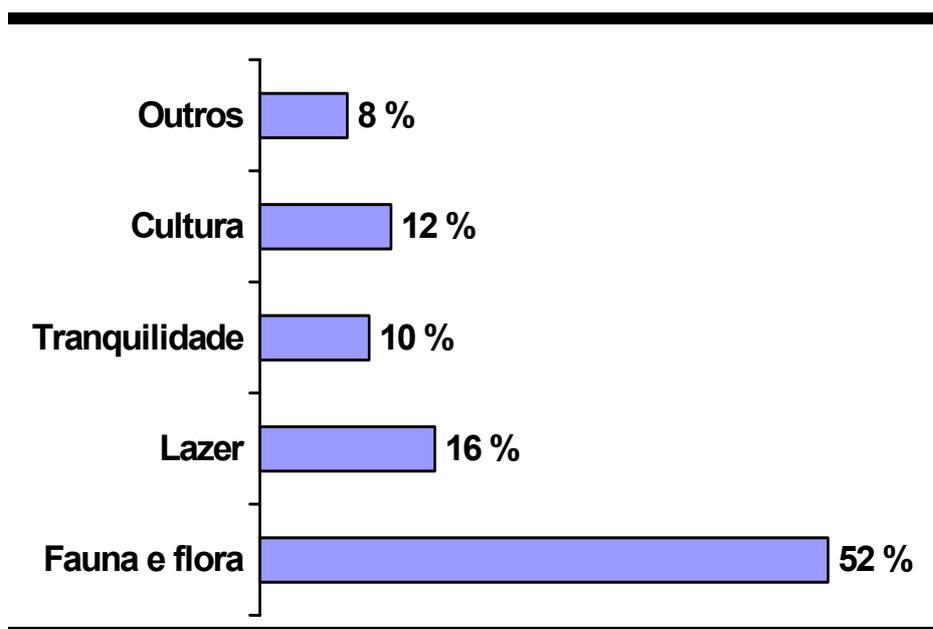
Fonte: Elaboração própria

A aplicação do questionário foi no intuito de descobrir qual era o segmento que mais despertava interesse ao turista nacional e internacional. Verificou-se que a grande maioria da demanda que chega ao Mato Grosso do Sul vem em busca do ecoturismo que acontece principalmente no Pantanal.

Esta constatação também é compartilhada com os operadores, que consideram o ecoturismo o grande produto turístico do nosso estado e consideram muito difícil vender turismo rural isoladamente.

Entretanto, todos são favoráveis ao afirmar que o produto ecoturismo comercializado no Pantanal Sul-Mato-Grossense ganha um forte valor agregado no mercado, se for complementado pelo turismo rural.

Gráfico 5 – Escolha do local



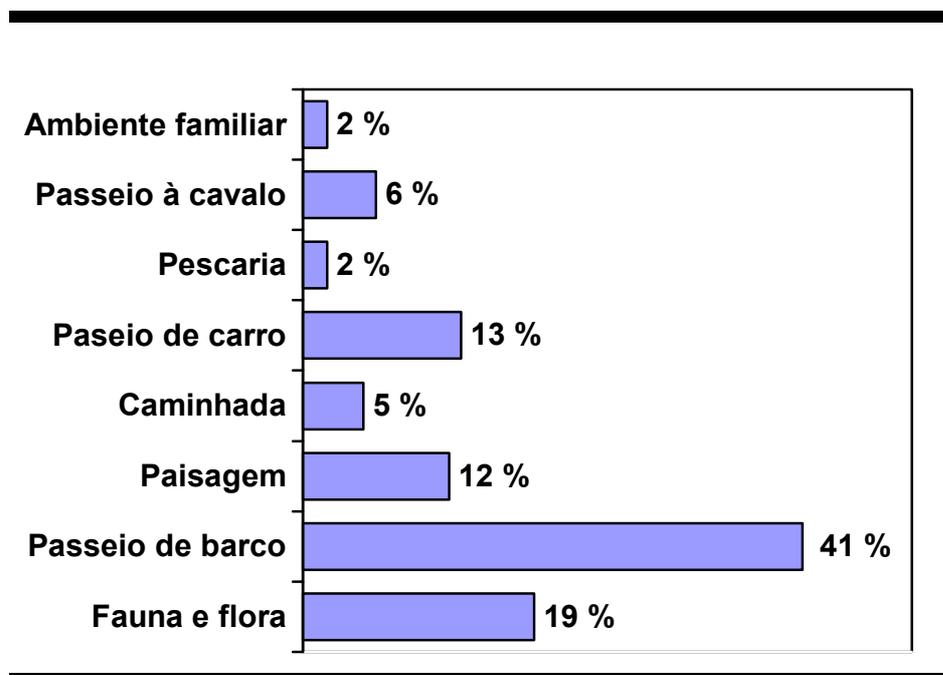
Fonte: Elaboração própria

Outra questão foi formulada para certificar a veracidade das respostas dos turistas. Constatou-se que os mesmos buscam na Fazenda San Francisco a observação da fauna e flora do Pantanal. Independente do passeio realizado, os turistas somente julgam-se satisfeitos se observarem os exemplares da Fauna.

Dentre os turistas, 52% buscam na fazenda a oportunidade de observar a fauna e a flora Pantaneira através de passeios de carro e de barco, e outros 10 % buscam a tranquilidade do local e 62% se deslocam até o local para praticar o ecoturismo.

Foi ainda observado que o sistema de comercialização dos atrativos do Pantanal é geralmente feito respeitando-se a cadeia do turismo. As agências de viagens são as grandes responsáveis pela informação e comercialização de pacotes para o Mato Grosso do Sul, sendo que 36 % dos turistas adquiriram seus pacotes e receberam informações nas agências de viagens e outros 34% receberam informações positivas do Pantanal através de amigos.

Gráfico 6 - Preferência dos atrativos



Fonte: Elaboração própria

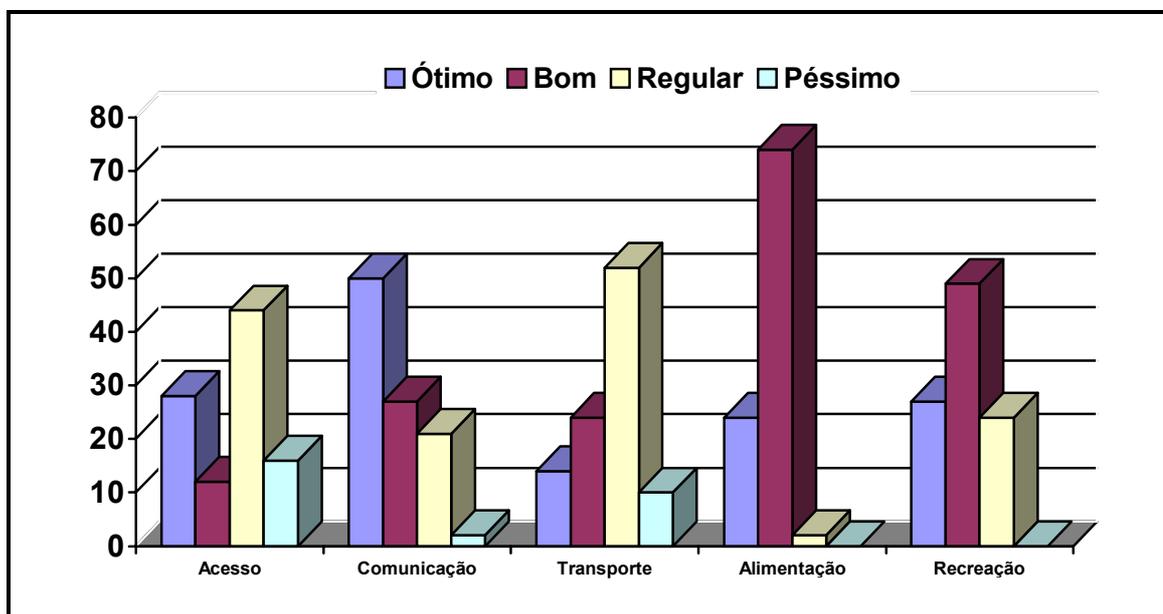
O passeio de barco da Fazenda San Francisco é o preferido pela demanda, pois a incidência de animais é muito grande, o ambiente é agradável e favorável à observação. Quando questionada sobre o que mais a agradou na fazenda, a fauna e a flora foram citadas por 19% e o passeio de barco por 41% da demanda, mas há que se considerar as características do passeio de barco citadas acima.

Outros dados também foram extraídos para o complemento da pesquisa e demais conclusões, como a de que a faixa etária média dos turistas é de 38 anos. A pesquisa revelou o seguinte perfil:

- 1) sexo masculino: 55%
- 2) aposentados 25%, professores 25%
- 3) 45% casados, 45% solteiros e 10% entre viúvos e separados.
- 4) 82% são turistas brasileiros e 18% estrangeiros
- 5) para chegar até Campo Grande 55% utilizam avião e 45% preferem o transporte terrestre. O acesso até a Fazenda só é feito por via terrestre.
- 6) 66% possuem renda de até R\$ 5.000,00
- 7) média de gasto de R\$ 70,00 por dia
- 8) permanência média acima de 5 dias na região
- 9) 48% viajam com a família
- 10) 65% utilizam os serviços de uma agência de viagens.
- 11) 80% viajam com o objetivo de praticar o ecoturismo ou turismo ecológico.
- 12) 95% escolheram o local por causa da sua diversidade de fauna e flora. Também são consideradas importantes as atividades de lazer e a tranquilidade do local.
- 13) 50% dos turistas souberam do local através de amigos ou então por indicação de agência de viagens.
- 14) os passeios preferidos pelos turistas foram os feitos para observar a fauna e flora do local. Passeio de barco, de carro e a observação da fauna e flora totalizaram 99% do total das entrevistas.
- 15) o acesso à fazenda foi considerado ótimo e bom, por 45% dos entrevistados. A comunicação com o turista foi considerada ótima por 50% dos entrevistados. Os turistas que utilizaram a Van para se deslocar de Bonito para a fazenda consideram ruim este tipo de transporte. 100% dos entrevistados consideraram a culinária da fazenda boa e ótima.

Vale ressaltar, que foram classificados pela demanda como complementares os passeios e atrativos característicos do turismo rural, como passeio a cavalo e acompanhamento das atividades diárias da fazenda, sendo realizados somente com o objetivo de contemplar a fauna e flora.

Gráfico 8 - Qualidade da infra-estrutura e serviços



Fonte: Elaboração própria

Com base nos dados analisados, pode-se dizer que apesar da fazenda oferecer um produto voltado para o agro-ecoturismo, oferta esta verificada com base no material promocional da fazenda e distribuído para as agências de viagens e operadoras, fica evidente que a demanda que chega à Fazenda San Francisco busca essencialmente a contemplação da fauna e flora pantaneira. Esporadicamente são feitas visitas caracterizadas como agroturismo, com o intuito de visitar a plantação irrigada e conhecer a tecnologia utilizada.

A principal atividade do Pantanal é sem dúvida o ecoturismo. O turismo rural e o agroturismo são oferecidos com o objetivo de complementar a oferta e torná-lo um destino diferenciado. Apesar das práticas detectadas de turismo rural e agroturismo, todo o *marketing* da fazenda é voltado para a demanda de ecoturismo, conforme verificado no texto extraído do material promocional da fazenda:

*A Fazenda San Francisco é uma ótima oportunidade para o visitante conhecer uma belíssima região do Pantanal Sul. Suas matas ciliares, seus rios e corixos, com safaris fotográficos fluviais, passeios de barco e a cavalo, trekking nas planícies pantaneiras, trilhas suspensas sobre a enchente, passeios em carro aberto pelas reservas florestais e campos irrigados, o paraíso do observador de pássaros, enfim, um mergulho de cabeça na flora e na fauna pantaneira – (Texto extraído do “folder” da Fazenda San Francisco).*

Quadro 11 - Fotos da Fazenda San Francisco.

**ACESSO**

**CAVALGADA**

**PASSEIO DE CARRO**

**PASSEIO DE BARCO**

**ARROZ IRRIGADO**

The collage features five photographs arranged on a green dotted background. The top photo shows a dirt road leading to a farm entrance with a sign that reads 'San Francisco'. The middle-left photo shows people riding horses through a shallow river. The middle-right photo shows a white truck with a canopy carrying passengers through a field of brown cows. The bottom-left photo shows a boat filled with people on a river. The bottom-right photo shows a large field of rice with many white birds flying overhead.

### 3.2. REFÚGIO ECOLÓGICO CAIMÃN

O Refúgio Ecológico Caimã é considerado por vários operadores como o principal atrativo ecológico do Pantanal Sul-Mato-Grossense e foi criado em 1987, em uma fazenda de pecuária denominada Estância Caimã. A Estância por sua vez surgiu a partir da “Miranda Estância”, tradicional fazenda na região fundada por investidores ingleses em 1912. A Estância Caimã tem 53.000ha de superfície e abriga em sua área três projetos que se completam: Ecoturismo, pecuária extensiva de corte e pesquisa de preservação do meio ambiente. Todas estas atividades estão amparadas pela ampla infra-estrutura instalada ao longo de 88 anos.

Hoje o Refúgio Ecológico Caimã possui dentro de sua área 04 pousadas e é o destino com maior infra-estrutura disponível para receber o turista no Pantanal, e também a opção mais confortável. O atrativo possui piscina, refeitório, área de estar, bar, loja de *souvenirs*, central telefônica com fax, etc. Para complementar, ainda possui cozinha que oferece um cardápio que abrange comidas típicas e internacionais, todos os apartamentos contam com facilidades como banho privativo, água aquecida, janelas teladas, ventilador de teto e ar condicionado.

Dentro do Refúgio Ecológico Caimã, encontra-se a Pousada Piúva, com capacidade para 13 hóspedes, equipada para atender uma demanda de padrão internacional, com uma infra-estrutura completa, inclusive com a disponibilidade de uma piscina para os hóspedes mais exigentes.

O Refúgio Ecológico Caimã iniciou suas atividades buscando atingir ecoturista estrangeiro, principalmente de países com nível de renda alto, como Estados Unidos, Alemanha, França, Suíça e Itália. Por muito tempo esta foi a principal demanda da fazenda. Na temporada 1999/ 2000 recebeu aproximadamente 4.200 turistas, divididos em 50 % de turistas brasileiros e 50% de turistas estrangeiros. Houve uma mudança em termos de origem da demanda especificamente no Refúgio Ecológico Caimã, a qual já foi de 90 % de estrangeiros.

Atualmente, segundo dados levantados em entrevistas, a demanda do Refúgio Ecológico Caimã é de 70% de brasileiros e 30% de estrangeiros, predominando uma demanda exclusiva para o ecoturismo oriunda da Europa e América do Norte, sendo grande

parte da demanda de observadores de pássaros. A demanda nacional é procedente do estado de São Paulo e Região sul do País, assim como nas demais propriedades pesquisadas.

O atrativo é todo concebido para atender o ecoturista, mas com o tempo passou a valorizar e a explorar os costumes locais para incrementar o produto. Hoje são oferecidos passeios a cavalo, acompanhados pelo peão pantaneiro e também um passeio na fazenda conhecendo as casas dos peões e se familiarizando com os seus costumes.

A fazenda também oferece um passeio típico do turismo rural, que é a “Comitiva”. Trata-se de um passeio oferecido para que o turista possa acompanhar o deslocamento de boiada dentro da área da própria fazenda. Foram construídas duas bases de apoio para a realização deste passeio, ambas com boa infra-estrutura, que contam com área telada para pernoite em redes, além de cozinha e banheiro. Este passeio é o único em que o turista tem a oportunidade de vivenciar uma das atividades profissionais do homem pantaneiro. A realização de comitivas para transportar o gado de um lugar a outro é uma tradição que existe desde que o gado foi introduzido no Pantanal, há mais de 200 anos. O pantaneiro utiliza deste recurso para levar o gado de uma região alagada para as regiões mais altas, onde a enchente não chega.

O produto Comitiva pantaneira com duração de um dia, com pouso em acampamentos no campo foi implantado há cinco anos. Caracterizado como uma atividade típica do turismo rural, passou a integrar os passeios devido à solicitação dos próprios turistas. Entretanto, este passeio não era muito procurado devido ao grau de dificuldade para quem não estava acostumado a fazer longas cavalgadas, e parou de ser oferecido pela fazenda.

Conhecida por oferecer aos turistas serviços de guias bilíngües com curso superior na área de biologia, geografia, veterinária, etc, certificou-se junto aos operadores que um dos pontos francos do atrativo é o fato de que não há uma integração dos guias com os turistas, acontecendo somente um contato profissional na hora de realizar os passeios. Isto faz com que o turista fique isolado durante sua permanência na fazenda, descaracterizando o atendimento informal, característico do turismo rural no Pantanal.

A demanda que recebe é predominante de ecoturista e segundo visão do atrativo o verdadeiro praticante do ecoturismo quer se isolar, quanto mais distante melhor. Já na avaliação dos operadores, existem perfis diferentes de ecoturistas que podem ser classificados

como aqueles que procuram realmente se isolar, e outros que gostam de conviver mais próximos da comunidade local, conhecendo sua cultura e seus costumes.

Foto nº 07 – Comitiva Pantaneira



Fonte: Águas do Pantanal Tour

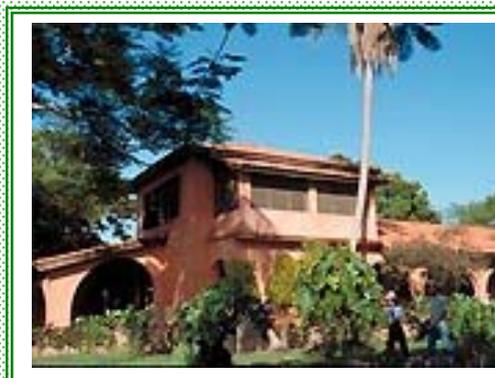
Criada em 1987 para ser destino de estrangeiros praticantes do ecoturismo, o Refúgio Ecológico Caimã também incorporou aos seus produtos algumas atividades do turismo rural. Os demais passeios oferecidos pela fazenda são:

- safári fotográfico em carro aberto.
- passeio de barco.
- passeio a cavalo.
- caminhadas.
- focagem noturna de jacaré.
- passeio de canoa

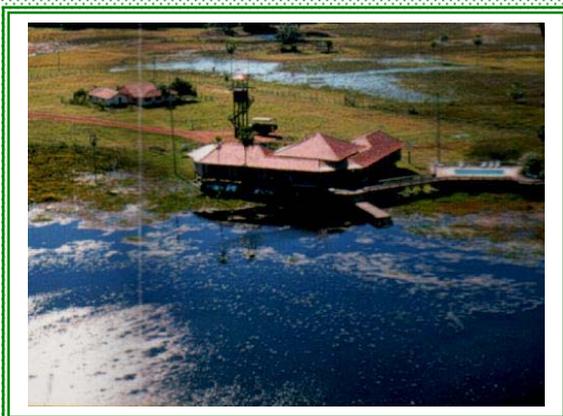
Assim como os demais atrativos turísticos no Pantanal, os passeios preferidos pelos turistas são a cavalgada e o safári fotográfico, devido à facilidade de observação da fauna que se espalha pelos 53.000 há da fazenda.

Também foram implantados passeios alternativos com a utilização de bicicletas, como uma sobreposição de atividades, importantes para manter a demanda por mais tempo no local. O interesse do turista na realização deste passeio se baseia no princípio do ecoturismo, ou seja, a observação da fauna e flora e a interação com o meio ambiente.

Quadro 12 - Fotos do Refúgio Ecológico Caimã



**SEDE**



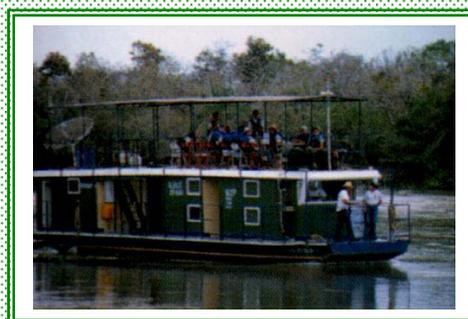
**POUSADA BIAZINHA**



**PISCINA**



**APARTAMENTOS**



**PASSEIO DE CARRO**

Considera-se o mês de janeiro como de alta temporada devido ao período utilizado pelo mercado turístico brasileiro, baseado no calendário. Entretanto, os operadores e proprietários de produtos turísticos são unânimes em concordar que no Pantanal não se pode considerar alta e baixa temporada, em período de cheia e período da seca.

O período da seca que vai de maio a outubro coincide com as férias no hemisfério norte, período em que o Pantanal tem a maior demanda de estrangeiros e se beneficiam do clima, pois não é muito quente e a incidência de mosquitos é muito menor do que o período da cheia e calor.

Atualmente o Refúgio Ecológico Caimã recebe aproximadamente 3.000 turistas por ano, que chegam no atrativo através da aquisição de pacotes de 3 e 4 dias, ou então usufruem o Day Use, criado especialmente para atender a demanda do turismo nacional e também como uma oportunidade de ofertar o atrativo para a demanda que chega para visitar a cidade de Bonito-MS.

A oferta de pacote de 01 dia sem hospedagem (Day Use) é muito bem aceita, pois Bonito possui uma oferta maior de hospedagem, fazendo com que torne a visita ao Pantanal mais acessível principalmente para a demanda nacional.

A infra-estrutura do refúgio ecológico Caimã é excelente e foi construída para receber turistas. Atualmente conta com 75 funcionários exclusivos para o setor do turismo, incluindo guias, cozinheiros, garçons, motoristas, etc. Considerando que a capacidade de hospedagem é de 70 pessoas/ dia, existem mais funcionários do que a oferta de leitos no atrativo.

A comunidade residente na fazenda é de 300 pessoas, sendo 120 funcionários no turismo e na pecuária, as duas principais atividades. Segundo declaração da Supervisora de Lazer Fernanda Melo, atualmente o turismo tem a mesma lucratividade do que a pecuária.

A comunidade em geral tem uma participação muito discreta no processo de exploração do turismo. É aberta à comunidade a confecção de produtos regionais para a comercialização na lojinha da pousada. Esta foi a única ação detectada de participação da comunidade no processo de lucratividade do turismo.

Para a divulgação e comercialização do seu produto, são feitos *workshops* em várias regiões do país e do exterior e participação de feiras junto com os operadores locais e nacionais. A divulgação sempre foi um aspecto marcante para o turismo da Caimã, que

iniciou suas atividades há mais de 15 anos e conseguiu criar um fluxo considerável de demanda da Europa para o Pantanal.

### 3.3. POUSADA AGUAPÉ

A Pousada Aguapé é hoje reconhecida pelos operadores como o melhor destino para a prática do turismo rural, e foi uma das pioneiras na oferta do segmento de turismo rural no Pantanal Sul-Mato-Grossense. O proprietário, João Idelfônio, foi um dos que primeiro acreditou na proposta de explorar o turismo, considerando o seu produto como turismo ecológico. Sua adesão à atividade foi de modo gradativo, pois inicialmente oferecia somente infra-estrutura para atender uma demanda de pescadores em área de camping às margens do rio Aquidauana.

A fase de transformação em um atrativo de pesca para ecológico foi longa, e hoje praticamente toda a oferta da fazenda se dá em virtude do turismo ecológico. A Fazenda Aguapé está localizada no município de Aquidauana, em uma região caracterizada anteriormente como área de transição entre o Pantanal e Cerrado havendo, portanto escassez de fauna e flora.

A exploração turística começou em 1990 e a experiência com o turismo de pesca não foi muito boa para a Fazenda Aguapé. Em seu relato, João Idelfônio conta que *“com o tempo fui percebendo que a demanda de pesca não agregava valor a nossa propriedade, pois é praticante de uma tipo de turismo “extrativista” que prejudica o desenvolvimento social da fazenda. O pescador quer corromper o funcionário da fazenda com a oferta de bebida alcoólica, ou seja compra o funcionário para conseguir alguma vantagem”*.

Continua dizendo que acredita em uma proposta de desenvolvimento sustentável do turismo em sua propriedade, com um crescimento social, ambiental e econômico. Com a mudança de oferta do turismo de pesca para o turismo ecológico, considera ter agregado valor a sua propriedade, pois os turistas gostam e valorizam tudo, sendo verdadeiros amantes da natureza.

Com a nova atividade turística viu sua propriedade ter uma melhora sensível na questão de relacionamento com os funcionários, os quais passaram a se julgar valorizados, e

não menosprezados pelos pescadores. Esta mudança foi benéfica para a qualidade de vida dos funcionários e para a produtividade da fazenda.

O proprietário classifica o turismo ecológico como a oferta de todos os componentes do eco-sistema, como fauna, flora, cultura, tradição, culinária, etc. Acredita que uma propriedade não tenha obrigatoriamente que ter uma grande quantidade de fauna para agradar o turista. Segundo ele, o valor cultural do produto é mais importante. Com base nesta declaração e observando as características do produto, é possível assegurar que na Fazenda Aguapé os valores culturais, usos e costumes do homem pantaneiro são valorizados no produto como um todo. Esta posição a coloca realmente como um típico produto de turismo rural, confirmando a posição de que o turista não precisa vir ao Pantanal só para ver animais.

A pousada tem uma oferta de 40 leitos, construídos com recursos oriundos da atividade pecuária da fazenda, pois as fontes de recursos disponíveis nos bancos eram inviáveis devido à alta taxa de juros do mercado. Hoje com o turismo sendo a maior fonte de receita da propriedade, está se fazendo uma inversão de aplicação de recursos, ou seja, o dinheiro arrecadado no turismo é investido em gado.

O proprietário nos relatou que o turismo no Pantanal não existe sem a presença do homem Pantaneiro e do boi, uma referência à importância da pecuária para a região.

A característica principal da Fazenda Aguapé é o atendimento familiar que é oferecido, pois tanto o proprietário como os operadores acreditam que a satisfação do turista que visita a fazenda é baseada neste item. Não existem pesquisas de demanda realizadas na fazenda e nem pelos operadores, os quais crêem que a grande parte dos clientes foram conquistados no chamado marketing de “boca a boca”.

A Fazenda Aguapé faz o uso sustentável do turismo, pois valoriza alguns aspectos importantes que são característicos do desenvolvimento local. Está inserida em projetos de preservação do cavalo pantaneiro, de preservação da Arara Azul e da Escola Pantaneira, projetos que visam a permanência e valorização do homem no Pantanal.

A escola Pantaneira foi criada para atender a comunidade pantaneira que não tinha acesso às escolas devido à dificuldade de locomoção no Pantanal. A partir de uma conversa do cantor Almir Sater com o secretário de Educação de Aquidauana, Francisco Trindade, surgiu a idéia da Escola Pantaneira, composta hoje por 10 unidades em fazendas do Pantanal, e que

conta com uma professora cedida pelo município, tendo como objetivo manter o homem no Pantanal, com a valorização de sua cultura, usos e costumes.

As Escolas Pantaneiras contam com a ajuda da WWF – *World Wild Fund* para a capacitação dos professores e da CI – *Conservation Internacional* para a estruturação das escolas. Esta iniciativa pioneira está ajudando na melhoria da qualidade de vida daquela população.

A comunidade que vive na Fazenda Aguapé hoje é de 30 pessoas, sendo que 17 trabalham efetivamente na fazenda cumprindo funções de atendimento no turismo e na pecuária. Cumprem ainda funções múltiplas na propriedade, pois assim estarão mais preparados para passar autenticidade ao turista.

As atividades típicas do turismo rural, como a lida com o gado é feita com muita cautela, pois o gado da fazenda e o gado pantaneiro em geral são considerados muito bravos. Por esta razão não oferecem manejo do gado no mangueiro e também a prática de comitivas.

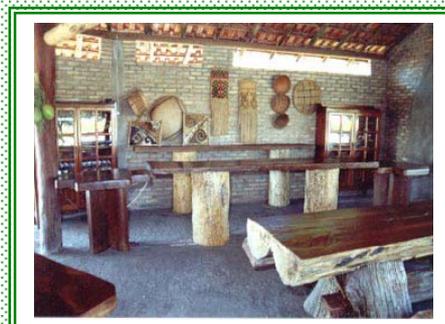
A demanda da Fazenda Aguapé também é oriunda, em sua grande maioria, do estado de São Paulo e da Região Sul. Como destino de turismo rural poderia voltar sua divulgação também para o município de Campo Grande, mas segundo os proprietários, somente 1% da demanda é procedente da capital do estado. Isto ressalta a afirmação dos operadores e proprietários de que é muito difícil comercializar somente o turismo rural.

A fazenda não oferece a prática do Day Use, por considerá-la uma atividade muito cansativa e pouco proveitosa para o turista, que necessitaria de pelo menos dois dias para conhecer toda a oferta da fazenda. Os proprietários não aceitam comparar o turismo rural que acontece no Pantanal com o que surgiu em Lajes-SC. Comentam que lá as propriedades são próximas da rodovia que liga a Região Sudeste a Região Sul, facilitando o acesso, tendo uma rotatividade muito grande e seu foco voltado para a culinária e ausência de fauna.

Quadro 13 – Fotos da Pousada Aguapé.



**SEDE**



**SALA**



**MANEJO DO**



**PASSEIO DE BARCO**



**PASSEIO A CAVALO**



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de exploração do turismo no espaço rural do Pantanal Sul-Matogrossense foi uma oportunidade única de aprofundar os conhecimentos sobre o turismo na região, suas características e particularidades. Como objetivo inicial a pesquisa foi direcionada para o ecoturismo, turismo ecológico, turismo rural e agroturismo.

Esta diversidade de atividade, aliada à similaridade existente, fez com que fossem encontradas dificuldades para a classificação de segmentos diferentes de turismo no Pantanal Sul-Matogrossense, já que não era encontrada a oferta de um tipo de segmento, sem a presença de um outro, mesmo que fosse de forma tímida. Em outras regiões, como no interior de São Paulo as práticas de ecoturismo são bem diferenciadas do turismo rural. Entretanto, foi detectado que esta não é a realidade do Pantanal, o qual pela sua grandiosidade permite que diferentes atividades turísticas sejam praticadas no mesmo espaço.

A pesquisa averiguou conceitos diferentes na teoria e em regiões distintas, mas para o Pantanal há que se considerar a prática do ecoturismo com a prática de várias atividades do turismo rural.

O Pantanal e o seu entorno possuem uma diversidade de fauna e flora que são a essência do ecoturismo, e também componentes para a prática do turismo no espaço rural. O processo histórico de ocupação da região, o homem pantaneiro, sua cultura e seus costumes complementam a oferta necessária para o completo aproveitamento do turismo.

Os recursos naturais do Pantanal podem ser aproveitados de forma harmônica para a exploração de diferentes tipos de turismo, ao mesmo tempo e espaço geográfico sem uma degradação do meio ambiente. Este conjunto de oferta valoriza o turismo no local e o diferencia de outras regiões onde o atrativo ofertado é único. A permanência do homem pantaneiro, e a manutenção de sua principal atividade econômica que é a pecuária, são primordiais para o futuro da prática do turismo de forma sustentável e com base local.

A demanda que atinge o local busca principalmente a contemplação da fauna e flora, mas também busca de forma complementar aproveitar a oferta cultural do local, integrando-se com a comunidade e com a vida do homem pantaneiro, conhecendo seus hábitos, participando do seu dia-a-dia no campo e mostrando-se preocupada com o seu bem estar e com suas condições de vida, sendo este um dos princípios básicos do ecoturismo.

A preocupação atual da sociedade mundial com a preservação dos espaços naturais dá ao Pantanal uma relevância de destaque como destino turístico de natureza. A exploração do turismo se torna importante, pois terá a responsabilidade de ser planejada com base na sustentabilidade para garantir a preservação para as gerações futuras.

A discussão da sustentabilidade em todas as suas instâncias levantadas nesta pesquisa foi importante para a definição de uma proposta de desenvolvimento sustentável com base local, para a contraposição ao modelo de desenvolvimento que se apresenta atualmente.

O modelo atual de desenvolvimento pode ser resumido pela declaração de Furtado<sup>6</sup>, onde assinala que:

*os dirigentes mundiais estão chegando à conclusão de que a dívida social gerada pelo modelo econômico local contemporâneo é muito maior do que os benefícios materiais por ele obtido. O modelo de desenvolvimento atual é um modelo destruidor. Para mudar a atual política de desenvolvimento deve haver um entendimento onde se encontrem meios para satisfazer as nossas necessidades, evitando a destruição.*

O desenvolvimento local é uma proposta adequada para o aproveitamento dos recursos naturais do Pantanal com a exploração do turismo. Os diferentes tipos de turismo pesquisados primam pela exploração sustentável do local, trazendo benefícios e uma maior participação da comunidade autóctone.

Optar por um desenvolvimento turístico sustentável e com base local requer alguns princípios de exploração aplicados corretamente, e que devem nortear todas as ações previamente estabelecidas e planejadas, para que venham a ser aplicadas no processo. O desenvolvimento local deve ser, por princípio, um desenvolvimento sustentável, e o turismo

---

<sup>6</sup> Celso Furtado – Revista Executivo Plus, Ano II, nº 25, Campo Grande: jun, 1986, p.31.

por ser uma prestação de serviços, pode e deve ser um exemplo de sustentabilidade na escala humana.

O turismo é uma excelente opção para o desenvolvimento de comunidades isoladas no Pantanal, carentes de outra opção viável de desenvolvimento econômico. Entretanto, a participação da comunidade local deve nortear todo o seu processo de implantação, exploração e direcionamento.

O engajamento do homem do local no processo de desenvolvimento do turismo no Pantanal serve para o aumento da auto-estima e valorização do ambiente local. O turismo é uma grande alternativa viável e uma ferramenta para a busca do desenvolvimento local com uma base sustentável e duradoura. Uma forma de oferecer às gerações futuras a chance de exploração do Pantanal.

Existe uma grande dificuldade em tentar classificar os segmentos de turismo praticados no Pantanal Sul-Matogrossense, pois o seu estudo no Brasil ainda é incipiente e ao mesmo tempo são atribuídos conceitos variados para uma mesma atividade. A prática desta atividade detectada no Pantanal não foi diferente, pois a conclusão é de que os segmentos são ofertados conjuntamente e se completam para satisfazer a demanda.

O ecoturismo, turismo rural, agroturismo e turismo ecológico que acontecem no Pantanal Sul-Matogrossense têm origens diferenciadas e se adaptaram perfeitamente em uma proposta de desenvolvimento local sustentável e integrado. Como resultado da pesquisa bibliográfica, foi possível estudar separadamente cada tipo de turismo que acontece no espaço rural. Para simplificar os resultados alcançados, foram colocados no quadro a seguir alguns diferenciais de cada tipo de turismo no Pantanal.

O praticante do turismo rural que se desloca com uma motivação de lazer e contemplação, busca as propriedades rurais com o intuito de vivenciar a vida diária do homem no campo, ou simplesmente por lazer, o que o diferencia do praticante de agroturismo que busca as atividades do espaço rural com o objetivo de adquirir conhecimento ou por simples questão de curiosidade.

Diferentes características foram identificadas no que se refere aos equipamentos e serviços de hospedagem: os ecoturistas são exigentes quanto à qualidade dos equipamentos e à forma como este estabelecimento explora o turismo; observa o destino que é dado aos resíduos

sólidos e líquidos; qual a relação de engajamento da comunidade local na atividade; o tipo de materiais utilizados na construção e principalmente a conservação do local e seu entorno.

No turismo rural a característica principal é a informalidade e a necessidade de se ter uma hospedagem com características familiares, sendo o atendimento feito pelo próprio proprietário da fazenda. Considerando a similaridade de ações de diferentes segmentos de turismo, serão apresentadas algumas características divididas por áreas.

Quadro 14 – Finalidades dos tipos de turismo.

<b>Itens</b>	<b>Ecoturismo</b>	<b>Turismo Ecológico</b>	<b>Turismo Rural</b>	<b>Agroturismo</b>
<b>Demanda</b>	Preocupada com a preservação do meio ambiente	Praticante de atividades esportistas ou de lazer	Busca o lazer e o convívio com os costumes e com a cultura local	Busca a interação com atividades produtivas de propriedades de destaque.
<b>Hospedagem</b>	Estabelecimento que respeita a natureza e oferece conforto	Sem necessidade de conforto	Atendimento familiar	Tradicional ou familiar
<b>Ambiente</b>	Ambientes naturais, de preferência com excelente estado de conservação.	Ambientes naturais, independente do estado de conservação.	Propriedades particulares com atividades produtivas.	Propriedades particulares ou empresariais com alta produtividade
<b>Atração Principal</b>	Fauna e flora	Paisagem e atividades	Dia- a- dia do campo	Novos conhecimentos

O turismo rural ao longo do tempo e durante o seu processo de instalação no Brasil sofreu algumas transformações, ocasionando hoje uma oferta diferenciada em várias regiões

do país. Com a proliferação do lazer e das atividades do turismo, surgiu a necessidade de busca por novos locais para a prática do turismo, principalmente em locais próximos da natureza. O turismo rural veio para complementar a oferta de ecoturismo praticado tradicionalmente no Pantanal Mato-Grossense, onde o turista pode se dedicar ao lazer, manter contato com a cultura do local, contemplar a natureza e vivenciar a vida do homem no campo.

O turismo rural é tradicionalmente reconhecido como uma atividade para ser oferecida aos moradores dos grandes centros urbanos localizados em um raio de no máximo 500 Km do atrativo. Porém esta não é a realidade do turismo rural no Pantanal, pois o número de turistas oriundos de Campo Grande-MS é mínimo, comparados com outros mercados.

Como complementação do ecoturismo, o turismo rural passou a despertar na demanda um novo interesse para o Pantanal, agregando valor ao produto. Dentro deste contexto, conclui-se que no caso do Mato Grosso do Sul o turismo rural utilizou princípios e práticas do ecoturismo para atrair uma demanda diferenciada. As propriedades que estavam isoladas em regiões do Pantanal ofereceram produtos diferenciados, sobrepondo vários tipos de turismo, como o turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo.

Esta sobreposição de práticas de turismo pode ser observada de maneira detalhada na fazenda San Francisco, onde existe uma oferta do ecoturismo com sua fauna e flora pantaneira, complementando a oferta com atividade de agroturismo, como os passeios às áreas de plantação irrigada da fazenda. A principal motivação da demanda nacional e internacional que atinge o Pantanal do Mato grosso do Sul é a observação da fauna e flora da região, sendo que a demanda nacional é complementada pelos pescadores que buscam o Pantanal para praticar a pesca esportiva.

O Refúgio Ecológico Caimã tem o seu produto totalmente voltado para atender à demanda do ecoturismo, e ainda complementa com algumas atividades do turismo rural. Na prática tem uma percepção formada e o conhecimento de que a demanda nacional e internacional que chega ao Pantanal vem em busca de observar a fauna e flora, e por isso direcionam todo o seu *marketing* para a demanda praticante do ecoturismo, principalmente no exterior.

A demanda do ecoturismo está aumentando no Mato Grosso do Sul, sendo incentivada pelos meios de comunicação que auxiliam na divulgação do destino Pantanal.

Com a implantação do turismo rural no estado, foi imaginado que este novo produto atrairia uma demanda nacional e internacional para visitar as propriedades rurais, vivenciar a cultura pantaneira, saborear a culinária regional e integrar-se com as comunidades. Entretanto, a demanda externa que chega ao Mato Grosso do Sul não vem em busca da prática do turismo rural, esta demanda busca a contemplação e benefícios do ecoturismo.

Como a prática do turismo rural e o ecoturismo podem ocorrer em uma mesma propriedade, temos a prática de uma atividade complementando a outra. Dessa forma, o turista hoje que vêm ao estado na busca do ecoturismo, pode ir para as fazendas do Pantanal e aproveitar a oferta do turismo rural que está inserido no mesmo produto.

Os recursos naturais do Pantanal podem ser aproveitados de forma harmônica para a exploração de diferentes tipos de turismo no mesmo tempo e espaço geográfico, sem uma degradação do meio ambiente. Este conjunto de oferta valoriza o turismo no local e o diferencia de outras regiões onde o atrativo ofertado é único, sem uma diversificação complementar.

Atualmente no Mato Grosso do Sul acontece a prática de um turismo híbrido, onde os destinos oferecem atividades diversas no espaço rural com características de tipos diferentes de turismo - turismo rural, ecoturismo, turismo ecológico e agroturismo. Esta oferta diferenciada de tipos de turismo complementa o produto Pantanal tornando-o mais competitivo perante o mercado nacional e internacional.

Para concluir será considerada a fala de João Idelfôncio, da Fazenda Agupapé, que diz que vê o turismo como a grande alternativa econômica para o Mato Grosso do Sul, fazendo inclusive uma comparação com a “braquearia” que foi a responsável pelo crescimento da pecuária no estado e que hoje atinge, aproximadamente, 22.000.000 de cabeças de gado. E complementa que é preciso buscar uma maneira para desenvolver o turismo de forma sustentável e o mais rápido possível, pois o momento é oportuno e favorável.

O Pantanal Sul-Matogrossense possui um potencial único para a exploração do turismo, com o poder de agregar em um único local um paraíso ecológico rico em fauna e ao mesmo tempo um lugar de características culturais fortes e uma economia consolidada em 200 anos através da fixação do homem e do boi pantaneiro. É possível ser ofertado um produto ímpar no mundo, necessitando apenas algo mais em termos de infra-estrutura.

A demanda que chega ao Mato Grosso do Sul busca essencialmente a observação da fauna e flora, porém os valores culturais podem e devem ser oferecidos juntos como recurso natural, criando assim um produto forte, completo, competitivo e único.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Joaquim A. (Org.). *et al.* **Turismo rural e desenvolvimento sustentável.** Campinas: Papirus, 2000.
- \_\_\_\_\_, Joaquim A. (Org.). *et al.* **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru: EDUSC, 2000.
- Anuário estatístico da EMBRATUR 1999. Ministério do Esporte e Turismo: Brasília 1999.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Esporte e Turismo: Brasília 2001.
- ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões.** São Paulo: Ática, 1995.
- ARAÚJO, José Geraldo F.. **ABC do turismo rural.** Viçosa: Aprenda Fácil, 2000.
- ÁVILA, Vicente F. *et al.* **Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudos em grupos e análise de conceitos.** Campo Grande: Ed. UCDB, 2000.
- BAPTISTA, Mário. **Turismo - competitividade sustentável.** Lisboa/ São Paulo: 1997.
- BARROS, Abílio Leite. **Gente pantaneira – crônicas de suas histórias.** Rio de Janeiro: Lacerda editores, 1998
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** São Paulo: Senac, 1998.
- \_\_\_\_\_, Mário Carlos. **Política e estratégia de desenvolvimento regional: planejamento integrado e sustentável do turismo..** *in:* **Turismo em análise** v. 10 n. 1. São Paulo: USP/ ECA, 1999.
- BLÓS, Wladimir. **O Turismo rural na transição para um outro modelo de desenvolvimento rural.** *In:* **Turismo rural – ecologia, lazer e desenvolvimento.**
- BODSTEIN, Luiz Carlos de Andrade. **Conservação ambiental e desenvolvimento turístico no Brasil – conciliação e perspectiva.** *In:* **Turismo em análise** V.3 N.º 1. São Paulo: USP, 1992.
- BOTELHO, Daniel Moraes e NASCIMENTO, Sandra Maria. **Turismo rural no extremo sul do Brasil.** Anais: II Encontro Nacional de Turismo Com Base Local. Fortaleza: UECE, 1998.

- BULLÓN , Roberto. **Ecoturismo – sistemas naturais y urbanos**. Buenos Aires: Librerías Turísticas, 1993.
- CAMPANHOLA, Clayton & SILVA, José Graziano. **O agroturismo como nova fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro**. *in*: ALMEIDA, Joaquim Anécio & RIEDL, Mário. **Turismo rural – ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor**. *In*: **Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Turismo Rural**. Piracicaba: FEALQ, 1999.
- CARPIO MARTIN, José. **Nuevas realidades em el desarrollo local em España e Iberoamérica**. *In*: **Seminário Internacional sobre Perspectivas de Desarrollo em Iberoamérica**. Santiago de Compostela, 1999.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo – atividade marcante do século XX**. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.
- CASTROGIOVANNI, Antônio (org.) *et al.* **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.
- COELHO, Daniel M. & JUNQUEIRA, Ana Maria R. **Perfil de empresários e características de propriedades de turismo rural no distrito federal**. *in*: **Anais do 2.º Congresso Brasileiro de Turismo Rural**. Piracicaba: FEALQ, 2000.
- DENCKER, Ada de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo, Futura, 1998.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. **Ecoturismo – diretrizes para uma política nacional**. Brasília: Embratur, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Estudos do turismo brasileiro**. Brasília: Terragraph, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Turismo rural – manual operacional**. Brasília: DEPALN, 1994.
- FABICHAK, Irineu. **A pesca no Pantanal de Mato Grosso**. São Paulo: NOBEL, 3. ed. 1882.
- FENELL, David A. **Ecoturismo – uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.
- Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Geografia do Brasil – Região Centro-Oeste. Vol 1**. Rio de Janeiro: IBGE, 1988.

- FURTADO, Celso. **Revista Executivo Plus**. Ano II – nº 25, p. 31 Campo Grande, 1986
- GARMS, A. **O turismo no plano de conservação da Bacia do Alto Paraguai – PCBAP**, MS. *in*: LEMOS, A.I.G. (org). **Turismo – impactos sócio ambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996.p.139-159.
- \_\_\_\_\_. **Pantanal: o mito e a realidade – uma contribuição à geografia**. (Tese de Doutorado, USP, 1993). São Paulo: D.G. – F.F.L.C.H., 1993.
- GOIDANICH, Karin L. & MOLETTA, Vânia. **Turismo ecológico**. Série Desenvolvendo o Turismo. Porto Alegre: SEBRAE, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Turismo rural**. Série Desenvolvendo o Turismo. Porto Alegre: SEBRAE, 1999.
- Guia brasileiro de pesca amadora**. Brasília: PNDPA, 1999.
- Guia ecológico Brasil – Guia nº 4 – nº 1 – Pantanal-MS**, 2000.
- Guia Philips Pantanal & Bonito**. São Paulo: Horizontes Geográficos & Publifolha, 2000.
- GUIMARÃES, Roberto P. **Desenvolvimento sustentável: propostas alternativas ou retórica neoliberal?**. *In*: 3.<sup>a</sup> Reunião Especial da SBPC. **Ecosistemas costeiros: do conhecimento à gestão**. Florianópolis: UFSC, 1996.
- HOSKEN, Fábio & VIGGIANO, Lúcia Maria. **Como implantar o turismo rural em sua fazenda**. Viçosa: CPT, 1997.
- IGNARA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- INTERNET. (<http://www.ondasnet.com.br/ibama/pira.htm>, 22/09/02).
- INTERNET. (<http://www.ibge.net/home/estatística/população/geo.htm>, 03/05/2002)
- INTERNET. (<http://www.pdturms.com.br>, 02/03/2002)
- INTERNET. ([http://www.programapantanal.org.br/especial\\_i.htm](http://www.programapantanal.org.br/especial_i.htm), 20/08/2001)
- INTERNET. (<http://www.pantanalnet.com.br>, 02/03/2002)
- JOAQUIM, Graça. **Turismo e mundo rural: que sustentabilidade?**. *in*: RODRIGUES, Adyr. **Turismo rural**. São Paulo: Contexto, 2001.
- KRIPPENDERF, Jost. **Sociologia do turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: civilizações Brasileiras, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia do turismo – para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2000.
- LAMEIRINHAS, Margarida. **Capacitação em turismo rural**. *in*: **Anais do 2.º Congresso Brasileiro de Turismo Rural**. Piracicaba: FEALQ, 2000.

- LIMA, Ignez Magdalena Aranha & MATIAS, Marlene. **Manifestações Folclóricas no turismo Rural**. In: **Anais do 2.º Congresso Brasileiro de Turismo Rural**. Piracicaba: FEALQ, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A cultura no contexto do turismo no espaço rural brasileiro**. In: **Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Turismo Rural**. Piracicaba: FEALQ, 1999.
- LINDBERG, Kreg & HAWKINS, Donald (Org.). **Ecoturismo - um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: SENAC, 1995.
- LOPEZ, Tereza. **Serviço social y desarrollo local**. in: **Colégio de Asistentes Sociales**. Chile, 1991.
- MARTÍNEZ, Francisco J. & MONZONÍS, Javier Solsona. **Alojamiento turístico rural - Gestión y Comercialización**. Madrid: Síntesis, 2000.
- MOREIRA, Fernando João. **O Turismo em espaço rural - enquadramento e expressão geográfica no território português**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 1994.
- NERI, Luciane de Fátima. **O PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo e sua importância para o desenvolvimento do turismo rural no estado do Paraná**. in: **Anais do II Congresso Internacional de Turismo Rural & Desenvolvimento Sustentável**. Santa Maria-RS, 2000.
- NERY, Neide. **A importância do animador no processo de desenvolvimento local**. in: **CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura. Programa de lideranças e técnicos em desenvolvimento local sustentável**. Módulo II. Brasília: CONTAG, 1998.
- OLIVEIRA, Cássio G. S. (org.). *et al.* **Turismo - no espaço rural brasileiro**. Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Turismo Rural. Piracicaba: FEALQ, 1999.
- \_\_\_\_\_, Cássio G. S.(org). *et al.* **Turismo - novo caminho no espaço rural brasileiro**. in: **Anais do 2.º Congresso Brasileiro de Turismo Rural**. Piracicaba: FEALQ, 2000.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. **Dicionário enciclopédico de ecologia e turismo**. São Paulo: Manole, 2000.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Desenvolvimento e crise no Brasil 1930-1983**. 16. ed., São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PERIN, Vera Inez & HOSKEN, Fábio M. **Agroturismo – um novo conceito de negócios**. Viçosa: CPT, 1999.

- PINTASSILGO, Joaquim & TEIXEIRA, Maria Adelaide (Org.). **Turismo - horizontes alternativos**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- PIRES, Paulo dos Santos. **A dimensão conceitual do ecoturismo**. *In: Turismo, Visão e Ação*. UNIVALI - Universidade do vale do Itajaí v.1, n.1. Itajaí: Ed. UNIVALI, 1998.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Ecoturismo no Brasil: uma abordagem histórica e conceitual na perspectiva ambientalista**. São Paulo: FFLCH/USP. Tese Doutorado, 1998.
- Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai –PCBAP/ Projeto Pantanal, **Programa Nacional do Meio Ambiente**. Volume II – Tomo V-B. Brasília: PNMA, 1997.
- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Agroturismo e desenvolvimento regional**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- RANGEL, Sheila. **O perfil do mercado turístico rural brasileiro**. *In: Turismo & Desenvolvimento Sustentável*. Anais do II Congresso Internacional. Santa Maria: UFSM, 2000.
- REVISTA FAMÍLIA AVENTURA. **Um safári no Pantanal**. 8. ed. São Paulo: Peixes, 1999
- REVISTA GEOGRÁFICA UNIVERSAL. **Everglades e Pantanal – Laboratórios da Natureza**. nº 191. Rio de Janeiro: Bloch editores: Outubro de 1990.
- REVISTA GLOBO RURAL. **Sob as Leis das Águas**. Ano 13 nº 144. Rio de Janeiro: Globo, 1997.
- REVISTA PESCA & COMPANHIA. 20.ed. São Paulo: Almeida Prado & Terra Cnceição, 1995.
- REVISTA TERRA. **Pantanal – a vida selvagem sob ameaça**. Ano 6, nº 9. São Paulo: Ed. Azul, 1997.
- REVISTA VEJA. **Santuário ameaçado**. Edição 1492 , ano30, nº 16. São Paulo: Editora Abril, 1997.
- REVISTA VIAGEM E TURISMO. **Altos e baixos de um pacote para o Pantanal**.. Ano 4 - nº 3. São Paulo: Abril, 2000.
- REVISTA VIAGEM E TURISMO. **É hora de curtir o Pantanal**. Ano 5 - nº 4, edição 42. São Paulo: Abril, 2000.
- REVISTA VIAGEM E TURISMO. **Um refúgio no Pantanal**. Ano 6 - nº 3, edição 53. São Paulo: Abril, 2000.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo - desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

- \_\_\_\_\_, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço - rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo rural**. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_, Adyr Balastrieri. **Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia**. In: Turismo Rural – Ecologia, Lazer e Desenvolvimento. ALMEIDA, Joaquim Anécio & RIEDL, Mário. Bauru: EDUSC, 2000.
- RIPOLL, Graciela. **Turismo popular – inversiones rentables**. México: Trillas, 1986.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável – a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo – razão e emoção**. 3. ed., São Paulo: Hucitec, 1999.
- \_\_\_\_\_, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SARTOR, Lourdes Fellini. **Turismo rural - uma alternativa de produção**. Porto Alegre: EST, 1981.
- SERSON, Júlio. **Ecoturismo e desenvolvimento sustentado**. In: Turismo em Análise V.3 N.º 1. São Paulo: USP, 1992.
- SONEIRO, Javier Callizo. **Aproximación a la geografía del turismo**. Espanha: Síntesis, 1991.
- SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável - conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.
- \_\_\_\_\_, John. **Turismo sustentável - setor público e cenários geográficos**. São Paulo: Aleph, 2000.
- \_\_\_\_\_, John. **Turismo sustentável - turismo cultural, ecoturismo e ética**. São Paulo: Aleph, 2000.
- TULIK, Olga. **Estratégias de desenvolvimento do turismo rural**. In: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Turismo Rural. Piracicaba: FEALQ, 2000.
- UFSM. **Turismo rural & desenvolvimento sustentável**. Santa Maria: UFSM, 2000.
- VARGAS, Heliana Comim. **Turismo e valorização do lugar**. In: Turismo em análise. V.9 N.º 1. São Paulo: USP, 1998.
- VIEIRA, Miguel. **Mitos e verdades sobre a pesca no Pantanal Sul-Matogrossense**. Campo Grande: FIPLAN-MS, 1986.

WEARING, Stephen & NEIL, John. **Ecoturismo, impactos, tendencias y posibilidades**. Madrid: Síntesis, 1999.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana F. A. & CRUZ, Rita de C. A. (Orgs). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ZIMMERMANN, Adonis. **Planejamento e organização do turismo rural no Brasil**. In:

ZIMMERMANN, Adonis & CASTRO, Isis. **Turismo rural - um modelo brasileiro**.

Florianópolis: Ed. Do Autor, 1996.

### **Entrevistas gravadas**

CORDELA, Fátima. Depoimento (outubro 2002). Entrevistador: Noslin de Paula Almeida. Campo Grande, 2002. 01 fita microcassete (60 min).

GONÇALVES, Ney. Depoimento (outubro 2002). Entrevistador: Noslin de Paula Almeida. Campo Grande, 2002. 01 fita microcassete (60 min).

IDELFÔNCIO, João. Depoimento (outubro 2002). Entrevistador: Noslin de Paula Almeida. Campo Grande, 2002. 01 fita microcassete (60 min).

LEITE, Arnaldo. Depoimento (setembro 2002). Entrevistador: Noslin de Paula Almeida. Campo Grande, 2002. 01 fita microcassete (60 min).

ZIMMERMANN, Adonis. Depoimento (maio 2002). Entrevistador: Noslin de Paula Almeida. Campo Grande, 2002. 01 fita microcassete (60 min).

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE DEMANDA

1) Idade:	2) Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	3) Profissão:
4) Estado civil: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Separado <input type="checkbox"/> Viúvo		
5) Cidade de origem:		
6) Meio de transporte Utilizado Até Campo Grande: <input type="checkbox"/> Carro <input type="checkbox"/> ônibus <input type="checkbox"/> Avião Até o atrativo: <input type="checkbox"/> carro <input type="checkbox"/> ônibus <input type="checkbox"/> avião <input type="checkbox"/> Van <input type="checkbox"/> Outros _____		
7) Renda mensal <input type="checkbox"/> Até R\$ 1.000,00 <input type="checkbox"/> Até R\$ 2.000,00 <input type="checkbox"/> Até R\$ 5.000,00 <input type="checkbox"/> Até R\$ 10.000,00 <input type="checkbox"/> Acima de R\$ 10.000,00	8) Média de gastos diários:	
9) Época das viagens: Janeiro de 2001		
10) Tempo de permanência na região <input type="checkbox"/> 01 dia <input type="checkbox"/> 04 dias <input type="checkbox"/> 02 dias <input type="checkbox"/> 05 dias <input type="checkbox"/> 03 dias <input type="checkbox"/> 06 dias <input type="checkbox"/> 7 dias ou mais	11) Está viajando <input type="checkbox"/> Sozinho <input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Grupo de agência de viagens <input type="checkbox"/> Amigos	
12) Utilizou os serviços de uma agência de viagens <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		
13) Motivo da viagem ao Mato Grosso do Sul <input type="checkbox"/> Negócios <input type="checkbox"/> Parentes <input type="checkbox"/> Lazer <input type="checkbox"/> Eventos <input type="checkbox"/> Turismo rural <input type="checkbox"/> Ecoturismo <input type="checkbox"/> Turismo ecológico <input type="checkbox"/> Outros _____	14) Motivo da escolha do local (Colocar em ordem de preferência) (1.º, 2.º e 3.º) <input type="checkbox"/> Fauna e Flora <input type="checkbox"/> Histórico <input type="checkbox"/> Atividades de Lazer <input type="checkbox"/> Culinária <input type="checkbox"/> Tranquilidade <input type="checkbox"/> Pecuária <input type="checkbox"/> Cultural <input type="checkbox"/> Agricultura <input type="checkbox"/> Comunidade local <input type="checkbox"/> Ambiente familiar	
<b>FAZENDA SAN FRANCISCO</b>		
15) Como teve conhecimento do atrativo <input type="checkbox"/> Indicação de amigos <input type="checkbox"/> TV <input type="checkbox"/> Jornais ou revistas <input type="checkbox"/> Anúncios <input type="checkbox"/> reportagens <input type="checkbox"/> Mala direta ] <input type="checkbox"/> Prospecto/ folder <input type="checkbox"/> Outros _____	16) Quanto aos atrativos (Colocar em ordem de preferência) (1, 2, 3, 4, 5, .....) <input type="checkbox"/> Passeio de barco <input type="checkbox"/> Paisagem <input type="checkbox"/> Pescaria <input type="checkbox"/> Fauna e flora <input type="checkbox"/> Passeio à cavalo <input type="checkbox"/> Pecuária <input type="checkbox"/> Caminhada <input type="checkbox"/> Agricultura <input type="checkbox"/> Culinária <input type="checkbox"/> Passeio de carro <input type="checkbox"/> Cultura local <input type="checkbox"/> Passeio na mata <input type="checkbox"/> Ambiente familiar <input type="checkbox"/> Área de lazer	
17) Quanto a infra-estrutura e serviços. 1. Acesso.....( <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo 2. Comunicação.....( <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo 4. Meios de transporte...( <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo 5. Hospedagem.....( <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo 6. Alimentação.....( <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo 7. Recreação.....( <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Péssimo		

## **ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROPRIETÁRIOS DE ATRATIVOS**

1. Quais as modalidades de turismo que são realizadas em sua propriedade?
2. Destas atividades, quais são as mais importantes?
3. Quais os benefícios trazidos pelo turismo?
4. Quais os problemas que o turismo causou na propriedade?
5. Qual o tamanho da propriedade?
6. Quantas pessoas trabalham diretamente com o turismo?
7. Qual a principal atividade produtiva?
8. Qual a procedência dos turistas?
9. Qual a capacidade de visitação da fazenda?
10. Qual o número de visitantes por mês?
11. Qual o perfil do turista?
12. O que mais agrada o turista na fazenda?
13. Como começou a exploração do turismo na fazenda?

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OPERADORES DE TURISMO**

1. Quais os segmentos de turismo comercializado por sua operadora?
2. Qual o seu conceito de turismo rural e ecoturismo?
3. Qual o perfil do consumidor destes dois tipos de turismo?
4. Quais os locais adequados no MS para a prática destes tipos de turismo?
5. Quais são as principais dificuldades para o desenvolvimento deste tipo de turismo no MS?
6. Com base na sua experiência e visão, opine sobre as perspectivas e tendências do turismo rural e ecoturismo no MS.
7. Quais as dificuldades em comercializar o turismo rural e ecoturismo no MS?
8. Quais as primeiras propriedades a oferecer turismo rural?
9. Já ofereciam outro produto ou não?

### ANEXO 3 – FICHA DA FAZENDA SAN FRANCISCO – PDTUR

<b>6 - ATIVIDADES TURÍSTICAS ESPORTIVAS</b>		
<b>Município:</b> MIRANDA	<b>Região 3</b>	
<b>Nome do Atrativo:</b> FAZENDA SAN FRANCISCO		
<b>Tipo de atividade:</b> - Turismo Rural - Turismo Ecológico		
<b>Categoria:</b> Completo	<b>Propriedade:</b> Privada	
<b>Localização:</b> 36 km de Miranda		
<b>Meios de Acesso:</b> - Rodoviário Pavimentado Cons. Boa - Hidroviário Fluvial		
<b>Acesso mais utilizado:</b> Rodoviário		
<b>Capacidade estimada:</b> 70 pessoas		
<b>Detalhamento da atividade exercida:</b> DAY USE: Calvagada Pantaneira, Turismo Agro Rural (técnico), e Focagem Noturna, Pesca Esportiva (Ambiente PRIVÊ- Tapera de Juma), capacidade para 80 pessoas por dia		
<b>Atividades viáveis no espaço / Observações / Sugestões:</b> Atividades e Passeios: safaris fotográficos em: carro safári + almoço pantaneiro + trilhas nas matas ciliares e da reserva + tour fluvial + pescaria de piranhas (com fornecimento de kit de pesca com varinha de bambu e anzol) + por-do-sol + guia local.		
    		
<b>Tipo de Pesquisa:</b> Campo	<b>Pesquisador:</b> Acadêmicos/ UFMS/ Aquidauana	<b>Data:</b> 11/9/1999

[Retorna](#)

## ANEXO 4 – FICHA DO REFÚGIO ECOLÓGICO CAIMÃN – PDTUR

4.2 - EQUIPAMENTOS HOTELEIROS COMPLEMENTARES		
<b>Município:</b> MIRANDA	<b>Região 3</b>	
<b>Nome fantasia:</b> REFÚGIO ECOLÓGICO CAIMAN		
<b>Tipo do Equipamento:</b> - Pousada Rural (Tur. Rural)		
<b>Categoria:</b> Completo	<b>Cadastro na Embratur:</b>	
<b>Razão Social:</b> R.K. Hotéis e Turismo		
<b>Endereço:</b>		
<b>Telefone:</b> (0xx) 67 687-2102	<b>Fax:</b>	
<b>Proprietário:</b> Roberto Luiz Leme Klabin		
<b>Informante:</b> Beatriz Diacópolos Rondon		
<b>Início das atividades:</b> 1987	<b>Perfil do Hóspede:</b> 50% nacional e 50% estrangeiro	
<b>Número de funcionários:</b> 51	<b>Consumo médio:</b>	
<b>Empresa hoteleira:</b> Não	<b>Capacidade:</b>	
<b>Vegetação de entorno:</b>	<b>Tipo de construção:</b> Alvenaria	
<b>Estado de conservação:</b> Boa		
INFRA ESTRUTURA BÁSICA		
<b>Água:</b> Encanada	<b>Energia:</b> Elétrica	
<b>Esgoto:</b> Tratado	<b>Lixo:</b> Coleta Seletiva	
<b>Total de leitos rurais:</b> 73	<b>Total de leitos urbanos:</b>	
<b>Licenças:</b>		
<b>Meios de acesso:</b> - Rodoviário Pavimentado Cons. Boa		
<b>Equipamentos de lazer e serviços:</b> - Telefone/FAX - Barcos		
<b>Observações:</b> A fazenda oferece passeio de barco, focagem de jacaré, cavalos e trilhas. Os guias são especializados, a maioria biólogos, trilingues (italiano/inglês/alemão). A fazenda é um complexo com 04 Pousadas assim divididas: Pousada Piúva com 6 apartamentos, Baiazinha com 6 apartamentos, Cordilheira com 6 apartamentos e Pousada Caiman com 11 apartamentos totalizando 39 unidades habitacionais e 73 Leitos.		
<b>Tipo de Pesquisa:</b> Campo	<b>Pesquisador:</b> Acadêmicos/ UFMS/ Aquidauana	<b>Data:</b> 11/11/1999

[Retorna](#)

## ANEXO 5 – FICHA DA POUSADA AGUAPÉ - PDTUR

<b>.2 - EQUIPAMENTOS HOTELEIROS COMPLEMENTARES</b>		
<b>Município:</b> AQUIDAUANA		<b>Região 3</b>
<b>Nome fantasia:</b> POUSADA E CAMPING AGUAPÉ		
<b>Tipo do Equipamento:</b> - Pousada Rural (Tur. Rural) - Camping		
<b>Categoria:</b> Completo		<b>Cadastro na Embratur:</b>
<b>Razão Social:</b> Vânia A. C. Murano & Cia. Ltda - ME		
<b>Endereço:</b> AQN - 04 (margem esquerda do Rio Aquidauana)		
<b>Telefone:</b> (0xx) 67 686 1036		<b>Fax:</b>
<b>Proprietário:</b> Vânia Alves Corrêa Murano e Luiz Alves C. Murano		
<b>Informante:</b> João Idelfonso		
<b>Início das atividades:</b> 1980		<b>Perfil do Hóspede:</b> 60% nacional e 40% estrangeiro
<b>Número de funcionários:</b> 17		<b>Consumo médio:</b> 115,00
<b>Empresa hoteleira:</b> Não		<b>Capacidade:</b> 156 pessoas
<b>Vegetação de entorno:</b> Rasteira		<b>Tipo de construção:</b> Alvenaria
<b>Estado de conservação:</b> Boa		
INFRA ESTRUTURA BÁSICA		
<b>Água:</b> Encanada		<b>Energia:</b> Elétrica
<b>Esgoto:</b> Fossa		<b>Lixo:</b> Enterrado
<b>Total de leitos rurais:</b> 60		<b>Total de leitos urbanos:</b>
<b>Licenças:</b> - Prefeitura - Estado - Orgão - Marinha - SEMA/MS		
<b>Meios de acesso:</b> - Rodoviário Não Pavimentado Cons. Regular		
<b>Equipamentos de lazer e serviços:</b> - Piscina - Bar - Restaurantes - Internet - Ar Condicionado - Lavanderia - Sala de jogos - Sala de Reunião - Quadra de Esporte - Barcos - Montaria/Cavalo		
<b>Observações:</b> Coordenadas: S 20°05'45" / W 55°57'54" Capacidade para 100 pessoas. Possui barracas, pias, banheiros, churrasqueiras, chuveiro elétrico, lavadeira e deck.		
		
<b>Tipo de Pesquisa:</b> Campo		<b>Pesquisador:</b> Acadêmicos/ UFMS/ Biologia/ Aquidauana
		<b>Data:</b> 11/23/1999

**ANEXO 6 – IMAGEM DE SATÉLITE DA FAZENDA SAN FRANCISCO****Fazenda San Francisco - Miranda - MS**